

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIELE SHORNE DE SOUZA

**A CIDADE DAS DAMAS E SEU TESOURO: O IDEAL DE
FEMINILIDADE PARA CRISTINA DE
PIZÁN NA FRANÇA DO INÍCIO DO SÉCULO XV**

CURITIBA

2013

DANIELE SHORNE DE SOUZA

**A CIDADE DAS DAMAS E SEU TESOIRO: O IDEAL DE
FEMINILIDADE PARA CRISTINA DE
PIZÁN NA FRANÇA DO INÍCIO DO SÉCULO XV**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em História, no curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2013

Aos meninos Levi (meu filho) Derik, Julio Cesar e Leonardo (meus sobrinhos). Desejando que eles tenham a oportunidade de conhecer mulheres que escreveram e que não fazem parte do cânone literário também nos seus livros didáticos... Que eles se apaixonem por História e que amem os livros.

Um agradecimento especial para o meu marido, Luiz Rodrigo de Souza, pelo seu apoio incondicional no meu caminho de longo estudo, pelas conversas, pelas inúmeras leituras que fez dos meus textos. Obrigada por seu amor sempre presente.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela Graça da vida, pela possibilidade do conhecimento.

À Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins, orientadora desta dissertação, pela amizade, por todo empenho, sabedoria, compreensão e, acima de tudo, exigência. Gostaria de ratificar sua competência, participação com discussões, correções, revisões e capacidade de incentivo que fizeram com que concluíssemos este trabalho.

À Profa. Dra. Marcella Lopes Guimarães, pela amizade e disponibilidade nas nossas conversas sobre História Medieval e tantos outros assuntos no facebook, obrigada também por suas colaborações e anotações acerca da História Medieval no momento da qualificação.

À Dra. Beatriz Polidori Zechlinski pelo carinho e desprendimento ao compartilhar suas ideias, seus livros, seu projeto de pesquisa e sua tese comigo desde o início desta pesquisa e ter contribuído com suas discussões sobre escrita de mulheres na qualificação desse trabalho.

À Secretária do Programa de Pós Graduação em História da UFPR Maria Cristina Parzowski por seu cuidado, amizade e por ter tantas vezes facilitado a vida de nós estudantes, cuidando das matrículas (manualmente em tempos de greve) e lembrando-me dos prazos, indo muito além de suas funções. Obrigada por sua disposição, competência e dedicação.

Aos meus amigos, Leandro Francisco de Paula, sou eternamente grata, por você ter me presenteado com Cristina de Pizán e André de Souza Carvalho, obrigada por ler meus textos opinar e sempre ter palavras de incentivo.

Às minhas amigas Karina Dalledone e Natália Guerellus pelas leituras e palavras de incentivo, mesmo longe, vocês estão sempre perto.

À Elen Biguelini pelos livros e artigos que me mandou de Portugal e pela ajuda nas traduções do francês.

À Georgiane Vasquez que me ouviu, me entendeu e me ouviu nas muitas vezes que eu precisei falar, reclamar e chorar.

Ao meu cunhado Luiz Thiago de Souza pela paciência e apoio técnico na hora de formatar, salvar, instalar programas que tornaram esse trabalho possível.

À minha sogra Lucy Mary Silva de Souza por ter cuidado do Levi com carinho e amor nos momentos que eu precisava me ausentar.

Ao meu sogro Luiz Carlos que tem sido um pai pra mim e que tem me incentivado desde o início desse trabalho.

À minha mãe Tereza Shorne, minhas irmãs e sobrinhas obrigada pelo apoio e paciência quando eu não tinha outro assunto a não ser esta pesquisa.

Ao meu irmão William por sua presença e por sua preocupação, pelas artes dos cartazes das oficinas e por todas as vezes que foi comigo pesquisar, levou e emprestou os livros na biblioteca da PUC pra eu poder pesquisar.

À todos os colegas que participaram das disciplinas de seminário e que colaboraram de alguma forma para a formulação das discussões presentes nesse trabalho.

A todos os meus amigos e amigas que sempre estiveram presentes me aconselhando e incentivando com carinho e dedicação.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução dessa Dissertação de Mestrado.

“O homem é duplamente ingrato: não reconhece a contribuição da mulher ao progresso da humanidade nem mesmo o agradece”

Cristina de Pizán

RESUMO

Buscamos compreender o ideal de feminilidade a partir da análise de duas Obras de Cristina de Pizán (1364-1430): “ Cidade das damas” e “ O Livro do Tesouro da Cidade das Damas”, ambas escritos no início do século XV. O primeiro livro foi desenvolvido a partir da ideia de utopia moral, a autora criou um mundo alternativo, resgatando mulheres ilustres do passado e exaltando mulheres valorosas do seu presente, mulheres estas com quem convivia e que eram suas comitentes. Assim mulheres de várias épocas estão ali com um propósito comum: a construção de um refúgio para elas, este refúgio encontra-se no campo das letras e é o próprio livro. O segundo livro foi onde a autora aconselhou todas as mulheres, as incentivou e as ensinou, através da valorização moral, como pleitearem o direito de fazerem parte da história juntamente com aquelas mulheres ilustres que integravam a Cidade das Damas. Estas obras de Cristina de Pizán nos possibilitaram uma abordagem diferente sobre o que é ser mulher no início do século XV, já que a maioria dos documentos desse período apresenta conceitos generalizantes, descritivos e estereotipados acerca das mulheres, presentes principalmente nas fontes clericais. Estes livros nos revelam um conjunto narrativo no qual pela primeira vez está presente uma posição feminina sem titubeios contra a imagem tradicional e estereotipada da mulher presente no final da Idade Média. Cristina de Pizán levantou-se em defesa das mulheres e participou de forma legítima dos debates intelectuais desse período, principalmente o que se refere às capacidades das mulheres e à educação feminina. Desta forma esta dissertação se inclui na área da História das mulheres e dos estudos de gênero

Palavras chave: Gênero, História das mulheres, escritoras, Idade Média

RÉSUMÉ

On essaye de comprendre son idéal de féminilité dans l'analyse de deux œuvres de Christine de Pizán (1364-1430): Le Livre de La Cité de Dame et Le Livre de Le Trésor de La Cité de Dame. Tous les deux écrits dans la première partie du XV siècle. Le premier était développé dans une idée d'utopie morale. L'auteur a créé un monde alternatif. A retrouvé de femme illustre du passé et a glorifié les héroïnes de son présent, le même qu'elle vivait avec et avions été ses commettants. Ainsi, les femmes de tous les époques sont présentes avec un propos pareil: la construction d'un refuge. Ce refuge est dans les lettres. Est dans le livre même. Le deuxième livre est dans l'auteur conseillent les femmes. Elle les encourage et les apprendre, grace à l'évaluation morale, comme elle pouvait demander le droit de faire part de la Histoire avec celle femme illustre qu'on était part de la Cité de Dame. Les œuvres de Christine de Pizán nous ont possibilité un abordage différent sur la femme dans le XV siècle, puisque la majorité des documents sur les femmes de cette période sont génériques, descriptifs et stéréotype, et sont présents surtout dans les sources cléricales. Cettes livres nous montrent un ensemble narratif laquelle pour la première fois une position féminine et présent sans des oscillations contre l'image traditionnelle et stéréotype de la femme existe dans la fin de la Moyen Âge. Christine Christine de Pizán à ses levés en défense des femmes et a participé de forme légitime des débats intellectuels de la période, particulièrement dans celle sur la capacité des femmes et leur éducation. Ainsi cette dissertation et part de la Histoire des Femmes et des études de genres (gender studies).

Mots-Clés : Genre (Gênero), Histoire de Femme, femme écrivain, Moyen Age.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: CRISTINA DE PIZÁN, UMA AUTORA DO SÉCULO XV E SEUS LEITORES DO SÉCULO XXI	19
1.1 - Cristina de Pizán, seus anos de formação, seu casamento e como se tornou uma escritora	20
1.2 - A Querela das mulheres: o embate de Cristina de Pizán contra a misoginia.....	28
1.3 - As obras de Cristina de Pizán através dos séculos: as leituras e interpretações feministas	34
CAPÍTULO 2: A OBRA “CIDADE DAS DAMAS” E A CONSTRUÇÃO DE UM REFÚGIO PARA AS MULHERES NO CAMPO DAS LETRAS	49
2.1 - O chamado de Cristina e a construção do refúgio para as mulheres.....	50
2.2 - A Cidade das Damas como Exemplum	58
2.3 - A Cidade das Damas entre o sonho e a utopia.	63
2.4 - Uma humanidade que tem como base a capacidade de fazer uso da razão.....	66
2.5 - A Cidade das Damas e o projeto de defesa da moral feminina.....	72
CAPÍTULO 3: CRISTINA DE PIZÁN E SEU PROJETO PEDAGÓGICO PARA TODAS AS MULHERES: “O TESOURO DA CIDADE DAS DAMAS”	85
3.1 - O Tesouro da Cidade das Damas (ou O livro das Três Virtudes, ou O Espelho de Cristina)	87
3.2 - As prováveis leitoras do livro do tesouro da cidade das damas: as mulheres do início do século XV.....	93
3.3 - Os conselhos de Cristina para as princesas e altas senhoras do reino.....	98
3.4 - Os conselhos de Cristina de Pizán às mulheres que viviam na corte e às religiosas.....	105

3.5 - Os conselhos de Cristina: as mulheres de estado, as burguesas e as mulheres do povo.....	108
--	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
---	------------

APÊNDICE I - CRONOLOGIA DAS OBRAS DE CRISTINA DE PIZÁN

(1364-1430)	126
--------------------------	------------

APÊNDICE II - CRONOLOGIA DAS CITAÇÕES DAS OBRAS DE CRISTINA DE PIZÁN (século XV até 1969).....	130
---	------------

APÊNDICE III : GENEALOGIA DE CARLOS V E CARLOS VI (SOBERANOS DE FRANÇA) DURANTE O PERÍODO QUE CRISTINA DE PIZÁN ESCREVEU	141
---	------------

INTRODUÇÃO

Essa dissertação de mestrado é a continuidade da pesquisa iniciada na monografia de conclusão do curso de História que teve como título “O conhecimento não corrompe: O pensamento utópico de Cristina de Pizán no alvorecer da modernidade”. O interesse pelo presente tema foi despertado quando no segundo ano da graduação em história, na disciplina de História Moderna I, a professora Dra. Ana Paula Vosne Martins nos falou sobre uma mulher chamada Cristina de Pizán, que escreveu e publicou ainda no início do século XV.

“Conhecer” esta autora me causou espanto, pois o silêncio ou a diminuta visibilidade da “expressão feminina” na Idade Média acabam por deixar em aberto muitas questões para a compreensão da complexidade da vida social, e cultural daqueles tempos. Afinal, se nos nossos dias ainda vemos a luta das mulheres que ainda enfrentam barreiras para definir e redefinir seu lugar na sociedade, eu “sabia” antes de conhecer a produção literária feminina, que o único lugar de atuação delas era o privado, os cuidados com a casa e com os filhos conforme havia aprendido nos livros didáticos de história com os quais tive contato ao longo do ensino fundamental e ensino médio.

Foi a partir do contato com Cristina de Pizán, escritora e pensadora que se envolveu nos debates em defesa do sexo feminino, autora de várias obras, entre as quais “*A Cidade das Damas*” e “*O Tesouro da Cidade das Damas*”, que pude compreender a existência de uma “história das mulheres”.

Assim compreendi que o debate acerca das mulheres, suas capacidades e seu lugar na sociedade acontecia desde a Antiguidade Clássica e que na Idade Média o debate foi retomado envolvendo principalmente os homens cultos da Igreja.

Repentinamente me vi enfrontada nas discussões e estudos sobre as relações de gênero na historiografia, pois nascer homem ou mulher é um fato que define os papéis desempenhados por esse indivíduo no dias de hoje como também definia no século XV, portanto se faz necessário entender o contexto no qual as questões de gênero se fazem presentes no debate historiográfico.

Na virada do século XIX as manifestações contra a discriminação das mulheres adquiriram visibilidade e expressividade maiores no interior do feminismo sufragista, um movimento voltado para estender o direito ao voto para as mulheres.

Esse movimento passou a ser reconhecido posteriormente como a “primeira onda” do movimento feminista.¹

Foi no desdobramento da chamada “segunda onda”, que teve início no final da década de 1960, que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, se voltou para construções propriamente teóricas.² Assim, a conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa.

As feministas reivindicavam a escrita de uma história que reconhecesse a ação das mulheres e também que explicasse a opressão e fosse inspiração para a ação no presente. As feministas acadêmicas responderam ao chamado de “sua” história e dirigiram os esforços e a erudição para uma atividade política mais ampla. No início, houve uma conexão direta entre política e pesquisa, contudo “os estudos iniciais sobre as mulheres incorreram no risco da simplificação de transformar a mulher em vítima ou heroína”.³ Mais tarde, entre a metade e o final da década de 1970, a história das mulheres afastou-se gradativamente da política feminista e ampliou seu campo de questionamento documentando aspectos da vida das mulheres no passado, adquirindo energia e identidade própria.

O acúmulo de pesquisas referente ao tema masculino/feminino, bem como o surgimento de controvérsias internas à academia, o avanço de diálogos interdisciplinares e ainda a visibilidade de teóricas feministas reconhecidas foram os indicadores da constituição de um novo campo de estudos, legitimado em parte, ao que parecia, por seu distanciamento da luta política ao qual estivera vinculado a princípio.

Finalmente, o uso do conceito de gênero desde o final dos anos 1980 ressignificou a política feminista e propiciou a este campo conseguir o seu próprio espaço, pois gênero, segundo a historiadora Joan Scott, é uma categoria útil para a análise histórica, uma vez que problematiza as diferenças construídas cultural e socialmente entre os sexos, colocando “ênfase sobre todo o sistema de relações

1 LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997 p. 14-15

2 BENOIT, Lelita Oliveira. **Feminismo Gênero e Revolução** Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/05lelita.pdf>> acesso em 28/04/2012

3 BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (org.) **Uma questão de Gênero.** Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992 p.10

que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade”.⁴

A emergência da História das Mulheres como um campo de estudo, nesta interpretação, parte do campo político para o relacional, denominado então de “estudos de gênero”, ou seja, sai de uma abordagem exclusivamente da política identitária para a história especializada e daí para a análise.

Assim, tendo em vista o aspecto relacional do conceito de gênero, entendemos que ele é fundamental não apenas para compreender o papel atribuído às mulheres, uma vez que este conceito pode ser utilizado para escrever, mas também fazer uma história das masculinidades e entender suas relações de poder e interdependência de gênero.

No século XV a mulher já tinha sua imagem hegemônica determinada pelo olhar do homem: ela era a figura frágil, inconstante e sedutora, que precisava ter sempre um homem para guiá-la, para ser a “cabeça”. Porém essa imagem feminina tinha nuances contrastantes, pois, desde o século XII, graças ao *amor cortês* e o culto à Virgem Maria, essa imagem também podia oscilar entre o papel de santa e o de sedutora, que corrompe o homem. Ela podia ser idolatrada, principalmente, na função de mãe ou da dama inalcançável e incorruptível.

O final do período Medieval foi um contexto de notáveis mudanças, pois com o fortalecimento político das cidades e o incremento das sociabilidades cortesãs as mulheres começaram a marcar sua presença de forma importante e significativa. Chegaram mesmo a dividir com os homens desde as tarefas domésticas até os papéis e ações de trabalho no cotidiano no caso das camadas mais populares. Exerceram o ofício de pedreiras, comerciantes, sapateiras e algumas vezes sem a tutela masculina. Os conventos eram os espaços para a autonomia feminina por excelência uma vez que as religiosas podiam aprender a ler e a escrever, bem como decidir sobre seu cotidiano.

Foi nesse contexto que Cristina de Pizán (1364-1430), filha de nobres e com educação privilegiada, conquistou seus primeiros “leitores” e “leitoras”. Era uma sociedade que começava a mudar suas estruturas e abrir-se economicamente, embora as fontes nos mostrem que as mulheres continuaram a ter seu acesso às letras dificultado, percebemos através de Cristina de Pizán uma pequena abertura

4 SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** (Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Avila.) Recife: SOS Corpo, 1991. p. 21

que permitia, mesmo que lenta e parcialmente que as mulheres pudessem vislumbrar um horizonte de perspectivas para além de fiar, gerar e parir.

Uma mulher escritora. Uma mulher que conseguiu desde o final do século XIV e início do XV, sustentar sua família com seus escritos, pois tinha muitas encomendas da corte, meio em que circulava livremente e apresentava seu “labor de mulher instruída”, como escreve Christiane Klapisch-Zuber na introdução do Volume II da *História das Mulheres do Ocidente*. Em uma época com poucas e raras oportunidades, Cristina de Pizán, graças à educação que recebeu na corte de Carlos V e a amizade e proteção que recebia de Isabel da Bavária, esposa de Carlos VI, destacou-se e sobreviveu de uma profissão cujo acesso ainda hoje é dificultado às mulheres.

No primeiro capítulo desta dissertação procuramos apresentar a autora, seus discursos e perceber as reverberações que seus discursos tiveram através do tempo, pois seus textos foram lidos e “usados” ao longo da história, desde o seu envolvimento na “querela das mulheres” (*Querelle des femmes*) ainda no século XV até o século XX quando feministas e não-feministas fizeram eco às palavras de Cristina de Pizán fazendo com que seus escritos participassem do embate igualdade X paridade⁵, sendo submetido à crítica literária feminista.

Embora os trabalhos referentes às obras de Cristina de Pizán insistam em ressaltá-la como uma escritora que “trabalhou para ganhar o pão de sua família”⁶ ou ainda a descrevam como a primeira a afirmar a sua identidade de autora, a marcar solenemente a sua entrada “no campo das letras”,⁷ precisamos ressaltar que como historiadoras não podemos simplesmente nos deixar levar pelas fontes secundárias e interpretar as ações e os escritos de Cristina de Pizán como se ela fosse uma pioneira ou uma protofeminista, pois ao observarmos o contexto e a época nos quais

5 Igualdade X Paridade ou Feminismo da igualdade X feminismo da diferença, A segunda fase do feminismo (segunda geração ou segunda onda) ressurgiu nas décadas de 1960 e 1970, em especial nos Estados Unidos e na França. As feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada. As propostas feministas que caracterizam determinadas posições, por enfatizarem a igualdade, são conhecidas como “o feminismo da igualdade”, enquanto as que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como “o feminismo da diferença” (NARVAZ, Martha Giudice, KOLLER, Silvia Helena, “**Metodologias feministas e estudos de gênero articulando pesquisa, clínica**” Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf> . acesso em 15/09/2012)

6 KAPLISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: *História das Mulheres*. Volume 2 - A Idade média. Edições Afrontamento. _____. p.09

7 Ibid. p.12

ela viveu e escreveu se pode entender que o extraordinário não está no fato dela ter escrito mas sim na sua capacidade em conseguir aliar a escrita com a sua sobrevivência na corte.

No segundo capítulo propomos a análise do livro “A Cidade das Damas”. Para tanto utilizamos três versões deste livro, uma tradução para o francês moderno de 1986, uma tradução para o espanhol de 2001 e outra tradução para o português de 2007, de onde tiramos a maioria das citações, a edição em Português tem uma lacuna entre os capítulos 3 e 7 da primeira parte, por este motivo quando necessário fazer citações tiradas destes capítulos incluímos no texto uma tradução nossa para o português.

O livro “A Cidade das Damas” foi apresentado como parte integral da busca de Cristina de Pizán pelo reconhecimento das mulheres na história. Esta obra constituiu seu sonho utópico, o próprio livro sendo um meio de libertação devido à autonomia que o conhecimento poderia conferir às mulheres, um refúgio moral que resgatava as mulheres das injúrias que os filósofos insistiam em repetir.

Este livro adotou uma forma alegórica e dialógica, com a presença de três personagens femininas, a Razão, a Retidão e a Justiça, que se dirigira a Cristina em uma espécie de sonho diurno e propuseram a construção de uma cidade para as mulheres, cidade esta que será construída pela escrita. Os materiais e as defesas desta cidade imaginária seriam as próprias mulheres excelentes. Como diz Maureen Quilligan, tratava-se de uma verdadeira alegoria da autoridade feminina, que permitiu a Cristina de Pizán revisar a história e ir incorporando todas as figuras femininas, desde as mitológicas amazonas até princesas e grandes damas da França, suas contemporâneas, passando pelas Sibilas, as mulheres ilustres e fortes da antiguidade, as mártires cristãs, as santas e tantas outras mulheres das culturas pagã e cristã.⁸

Cristina de Pizán contempla também as possibilidades que eram negadas às mulheres de sua época. Desta forma ela imagina sua utopia⁹ e como uma pensadora tardo-medieval ela via que no ato de trilhar um caminho para um lugar

8 LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval** Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada. p.12

9 Apesar de os medievais não terem pensado o conceito de utopia, que foi cunhado por Tomas More no ano de 1516 para designar uma ilha imaginária cujo nome remete a “nenhum lugar” tomo como base a definição do medievalista Hilário Franco Jr. (“...toda sociedade idealizada, concebida como evasão do concreto ou como proposta de mudanças nele.”) FRANCO JR., Hilário. **As Utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992 p.11.

melhor uma das formas mais completas de reflexão. A utopia medieval fornecia, portanto, um caminho para a perfeição.¹⁰ Ela imaginou um lugar onde pudesse reunir as mulheres de moral elevada para que estivessem acessíveis e fossem exemplo para suas contemporâneas e para a posteridade.

Cristina reuniu as mulheres buscando estabelecer uma moral feminina, mas ela também escreveu para tirar os homens de sua ignorância em relação às mulheres e para que os exemplos e conselhos apresentados em sua obra pudessem servir de espelho para outras mulheres.

Entendemos que as mulheres contemporâneas de Cristina de Pizán elogiadas em suas obras foram suas comitentes, pois Cristina necessitava de apoio e retribuía mostrando aos homens as virtudes femininas, pois grande parte do poder se concentrava nas mãos de Isabel da Bavária, esposa de Carlos VI, rei da França entre 1380-1422, que esteve grande parte do seu reinado incapacitado para exercer suas funções.

Com a ideia de utopia moral a autora criou um mundo alternativo, que faz mais do que refletir sobre este outro lugar. Serve também para pensar o tempo além do presente, já que mulheres de várias épocas se encontram na Cidade das Damas com um propósito comum, que é a construção de um refúgio seguro para que se abrigassem da violência do mundo, frequente no Medievo, e das palavras maledicentes dos homens.

Ela escreveu a respeito da dignidade feminina, se fazendo ouvir pelos poderosos da época, o que nos mostra que acreditava que se eles apoiassem a sua causa em favor das mulheres, serviriam de exemplos para os outros e mesmo os mais humildes se espelhariam neles, pois em “O Tesouro da Cidade das Damas” ela aconselha mulheres de todos os estratos sociais, inclusive as mulheres dos lavradores como pode-se observar no título do primeiro capítulo da Parte III de O Tesouro da Cidade das Damas:

“Aqui se começa a tavao das rubricas da terceira e derradeira parte daqueste livro, a qual se adereça aas molheres D’estado, das boas vilas ou lugares, e aas molheres de comuu povoo. E Depois aas molheres dos lavradores.”¹¹

10 cf. FRANCO JR., Hilário. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.11-12

11 PIZAN, Christine, **O Livro das três vertudes a insinança das damas**, Editorial Caminho, Lisboa 2002. p.259

Entre as brechas deixadas pelos homens Cristina vislumbrava aquilo que viria a ser a sociedade de corte. Ela percebeu que ali havia espaço para as mulheres para além do fiar e gerar filhos e os papéis que a tradição lhes atribuía.

Quando a Cidade das Damas foi concluída, Cristina foi novamente “convocada” pelas três graças, Razão, Retidão e Justiça, a novamente empunhar sua pena e escrever aquele que seria o livro “O tesouro da Cidade das Damas” ou “Livro das Três Virtudes”.

Para fazer a análise deste livro usamos a tradução para o francês de 1989 e uma edição fac-similada em português de um manuscrito que foi encomendado por D. Isabel de Borgonha datado de aproximadamente 1518, intitulado “O Espelho de Cristina, O livro das três vertudes e da insinança das damas”. Esta edição fac-similada que usamos nas citações.

O chamado “Livro do Tesouro da Cidade das Damas” ou “Livro das Três Virtudes” ou “O Espelho de Cristina” é analisado no terceiro capítulo. Ela aconselhou as mulheres para que pudessem fazer parte da Cidade das Damas, ou seja, ela incentivou e ensinou as mulheres de sua época como pleitearem o direito de fazer parte da história juntamente com aquelas ilustres damas que já estavam na sua cidade ideal.

A construção da Cidade das Damas tinha definido o papel da mulher verdadeiramente ilustre, pois aquelas que faziam parte da cidade tinham o direito de estar ali não por seu poder, riqueza ou nobreza. A Cidade das Damas se reservava àquelas mulheres que se ilustravam pela sabedoria, pela virtude, pelo discernimento e pela justiça.¹² Assim, qualquer mulher poderia se habilitar, independentemente de sua condição social, bastando apenas que cada uma conhecesse o reto caminho a partir da condição social em que cada uma delas vivia.

Entender como Cristina construiu seu refúgio moral como campeã da rainha Isabel da Bavária e como ela aponta este caminho quando propôs ensinar as mulheres com o seu “manual de educação moral” o “O Tesouro da Cidade das Damas”, ensinando a capacidade de se moldar a um ideal ético são os nossos objetivos principais.

Entendemos que Cristina foi desenhando o perfil da mulher ideal independentemente da sua condição social, etária ou familiar. Cabe ressaltar que o

12 CRISPIN, Maria de Lourdes, Introdução in: PIZAN, Christine de **O livro das três virtudes**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. p.20

livro foi endereçado a todas as mulheres, desde as princesas até as mulheres pertencentes às classes subalternas, aconselhando de religiosas a prostitutas. Cristina de Pizán foi além da classificação usual da época, que dividia as mulheres em três estados: virgens, viúvas e casadas. Dedicando cada parte de seu livro a uma categoria de mulheres, tomou cuidado em reduzir o número de conselhos dedicados àquelas que teriam que memorizá-los por não terem tanta familiaridade com a palavra escrita.

Percebemos que Cristina de Pizán, soube aproveitar seus privilégios na corte e saiu do lugar que lhe era destinado socialmente para mover-se em um meio masculino, primeiro quando pleiteou seus direitos e tentou recuperar seus bens após a morte de seu marido; depois quando decidiu escrever para suprir sua família e para expressar suas ideias. Continuou, assim, entre homens, devido ao fato das letras, assim como o direito, serem domínios masculinos por excelência em sua época.

Capítulo 1

CRISTINA DE PIZÁN, UMA AUTORA DO SÉCULO XV E SEUS LEITORES DO SÉCULO XXI

“La libération des femmes passe par le langage”

Hélène Cixous

A ausência das mulheres na produção dos discursos hegemônicos explica em parte, seu silenciamento ao longo da história. Durante séculos o discurso das mulheres esteve ausente da política, dos estudos teológicos, da escrita literária e da ciência.

Com acesso limitado à educação a maioria das mulheres foi confinada às funções para as quais foram destinadas socialmente com uma fundação natural,¹³ a saber, ser esposas e gerar filhos.

Apesar disso, algumas mulheres ousaram transcender seu lugar e proferir seus discursos através da escrita, reverberado através do tempo. Cristina de Pizán foi uma dessas mulheres. Ela ousou proferir suas palavras e através da escrita seus textos alcançaram grande repercussão. Ela fez reivindicações em nome das mulheres, afirmando que a diferença e desigualdade entre homens e mulheres era social acima de tudo. Quando escreveu ela foi além do cânone literário da época ilustrando uma maneira diferente de “estar no mundo”. Neste capítulo busca-se demonstrar como ela se revelou uma combatente naquela sociedade do final do século XIV, demonstrando um sentido crítico e uma vontade de intervir no cenário político-histórico.

13 BESSE, Marie Graciete. Entre le silence et le cri: la voix des femmes dans la littérature portugaise Contemporaine. Disponível em <http://www.crimic.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/besse.pdf>. acesso em 21/05/2012.

1.1 - Cristina de Pizán, seus anos de formação, seu casamento e como se tornou uma escritora.

“Teu pai [diz uma dama a Cristina], grande sábio e filósofo, não pensava que por se dedicarem à ciência, as mulheres seriam menos valorosas. Ao contrário, como bem sabes, lhe causou grande alegria tua inclinação ao estudo. Foram os julgamentos femininos de sua mãe que te impediram de durante a juventude aprofundar e estender teus conhecimentos, porque ela só queria que te entretivesses em fiar e outras miudezas que são ocupações habituais das mulheres.(...) E tua mãe não pode arrancar-te este gosto pela ciência, esta tendência natural te permitiu ir construindo o saber, ainda que fosse recolhendo migalhas.”¹⁴

Cristina de Pizán nasceu em Veneza em 1365 e mudou-se para França ainda muito jovem. Tinha cerca de cinco anos quando seu pai Tommaso di Bevenuto da Pizzano, professor da universidade da Bolonha, foi convidado à corte de Carlos V (1364-1380) como astrólogo e médico pessoal do rei.

Cristina de Pizán foi educada juntamente com as princesas, uma vez que Carlos V ordenou que a filha de seu médico participasse de todas as festas e divertimentos da corte compatíveis com sua idade.¹⁵ O pai incentivou seus estudos, algo extremamente incomum para a época, uma vez que Cristina, sendo mulher não teria acesso aos conhecimentos e ao uso da palavra escrita em sua educação elementar.

Incentivada pelo pai ela teve uma educação humanista que encontrava em Platão seu “supremo filósofo”, guardando como princípios as letras clássicas e a retórica.¹⁶ Essa formação baseada no ensino das humanidades visava à formação do indivíduo como um ser livre, autônomo e liberado das servidões da natureza e da limitação de suas capacidades pela ignorância, permitindo que ele fosse construtor de si mesmo, isto é tendo não só a capacidade de decidir segundo padrões morais elevados, mas também fosse pessoalmente livre ao fazer essas escolhas¹⁷.

Desde a infância Cristina esteve cercada de livros, e depois frequentou a vasta biblioteca de Carlos V, admirável para sua época devido à quantidade de livros e manuscritos que possuía. Cristina acostumou-se a ler sobre as questões mais

14 PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.199-200 (tradução nossa)

15 LEMARCHAND, Marie José. **Introducción** in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.11

16 LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais da Idade Média**. Lisboa: Studio Cor, _____ p.166

17 Ibid. p. 164-175

diversas e refletiu sobre este conhecimento, dando exemplos de autores clássicos com os quais tivera contato, revelando grande familiaridade com suas obras. Provavelmente a partir desta aproximação e com os livros é que Cristina iniciou suas reflexões sobre a necessidade de as meninas terem acesso ao conhecimento e aos estudos da mesma forma como alguns meninos tinham.¹⁸

A mãe de Cristina, embora fosse filha de um homem instruído, o anatomista Mondino de Luzzi,¹⁹ se opunha vivamente à instrução da filha²⁰ em matérias que não tratassem dos deveres domésticos. Ela refletia o pensamento da grande maioria das pessoas de sua época, de que os estudos corrompiam as mulheres, sendo então impróprio esse tipo de educação “masculina” a uma jovem.

Assim, Cristina muito cedo entrou em contato com a realidade de que nascer mulher era algo determinante na sociedade e seu papel seria o de cumprir os deveres de esposa fiel, mãe carinhosa e servil. As únicas tarefas bem aceitas socialmente eram, portanto, aquelas relacionadas ao âmbito doméstico²¹. Foi contra este tipo de pensamento limitado e originário da misoginia²² que ela, viria a escrever-se mais tarde.

Cristina casou-se jovem, aos 15 anos, o que não era incomum em sua época, já que se devia evitar que as mulheres, “inclinadas ao vício por natureza” segundo ditava a tradição para que não se corrompessem em uma prolongada espera por um marido, além de haver uma taxa de mortalidade elevada e a necessidade de que as mulheres gerassem herdeiros tão logo estivessem prontas para isso. Seu casamento com Estienne de Castel, que em 1380 foi nomeado

18 LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval** Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada p. 21-22

19 Mondino de Luzzi, avô de Cristina de Pizán, é um reconhecido anatomista medieval, professor da universidade de Bolonha e autor do primeiro manual de anatomia baseado na prática da dissecação de cadáveres. cf. PIERO, GIORGI **Biografia de Mondino de Luzzi di Bologna** Disponível em: <<http://137.204.24.205/cis13b/bsco3/mondino/notbyed/mondnotbyed.pdf>> acesso em 14/05/2012.

20 Cristina de Pizán fala sobre “os julgamentos femininos” de sua mãe contra seus estudos no início do livro “A Cidade das Damas”. (Cf PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.199-200)

21 VASQUEZ, Maria Gabriela. **Algunas reflexiones sobre Cristina de Pizán y su obra ‘La Ciudad de las damas’** Disponível em: <http://agendadelasmujeres.com.ar/pdf/reflexiones_cristina_de_pizan.pdf> acesso em 15/04/2012

22 Segundo Howard R. Bloch, qualquer definição essencialista da mulher, seja ela positiva ou negativa, feita por um homem ou uma mulher, é a definição fundamental da misoginia. (BLOCH, R. Howard, **A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental** Tradução: Claudia Moraes, Rio de Janeiro, Editora 34, 1995 p. 13)

secretário do rei²³, é lembrado nas baladas de Cristina de Pizán que dizia ter sido feliz desde a primeira noite ao lado de seu marido.

A década de 80 foi conturbada para a França. Com a morte do rei começou um período de incertezas, tanto na política interna quanto na política externa do reino. O filho de Carlos V, que já era órfão de mãe, estava com apenas onze anos por ocasião da morte do pai. Embora Carlos VI tenha sido coroado rei no ano seguinte à morte de seu pai, quem governava de fato eram seus tios paternos, duques de Anjou, de Berry, da Borgonha e de Bourbon, devido a sua menoridade. Aos 20 anos, Carlos VI conseguiu se livrar da influência dos regentes com a ajuda do Condestável Olivier de Clisson, inimigo político dos Duques de Berry e da Borgonha. Ao mesmo tempo, cresceu o apoio ao seu irmão mais novo Luís I de Valois, que Carlos fez Duque de Orleans em 1392.

É importante entendermos este contexto político devido à repercussão das obras de Cristina de Pizán e principalmente pela sua capacidade em movimentar-se entre essas disputas ao fazer laudações em suas obras a cada uma das casas dos regentes através das figuras femininas, garantindo, desta maneira, proteção em um reino em conflito aberto. A luta pelo poder na corte entre os tios de Carlos VI desencadeou outra crise, pela liderança da Universidade de Paris.

Desde o momento do funeral de Carlos V, já se instalara uma disputa de poder entre o *prévôt*²⁴ de Paris e os universitários comandados pelo reitor. Com o afastamento de Hugues Aubriot do cargo de *prévôt* e o fortalecimento do poder do reitor, a própria universidade impunha-se como a 'única detentora de todo o saber'. Esse fato teve consequências na vida de Cristina de Pizán alguns anos mais tarde, por ocasião de seu envolvimento na "Querela das mulheres".²⁵

Toda esta tensão também desencadeou uma crise econômica e política, gerando protestos entre a população contra os aumentos constantes nos impostos. Foi um momento conturbado também para a família de Cristina que perdeu o

23 LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval** Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada p. 12

24 Segundo Lucimara Leite, a palavra *prévôt* refere-se ao nome dado a diversos oficiais e magistrados, de ordem civil ou judiciária, a partir do século XII. cf. Ibid. p.12-13

25 LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval** Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada p.23-24

prestígio que tinha na corte. Seu pai morreu em 1386 e três anos depois seu marido também faleceu, deixando-a viúva após uma década de casamento.²⁶

A viuvez aos 25 anos foi um marco crucial, uma vez que sem a presença do pai Cristina, encontrava-se a mercê da própria sorte, com seus três filhos e a mãe (algumas fontes citam também uma ou até mesmo duas sobrinhas prestes a casar)²⁷ a quem deveria prover, pois seu pai não deixou herança para a família. Com a morte de Estienne muitos falsos credores se aproveitaram da situação e tomaram os bens da viúva, algo que era muito comum na época, uma vez que normalmente a esposa não tinha conhecimento dos negócios em que o marido falecido estivera envolvido.²⁸

Graças ao conhecimento que tinha das leis, Cristina de Pizán foi em busca do que lhe era devido e de seus direitos. Mesmo tendo que lutar nos tribunais, outro território essencialmente masculino, anos mais tarde conseguiu reaver os bens que legalmente pertenciam a ela e aos seus filhos. Enquanto isto, para prover sua casa e a família, passou a fazer aquilo que melhor sabia, ou seja, escrever.²⁹ Recolhida em seu *scriptorium* - lugar em que se exercia a atividade intelectual - Cristina dedicou-se à literatura sob a forma de romances encomendados pelas esposas dos príncipes.³⁰

Por esse motivo Cristina de Pizán foi intitulada como a primeira escritora profissional da literatura francesa que reivindica o “estudo” como um espaço íntimo (e isto constitui uma novidade no século XV, já que a partir deste momento haverá uma câmara separada do resto das dependências das residências aristocráticas para poder retirar-se) e como lugar de criação literária e instrução pessoal.³¹ Assim, Cristina de Pizán iniciou a reivindicação do “EU” literário de um ponto de vista

26 LEMARCHAND, Marie José. Introducción in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.15

27 LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem** da moral de resignação Doutorado - em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais. USP. Maio 2008 (tese não publicada) p. 13

28 LEMARCHAND, Marie José. **Introducción** in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001. pp.24-25

29 LEMARCHAND, Ibid. p.14-16

30 WUENSCH, Ana Miriam **Mundos Reflexionados**: Filósofas através da história. Disponível em: <http://www.creamundos.net/primeros/Revista/Edicao01/Cuestiones/Cuest_Mulheres_Filo.htm> acesso em 15/11/2011.

31 Marie José Lemarchand traz essa informação na introdução do livro **La ciudad de las damas**.(LEMARCHAND, Marie José. **Introducción** in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001. pp.20-26

feminino em um momento em que a palavra “autoria” só se referia ao autor masculino.³²

Cabe ressaltar que na literatura medieval frequentemente os textos eram escritos anonimamente.³³ A noção de autoria que temos hoje, como propriedade intelectual, era inexistente quando Cristina de Pizán escreveu, pois os textos eram manuscritos e isto dava liberdade aos copistas e compiladores.

O que importava no medievo era a obra e não quem a escrevia. Por isso muitos autores se limitavam a reescrever histórias, recontar lendas e honrar escritores e filósofos clássicos ou os pais da Igreja.³⁴ A criação textual e o papel do autor eram secundarizados, já que, criador, somente era Deus, o texto original é manipulado, interpretado em função das novas autoridades, e deste modo perde-se o controle sobre a sua autoria.

Cristina de Pizán não escreveu anonimamente, ela deu uma voz feminina a autoria, quando a exemplo, em sua obra “A Cidade das Damas” (1405) conversa e argumentou com as autoridades, as Damas Razão, Retidão e Justiça. Nesta obra percebemos uma evolução na linguagem vocativa utilizada por Cristina ao dialogar com as Damas que lhe aparecem em sonho.

Na primeira parte desta obra, as damas chamaram Cristina de Filha, estabelecendo claramente a relação mestra-discípula, na segunda parte a Dama Retidão chamou Cristina intercalando os vocativos filha e amiga e na terceira parte a Dama Justiça quando dirigiu-se a Cristina chamando-a pelo próprio nome, ao ponto de esgotar seus argumentos com a frase “não sei mais o que dizer-te Cristina” utilizada em várias passagens.

Notamos com isso como Cristina de Pizán demonstrou como conquistou a autoridade em seu próprio texto, graças a sua erudição, assumindo pessoalmente suas ideias e a autoria em um contexto em que isto não era comum.

As primeiras publicações de Cristina de Pizán são de 1394. Basicamente tratava-se de composições poéticas e baladas, mas sua verdadeira notoriedade começou em 1402, data da publicação de *L'Épître au Dieu d'Amours* (Carta ao Deus

32 LÓPEZ, Beatriz (2004), “Cristina de Pizán. *La ciudad de las damas*”, *Letra de Dona in Centre Dona i Literatura, Barcelona, Centre Dona i Literatura* / Universitat de Barcelona. Disponível em: <http://www.ub.edu/cdona/lletra_de_dona/fitxautora/pizan.htm> acesso em 02/09/2012

33 CAMACHO, Maria Fernanda Gomes. *Literatura Medieval y Humanismo*. Artigo Disponível em: Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos93/sobre-literatura-medieval-y-humanismo/sobre-literatura-medieval-y-humanismo.shtml#literatura#ixzz2H2H93Yhm>> acesso em 04/01/2013)

34 CAMACHO, Ibid.

de Amor) com que iniciou a polémica sobre o *Roman de La Rose* (*Romance da Rosa*), sobre a obra de Guillaume de Lorris.

Cristina de Pizán também se dedicou às traduções de várias obras e escreveu manuais didáticos, sendo muito apreciada pelos seus leitores contemporâneos. Foi biógrafa de Carlos V e escreveu também sob encomenda e em homenagem à rainha Isabel da França, sobre outro tema muito comum na época, a vida bucólica.

Podemos mapear as comitentes de Cristina de Pizán graças principalmente a laudação que fez às princesas e damas da França no capítulo 68 de “A cidade das Damas”:

“Sobre aquelas que vivem neste reino, o que pensais delas? Não vos parece que muitas delas são dignas de serem incluídas na nossa cidade? Não serão elas tão dignas quanto as estrangeiras?” A dama Retidão responde: “Querida Christine, asseguro-te que encontramos entre elas mulheres muito virtuosas e que me dariam muito prazer que fossem nossas cidadãs”³⁵

As mulheres elogiadas por Cristina de Pizán neste texto eram:

- Isabel da Bavária, esposa de Carlos VI e rainha da França;
- A duquesa de Berry, esposa do rei João da França, irmão de Carlos V;
- Valentina, duquesa de Orleães, filha do Duque de Milão e esposa do Duque João, filho do rei João da França;
- Margarida, duquesa de Borgonha, esposa do duque João, O Sem Medo, filho de Filipe, o Bravo, que por sua vez era filho do falecido rei João da França;
- Maria, condessa de Clermont, filha do duque de Berry e da sua primeira mulher, esposa do conde de Clermont, filho herdeiro do duque de Bourbon;
- Duquesa de Holanda e condessa de Hainaut, filha de Filipe, o Bravo, de Borgonha;
- Ana, duquesa de Bourbon;
- Bonne, condessa de Saint-Pol, filha do duque de Bar, e prima em primeiro grau do Rei Carlos VI;
- Ana, filha do duque Le Marche e esposa de Luís da Bavária.

Desde o século XIII, na França, as transformações estavam chegando de forma muito rápida. As cidades começavam a se destacar e se sobrepôr ao campo, e o apego às coisas mais simples era uma maneira de se garantir um mínimo de

35 PISAN, Christine de. **A cidade das Mulheres.Coisas de Ler**. Lisboa. 2007 p. 120-122

segurança, tão ansiada naqueles anos. As disputas entre França e Inglaterra passavam por alguns momentos de trégua. O casamento entre o Rei inglês Ricardo II com a filha de Carlos VI, selou um acordo de paz entre os dois países que estavam alternando momentos de guerra e paz desde 1337, início do que passou a ser conhecido como a Guerra dos Cem Anos. Esta aliança foi favorável à família de Cristina de Pizán, pois possibilitou a ida do filho mais velho da escritora, Jean, para a Inglaterra a fim de que fosse educado com o filho do conde de Salisbury. Outra vantagem foi a possibilidade de que algumas obras de Cristina fossem traduzidas para o inglês, o que lhe rendeu um convite para que vivesse na Inglaterra. Este convite não foi aceito pela autora, pois com a morte do rei em 1400 as relações políticas entre França e Inglaterra voltaram a ficar conturbadas.³⁶

Seu filho regressou à França após três anos, sob a proteção do duque de Orleans. Mais tarde Jean exerceu a mesma profissão de seu pai como secretário do rei. Enquanto esperava o filho mais velho voltar, Cristina sofria com o falecimento de seu filho mais novo e sua filha decide, mesmo contra a sua vontade, entrar no convento de Saint-Louis de Possy.³⁷ É neste mesmo retiro que Cristina de Pizán estava por ocasião de seu falecimento em 1430.

Contemporânea da Guerra dos Cem Anos, Cristina de Pizán movimenta-se com maestria entre os Valois e os Bourdignons, as duas facções rivais na luta pela hegemonia política. A aquisição deste *savoir vivre* está na base do Livro “O Tesouro da Cidade das Damas”, onde ela demonstra de maneira prática como se portar nas diversas situações:

“E levantadas as mesas e dadas graças, segundo bõo costume, se hi houver príncipes ou senhores, ou donas ou donzelas, ou outros estrangeiros, aquela que em todo será bem ensinada, receberá cada huu se Teerá por contente. E falará com eles doce e alegremente, d’hua maneira aos velhos e d’outra aos mancebos. E se se veer a falar d’alguu prazer ou alegria, ela se governará per ttal maneira e assi aprazível que todos a louvarom por huua sajes e graciosa senhora e que se sabe bem governar em todas maneiras. Desi, ela se retraerá a sua camara, quando por tempo, e repousará”³⁸

[E ao levantar da mesa e agradecendo, segundo o bom costume, se estiverem príncipes ou senhores, ou donas ou donzelas, ou outros

36 LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval** Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada pp 29-30

37 Ibid. p 31-32

38 PISAN, Christine. **O Livro das três virtudes, a Insinuação das damas**. Editorial Caminho, Lisboa, 2002 p.124

estrangeiros, aquela que em tudo será bem ensinada, receberá casa um e agradará. E falará a eles doce e alegremente, de uma maneira aos velhos e de outra aos jovens. E se vier a falar de algum prazer ou alegria ela governará para isso e assim todos a louvarão por ser sábia e graciosa e que sabe bem governar sempre. Assim ela se reinará à sua câmara, quando for tempo, e repousará] (atualização nossa).

Cristina de Pizán conseguiu mover-se em um meio masculino por ser bem relacionada e viver na corte. Primeiro quando pleiteou seus direitos e tentou recuperar seus bens; depois quando decidiu escrever como forma de sustentar a sua família. Continuou, assim, entre homens devido ao fato das letras, bem como o direito serem domínios masculinos por excelência na sua época.

A vida e os feitos de Cristina de Pizán explicam-se mutuamente, pois suas experiências pessoais, a dificuldade enfrentada quando ficou viúva, bem como o feito de enfrentar o mundo masculino e trabalhar nesse meio, a levaram a refletir sobre a situação de inferioridade e subordinação das mulheres na sociedade levando-a a questionar porquê dos constantes ataques de homens renomados como Jean de Meun, Ovídio, Cícero e Boccaccio, que ela tanto admirava, mas ao mesmo tempo questionava. Usando sua pena ousou defender suas “irmãs de condição”, fazendo dessa defesa tema de sua obra.³⁹

Cristina de Pizán conseguiu reconhecimento no meio literário, pois foi referenciada por autores contemporâneos. Em 1405, ou seja, já em sua maturidade, Cristina escreveu as obras que são objetos de análise dessa dissertação, como “A Cidade das Damas”, onde questionou a autoridade masculina dos grandes pensadores e poetas que contribuíram para formar a tradição, sob a decisão de fazer frente às acusações e insultos contra as mulheres. Vislumbra com firmeza e segurança uma utopia, um espaço próprio para as mulheres e reivindica uma genealogia de mulheres valorosas e de qualidades excelentes ao longo da história. A outra obra é “O Tesouro da Cidade das Damas” que é um tratado didático-moral que visa especificamente a educação das mulheres de todos os estratos sociais.

O pragmatismo dessas obras é revelador da consciência que a autora tinha da influência dos pensamentos, do discurso e da possibilidade de sua aplicação no cotidiano. Ela ousou afirmar que a diferença entre homens e mulheres também era de origem social e fez reivindicações em nome das mulheres, entrando com isso na

39 LEMARCHAND, Marie José. **Introducción** in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001. p.26-27

chamada “Querela das mulheres”, um importante debate literário e político contemporâneo à época em que ela começou a publicar suas obras.

1.2 - A Querela das mulheres: o embate de Cristina de Pizán contra a misoginia.

Cristina de Pizán foi copista e dedicou-se a escrever influenciada pelas necessidades que vieram com a viuvez, se tornando uma escritora profícua, que também fazia as iluminuras de suas obras, reconhecida ainda em vida graças ao apoio da corte francesa devido suas relações pessoais.

A fama de Cristina de Pizán e de sua sabedoria se difundiu, sobretudo pelo fato de nobres admiradores seus como Isabel da Bavária, consorte de Carlos VI, presentearem outros nobres com suas obras e devido também à novidade de uma mulher que escrevia. Cristina dedicou e ofereceu algumas de suas obras às pessoas da família real. O livro “Mutação da Fortuna” (Mutation de fortune) foi dedicado ao duque da Borgonha, Philippe le Hardi, gesto que lhe rendeu um convite para escrever a história da família real, destacando a importância de Carlos V, elaborada em três volumes, na forma de espelho de príncipe, colocando a vida de Carlos V como exemplo a ser seguido, concluída antes da escrita do livro “A Cidade das Damas” em 1405.

  notável como as experiências pessoais de Cristina de Piz n, suas relações com a corte, suas dificuldades e necessidades de sair do seu lugar de destino para se movimentar em espaços que eram canonicamente masculinos, a levaram a refletir sobre a situação feminina e a se questionar sobre os constantes ataques às mulheres que os homens insistiam em fazer em suas obras. Assim, Cristina passou a criticar o pensamento acerca das mulheres imperante na sociedade de seu tempo através de seus escritos, chegando a afirmar que “se as mulheres tivessem escrito os livros, os fatos teriam sido diferentes, eu sei. Pois, elas sabem que são acusadas injustamente, uma vez que, enquanto não se cortam as

partes de maneira igualitária, os mais fortes ficam sempre com a parte maior e melhor para si”.⁴⁰

Inicialmente chamada “Querela do Romance da Rosa”, a discussão se deu em torno da obra de Guillaume de Lorris, “Romance da Rosa” (Roman de la Rose), escrita no século XII. Na primeira parte deste texto medieval se exaltava a mulher com poemas em louvor ao amor. O enredo se baseava na história do jovem que adentrava um jardim onde uma Rosa estava para desabrochar, se tornando objeto de seu desejo. Para chegar perto da Rosa ele contou com a ajuda de Bel Accueil que o defendeu contra os inimigos Danger, Jalousie e Malebouche,⁴¹ que representavam sentimentos personificados, algo que era comum neste tipo de literatura. Representante da lírica trovadoresca, a primeira parte do poema conta com cerca de quatro mil versos e não foi concluída.

A segunda parte, com cerca de dezoito mil versos, foi escrita cinquenta anos depois por Jean de Meung, um padre. Trata-se de uma ironia da primeira parte, mudando o tema e misturando razão e fantasia ao pretender fazer um retrato do período histórico, acrescentando outras personagens como Raison, Nature e Genius. A conquista, neste segundo texto, passa por estratégias racionais, e pelo notável desprezo e desconfiança das mulheres, dando espaço ao amor instintivo e não aos sentimentos, à sensibilidade e à imaginação amorosa.

Cristina sabia da qualidade literária dos poemas de Meung, mas criticou vivamente sua atitude frente às mulheres:

“Que não me acusem de desatino, de arrogância ou presunção, de ousar eu mulher, opor-me e replicar a um autor tão sutil, nem de reduzir o elogio devido à sua obra, quando ele, único homem, ousou difamar e censurar sem exceção todo o sexo feminino⁴²”.

A segunda parte do Romance da Rosa foi muito apreciada pelos universitários da época. Ao traçar o perfil feminino Jean de Meung foi incisivo no tocante à inferioridade das mulheres, colaborando para o recrudescimento da misoginia entre aqueles que tinham acesso a obras como esta nas universidades,

40PISAN, Christine. **L'Épistre au Dieu d'Amours**. Disponível em: disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/12812/12812-8.txt>> acesso em 19/09/2012 (tradução nossa) versos 417-422

41 Em português : Perigo, Ciúme e Maldição.

42 PIZAN, Cristina. **Apud:** DUBY, Georges (org.); PERROT, Michelle (org.); KLAPISCH-ZUBER, Christiane (dir.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990 v. 2 p. 530

espaços dos quais as mulheres estavam excluídas por serem consideradas menos capazes.

O texto também defendia a superioridade dos acadêmicos e eruditos. Isso fortaleceu ainda mais a ideia do saber como domínio masculino, pois as mulheres foram excluídas destas discussões.

Jean de Montreuil, prevôt de Lille e também secretário do rei Carlos VI, escreveu um tratado endereçado a Gontier Col, também secretário e conselheiro real e membro do alto clero, no qual defendia a segunda parte do Romance da Rosa. Foi neste momento que Cristina de Pizán se envolveu na querela, se posicionando contra o Romance da Rosa ao escrever uma carta endereçada a Jean de Montreuil. Essa carta, juntamente com o livro “Epístolas ao Deus do Amor”, onde atribui aos dois sexos responsabilidades nas questões referentes à paixão, dá visibilidade à autora num espaço avesso à presença das mulheres, a Universidade de Paris. Ironicamente Cristina de Pizán se coloca num lugar inferior, reconhecendo no início da carta, a diferença entre ela e seu sábio oponente:

*“... mulher de ignorante d entendimento e de sentimento leviano, não leve em consideração a pequenez de minhas razões, mas queira supri-las considerando minha feminina fraqueza...”*⁴³

Inicialmente Montreuil não respondeu diretamente a Cristina, pois escreveu três cartas sem destinatários nas quais demonstra sua admiração pelo Romance da Rosa, chamando seus detratores de pecadores. Em seguida ele volta sua artilharia discursiva contra “uma mulher” que tinha opiniões próprias, ou seja, algo considerado por Montreuil como uma verdadeira monstruosidade.

A “Querela das mulheres”, de origem intelectual, se tornou uma discussão acerca da condição feminina e passou a ter lugar nos círculos eruditos da Europa moderna, tendo como “aporte os quadros sociais característicos do humanismo, Reforma e Contra-Reforma e passou a ser simultaneamente agente e fruto das mudanças do período”.⁴⁴ Tal debate foi considerado pela historiadora Joan Kelly⁴⁵

43 PIZÁN, Cristina **Apud.** PERNOUD, Regine. *Christine de Pisan*, Calmann-Lévy. 1995 p. 117 (...femme ignorant d'entendement et de sentiment léger, que votre sagesse n'ait aucunement em mépris la petitesse de mës raisons, mais veuille suppléer par la consideration de ma féminine faiblesse...) Tradução nossa.

44 SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini dos. **Humanismo, Direito e Gênero: pontos de intersecção num discurso do século XVI.** Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigos9671.pdf>> acesso em 10/10/2011

45 KELLY, Joan. **Early feminist theory and Querelle des Femmes, 1400-1789** in: Signs: Journal of Women in Culture and Society (Chicago: University of Chicago Press, 1975). 8:1 (1982): p. 3-28.

como um tipo de feminismo germinal, no sentido original do termo e que tem como principais características a oposição da dialética, a misoginia com base na ideia de gênero – de forma muito semelhante ao conceito atual – e a possibilidade de universalização da questão que se baseia numa concepção geral da humanidade, questionando a ideia universal de *humanitas*, na qual não se incluía o sexo feminino.

A Querela se desenvolveu de tal maneira que dois partidos se configuraram: de um lado os que se posicionaram ao lado de Cristina de Pizán e contra o Romance da Rosa, como Jean Gerson, Chanceler da Universidade de Paris e teólogo, a rainha Isabel da Bavária, consorte de Carlos VI e regente da França e Guillaume de Tignonville, orador admirado na corte por seus sermões. Jean Gerson, nos textos *Sermão sobre a luxúria*, *Sermão da Quaresma* e *Visão contra o Romance da Rosa*, atacava o texto de Jean de Meung. Ele escreveu em vernáculo para que um maior número de pessoas tivesse acesso aos seus textos, pois também objetivava a defesa do casamento, da moral e da família.

No partido contrário a Cristina e em defesa do Romance da Rosa encontravam-se Jean de Montreuil, Gontier Col e os universitários de Paris. Gontier Col atacou diretamente Cristina de Pizán ao enviar uma carta na qual a aconselhava a se arrepender de seus atos e, num tom paternalista, argumentava como as mulheres eram passionais, mas que ele, a despeito disso, atribuiria a ela uma penitência piedosa.⁴⁶

Observamos nesta querela um desdobramento das intrigas palacianas. Carlos VI estava enlouquecendo; a lógica do patronato e da extensão de clientelas senhoriais se tornou a tônica dominante da política neste período; Isabel da Bavária, era uma figura controversa, uma mulher que exerceu o poder. Em momentos de lucidez Carlos VI dá seu selo de Delfin para que ela tome as decisões quando ele se encontra incapacitado. Em outros momentos acusa de adultério, deserdando o seu próprio filho, o futuro rei Carlos VII, que foi declarado bastardo, em benefício da monarquia dual resultante do casamento do rei Henrique V da Inglaterra com a sua filha Catarina, a Bela.⁴⁷

Por muitos séculos, a rainha Isabel foi descrita como uma perdulária, irresponsável e adúltera, mas no final do século XX e início do século XXI os

46 PERNOUD, Regine. **Christine de Pisan**. Calmann-Levy. France. 1995 p.118

47 Cf. Hedeman, Anne D. **The Royal Image: Illustrations of the Grandes Chroniques de France, 1274-1422**. Berkeley: University of California Press. 1991. p.117

historiadores começaram a reexaminar as crônicas escritas durante a sua vida e observaram que grande parte de sua reputação foi imerecida e provavelmente o resultado da propaganda política das facções em conflito escrita por cronistas contemporâneos.⁴⁸

Resultante do debate epistolar, em 1402 foi criado um movimento com o intuito de defender a honra das mulheres, a "*Ordem da Rosa*", organizado no *hôtel* do duque de Orleans. Os homens eram incumbidos de defender a honra das mulheres e a guardiã, ou aquela que compôs um dossiê em defesa delas, foi Cristina de Pizán, que o fez sob a proteção da rainha Isabel da Bavária e de Guillaume de Tignonville.⁴⁹

Ao participar da "Ordem da Rosa" Cristina se adequava a uma prática bastante valorizada na corte onde estava, buscando patrocínio e proteção. Mesmo que os seus escritos defendessem as mulheres e seu preparo para sobreviver sem a figura masculina de um pai ou marido, estar vinculação à Ordem também era coerente com o culto às mulheres presente no romance cortês, pois elas estavam em destaque, sendo veneradas como personagens centrais nas disputas entre os cavaleiros.

Esse embate lançou Cristina de Pizán definitivamente no universo literário e salientou a necessidade de discutir o papel exercido pelas mulheres na sociedade. Mais tarde essa discussão em torno do Romance da Rosa passou a ser vista como a primeira manifestação da *querela das mulheres*,⁵⁰ debate que seguirá por séculos depois alcançando a época da Revolução Francesa, o que possibilitou a participação de outras escritoras e pensadoras como Marie de Gournay que em 1626 discutiu nos livros "Da igualdade entre homens e mulheres" (*De l'égalité des hommes et des femmes*) e "O pesar do Feminino" (*Le Grief des dames*) a problemática da mulher intelectual em termos "feministas".⁵¹ Também participou do debate a romancista Marie Jeanne Riccoboni de Lambert, cujas personagens

48 Cf. GIBBONS, Rachel. "Isabeau of Bavaria, Queen of France" (1385-1422). *The Creation of a Historical Villainess. Transactions of the Royal Historical Society*, 1996. Volume 6, p.173

49 Cf. PERNOUD, Regine. *Christine de Pisan*. Calmann-Levy. France. 1995 p.122

50 Segundo Joan Scott a querelle no século XV era um debate predominantemente literário e filosófico- dentro dos círculos masculinos- sobre as capacidades intelectuais das mulheres. Cf. SCOTT, Joan W. "**La querelle des femmes**" no final do século XX Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200004> acesso em 11/04/2012

51 Ver os trabalhos de Danielle Haase-Dubosc. « **Intellectuelles, femmes d'esprit et femmes savantes** ». In : RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel.(dir.). **Intellectuelles: du genre en Histoire** des intellectuels. Bruxelle : Editions Complexes, 2004, p. 61

femininas são levadas pelo desejo de escapar à tutela masculina, como “A história de Miss Jenny” (l’Histoire de Miss Jenny ou l’Histoire d’Ernestine) (1765).⁵²

As marcas deixadas por este debate durante tanto tempo são perceptíveis, pois na Idade Média os exemplos a serem seguidos eram predominantemente religiosos sendo poucos os livros de literatura profana. A modernidade o ideário cristão passou a conviver com outros modelos de virtude além do casamento ou da virgindade, incluindo outras questões que deveriam pautar a consciência e a ação. A *Querela das mulheres* chegou a países como Inglaterra, França e Espanha e Margareth Zimmermann denomina-a protofeminista devido a suas diferentes correntes e a defesa de igualdade e do reconhecimento do valor social das mulheres.⁵³

Graças a seu envolvimento nesse debate epistolar travado com outros intelectuais de seu tempo como Jean de Montreuil, Pierre de Col e Jean Gerson, Cristina de Pizán teve seus méritos de escritora reconhecidos mais tarde pelos enciclopedistas Diderot e Chordellos de Laclos no século XVIII.⁵⁴

Alguns historiadores atribuem a Cristina de Pizán o início da *Querela das mulheres*, com sua obra “A Cidade das Damas”, em 1405. Em nossa pesquisa não reconhecemos Cristina de Pizán como iniciante dessa querela, uma vez que o debate já havia começado antes dela se envolver. O que confere destaque a Cristina foi o fato de ter sido a primeira mulher a se envolver no debate e principalmente na obra “A Cidade das Damas” reivindicar a igualdade de capacidade intelectual para homens e mulheres no que diz respeito à educação e ao valor moral, tratando a diferença dos sexos como uma questão social.

Representando uma das mulheres que Virgínia Wolff chamou de “filhas de homens cultos”⁵⁵, Cristina de Pizán foi também educada por humanistas e que graças a isso conseguiu movimentar-se na corte, usando seus privilégios contra a sociedade que proibia a entrada das mulheres no terreno do saber. Ela entrou no debate sobre a *Querela das mulheres* não por questões literárias, morais ou

52 BROUARD-ARENDS, Isabelle. “De l’auteur à l’auteure ». In: RACINE, N, TEBITSCH, M. (dir.) op. cit. p. 79.

53 ZIMMERMANN, Margareth. **Christine de Pizan et le féminismes autour de 1900**. In: RIBEMONT, Bernard. (org.) **Sur le chemin de longue étude**. Actes du colloque d’Orléans-juillet 1995; Paris: Champion, 1998. p. 183-204.

54 CAMPBELL, Jonh; MARGOLIS, Angus J. Kennedy. **Christine de Pizan 2000: studies on Christine de Pizan in honour of Angus J. Kennedy**. Amsterdam [u.a.] Rodopi 2000 p.34-35

55 WOOLF, Virgínia **Um teto todo seu**. São Paulo : Círculo do Livro, _____

filosóficas, mas pelo conjunto de argumentos condenatórios e insultantes para as mulheres presentes no Romance da Rosa. Ela teve o cuidado de trazer o valor feminino para suas obras, pois Isabel da Bavária, sua principal comitente e protetora precisava ser julgada capaz, apesar de ser mulher, uma vez que Carlos VI, seu esposo, tinha acessos de demência que a colocavam no poder temporariamente.

Ao envolver-se na querela, Cristina de Pizán reagiu contra a literatura misógina que havia desde a Antiguidade e que alcançou uma expressão generalizada e autorizada em sua época. Não apenas denunciou este desprezo em relação às mulheres como também a situação de desamparo que elas se encontravam por não terem acesso ao conhecimento formal e à cultura reservada aos homens.⁵⁶

O pensamento de Cristina de Pizán divulgado em suas obras foi revisitado por feministas e não-feministas, fazendo com que seus textos continuassem a participar de debates onde a defesa da igualdade ou da diferença entre os sexos esteve presente de acordo com o contexto de seus leitores e comentaristas.

1.3 - Notícias sobre a recepção de Cristina de Pizán e a história do pensamento feminista.

“Não deixa de ser interessante alguma surda irritação que perpassa nos textos de alguns estudiosos atuais, cinco séculos depois de esta viúva, que procurou defender seus direitos e dos seus filhos, ter ousado declarar que as mulheres são capazes de bem governar e de bem se governarem”⁵⁷.

Ainda no século XV Cristina de Pizán foi lida e citada por autores que a conheceram na França, Inglaterra e Itália. Isso se deve principalmente ao envolvimento dela com a Querela do Romance da Rosa, como já foi citado anteriormente. Não temos a pretensão nem a ousadia de dar conta de mais de cinco séculos de recepção dos seus textos, uma vez que suas obras tiveram um grande alcance, permitindo variadas opiniões acerca de sua produção literária ou sobre a

56 WUENSCH, Ana Miriam. **Mundos Reflexionados: Filósofas através da história**. Disponível em: <http://www.creamundos.net/primeros/Revista/Edicao01/Cuestiones/Cuest_Mulheres_Filo.html> acesso em 11/09/2012

57 CRISPIN, Maria de Lourdes. Introdução in: PIZAN, **Christine de O livro das três virtudes**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002 p.22-23.

personalidade e vida de Cristina de Pizán como autora, uma vez que suas obras foram editadas e reimpressas em diferentes períodos com diferentes propósitos.

Após a morte de Cristina de Pizán em 1431 ela continuou a ser elogiada por vários autores e teve algumas de suas obras traduzidas para o inglês, além de mais uma obra publicada, a “Balada de Joana Darc”, que foi uma homenagem à guerreira francesa. O “Livro do Tesouro da Cidade das Damas” foi traduzido pela primeira vez para o português por ordem da rainha D. Isabel entre os anos de 1447 e 1455.⁵⁸ No século XVI foram feitas três novas impressões do “Livro do Tesouro da Cidade das damas”, a pedido da Rainha D. Eleonor de Portugal, traduzido como “O espelho de Cristina”. Nesse século também a obra “A Cidade das Damas” foi traduzida para o inglês.

Encontramos poucas referências ao trabalho de Cristina de Pizán no século XVII. Somente o trabalho de Gabriel Naudé (1600-1653) que ao organizar a vasta biblioteca de Mazzarino se dedicou em catalogar e comentar algumas das obras de Cristina de Pizán.⁵⁹

No século XVIII há indícios de um primeiro estudo mais aprofundado sobre a biografia de Cristina de Pizán, feita por Jean Boivin de Villeneuve, conhecido como Boivin de La Cadet. Funcionário da Biblioteca Real francesa, seu artigo foi publicado num jornal de divulgação do pensamento erudito de 1736, fornecendo ao público leitor a primeira biografia no estilo moderno, propondo a discussão da vida e obra de Cristina de Pizán entrelaçada à de seu pai Tommaso de Bevenuto da Pizano. O comentário de Boivin é concluído com uma lista de 20 trabalhos da autora dividida entre poesia e prosa, o que nos fornece um quadro sintético da obra de Cristina de Pizan à qual se podia ter acesso então.⁶⁰ Ainda no século XVIII foram escritos artigos sobre Cristina de Pízan e foram editadas as obras “Um Estudo de Longo Caminho” (*O Chemin de long étude*) e a “Mutação da Fortuna” (*Mutation de la fortuna*).

Cristina de Pizán e sua produção literária foram objetos de um estudo escrito por uma mulher, Loise Felicité Keralio (1757-1821), que como primeira editora de um jornal e única representante feminina da Academia de Arras, na França, fez uma

58 CRISPIN, Maria de Lourdes. Introdução in: PIZAN, Christine de **O livro das três virtudes**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002 p. 30-31

59 **Christine de Pizan 2000**: studies on Christine de Pizan in honour of Angus J. Kennedy. Editado por John Campbell, Nadia Margolis, Angus J. Kennedy Amsterdam [u.a.] Rodopi 2000 p.34-35

60 Ibid. p. 35-37

análise da vida e obra de Cristina em um dos quatorze volumes de uma coleção intitulada “As melhores obras francesas compostas por mulheres”.⁶¹

No século XIX podemos localizar vários estudos mais substanciosos sobre a vida e a obra de Cristina de Pizán. Foram feitas reedições de seus livros e foi encontrado um manuscrito de sua autoria, até então inédito. A dimensão da repercussão das obras dessa autora é notável quando se vê que num levantamento feito na *École Nationale de Chaire*, no programa de promoção da cultura francesa, o número de pesquisas feitas sobre Cristina de Pizán apenas foi superado por aquelas feitas acerca de Napoleão Bonaparte.⁶²

Entre os séculos XIX e XX, com o advento do feminismo como movimento social, os textos de Cristina de Pizán passaram a ser estudados com o objetivo de encontrar argumentos favoráveis ao feminismo ou do antifeminismo. Um dos princípios da crítica literária feminista é que a análise de um texto nunca é neutra,⁶³ portanto cada época e cada grupo passou a ler os textos de Cristina de Pizán de acordo com seu próprio contexto e demandas. Os textos de Cristina passaram a ser debatidos nos círculos de estudos feministas anglo-americanos rejeitando as traduções feitas até então para a língua inglesa com a finalidade de produzir análises a partir dos textos originais.

O pragmatismo presente nos artigos produzidos sobre a obra de Cristina de Pizan a partir de então nos levou à necessidade de uma reflexão paralela à história do Movimento Feminista.

Leitora assídua devido ao acesso à biblioteca real e à erudição de sua família, Cristina de Pizán deu novos sentidos aos textos com os quais teve contato. Particularmente a obra “De Mulieribus Claribus” de Boccaccio (1313-1375), a qual Cristina usou o modelo estrutural para elaborar o livro “Cidade das Damas”, e a Divina Comédia, de Dante Alighieri (1265-1321), bem como a segunda parte do Romance da Rosa.

A partir dessas obras Cristina de Pizán interpretou, adaptou, criticou, citou, utilizou a estrutura formal, enfim, foi uma leitora ativa. Ela se aproveitou das brechas deixadas, dos fios soltos nas entrelinhas daquelas obras para elaborar seu

61 CAMPBELL, Jonh; MARGOLIS, Angus J. Kennedy. **Christine de Pizan 2000: studies on Christine de Pizan in honour of Angus J. Kennedy**. Amsterdam [u.a.] Rodopi 2000 p.41-42

62 LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval** Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada p.36

63 MOIL, Tori. **Teoria Literária Feminista**. Fuenlabrada, Madrid, 2006. p.10.

pensamento e seus livros. Ao escrever ela direcionou seus textos a todos aqueles que os lessem, às mulheres principalmente, para que soubessem quem eram de fato, e aos homens, para convencê-los do valor das mulheres.

O desafio de entendermos o que já foi construído e produzido sobre Cristina de Pizán e suas obras, com a sua multiplicidade de perspectivas e pluralidade de enfoques, nos levou a adentrar o campo da teoria literária. Primeiramente para entendermos quem é o “leitor”, uma vez que também nos propomos a ler e analisar duas obras de Cristina de Pizán e encontramos uma variada gama de leituras e interpretações de seus textos ao longo dessa pesquisa.

O leitor foi por muito tempo considerado figura acessória, aquele que deveria passivamente apreender as intenções do autor ou do próprio texto. Foi na década de 1960 que ocorreu uma mudança de paradigma: numerosos estudos, de diferentes correntes teóricas passaram a falar do leitor, discutir seu papel. Com estes estudos apareceu uma vasta terminologia: narratário,⁶⁴ destinatário, arquileitor,⁶⁵ leitor ideal,⁶⁶ leitor modelo,⁶⁷ etc. Dentre estes estudos destacam-se os da Estética da Recepção com Jauss e Iser apresentando modelos diferentes e os da semiótica

64 Entidade da narrativa a quem o narrador dirige o seu discurso. O narratário não deve ser confundido com o leitor, quer este seja o leitor virtual, isto é, o tipo ideal de leitor que o narrador tem em mente enquanto produtor do discurso, nem com o leitor ideal, isto é, o leitor que compreende tudo o que o autor pretende dizer. (CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=803&Itemid=2> acesso em 08/12/2012

65 Conceito proposto por Michael Riffaterre para toda a recepção do texto literário. Uma história da crítica literária de uma obra em particular, por exemplo, ilustra a amplitude do termo. Considera-se o arquileitor uma forma de palimpsesto onde se vão registrando todos os comentários e análises do leitor, incluindo os próprios exercícios de auto-interpretação e correção do autor. (CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários**. Disponível em: Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=803&Itemid=2> acesso em 08/12/2012

66 O termo reveste-se de uma dupla significação, uma vez que pode implicar, por um lado, o leitor que é construção do texto, entidade fictícia, definida como ideal pelo autor que o concebe enquanto alguém que irá concretizar convenientemente a sua obra, e, por outro lado, o leitor que é concebido pela teoria literária, de acordo com cada método crítico, entendido como entidade capaz de realizar a leitura ideal. (CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=803&Itemid=2> acesso em 08/12/2012

67 Quando o autor produz um texto, faz uma hipótese sobre como este será lido, que caminhos o leitor deve percorrer. Faz uma previsão de como será esse leitor. ECO o denomina leitor modelo. Ele deve se mover no nível da interpretação da mesma forma que o autor o fez no nível generativo. Para tanto, estratégias são tomadas. Para organizá-las, o autor "deve assumir que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo de seu leitor" (p. 58). ECO ressalta que não se trata de esperar que o leitor-modelo exista, mas trabalhar o texto de forma a construí-lo. (CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **O Leitor Modelo de Umberto Eco**. Disponível em: Disponível em: <<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/01/arquivos1/16%20Jauranice%20R%20C%20-%20O%20Leitor%20Modelo%20de%20Eco.pdf>> acesso em 08/12/2012

(Umberto Eco).⁶⁸ Margareth Zimmermann em seu artigo Cristina de Pizán e os feminismos em torno de 1900 (*Christine de Pisan et les feminismes autour de 1900*) fazendo referência à tese de Rose Rigaud “As ideias feministas de Cristina de Pizán” (*Les idées feministes de Christine de Pisan*), diz que as análises das obras de Cristina de Pizán realizadas entre 1900 e 1940 nunca estiveram desprovidas de uma visão política, parte do contexto no qual a análise foi elaborada. Nesse caso, a autora se referiu ao início do movimento feminista e ao questionamento do “feminismo” presente nos textos de Cristina de Pizán.

Na passagem do século XIX para o XX as manifestações contra a discriminação das mulheres adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado “sufragismo”, ou seja, no movimento voltado para estender o direito ao voto para as mulheres. Este passou a ser reconhecido posteriormente como a “primeira onda” do movimento feminista.⁶⁹

Para que possamos compreender essa “primeira onda do movimento feminista” é necessário que recuperemos alguns aspectos do movimento operário, que se caracterizou por duas frentes principais: a luta por melhores condições de trabalho, a redução da jornada e o repouso semanal, e a luta pelos direitos de cidadania como o voto e de ser elegível sem o critério censitário e a reivindicação por remuneração aos cargos do parlamento.

O sufrágio universal foi uma conquista dos homens trabalhadores do final do século XIX que consolidou as reformas legislativas que eliminaram o voto qualificado por renda. Entretanto, essa luta pela ampliação dos direitos democráticos não incluía o sufrágio feminino, que passou a ser uma luta específica e abrangente, reivindicando o direito às mulheres de todas as classes sociais. A conquista do voto feminino foi uma longa empreitada que exigiu capacidade de organização e não resignação já que esteve presente nos Estados Unidos e Inglaterra por 7 décadas e no Brasil por 40 anos (a partir da constituinte de 1891).

O principal objetivo do feminismo da primeira onda era a luta contra a discriminação das mulheres e pela garantia de direitos civis e políticos, além da denúncia da opressão feminina. Nesse contexto os textos de Cristina de Pizán foram

68 OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa de. **O leitor entre modelos e horizontes**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/minicursos/marcialisboacostadeoliveira.pdf>> acessado em 16/05/2012

69 LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista**. Rio de Janeiro : Vozes, 1997 p. 14-15

redescobertos com a publicação das edições da “Biografia de Carlos V” (*Le Livre des Faits et Bonnes Moeurs du roi Charles V*), “O Livro do Caminho do Longo Estudo” (*O Livre du Chemin de Long Estude*), e suas “Obras Poéticas” (*Oeuvres poetiques*), editadas por Maurice Roy.

Houve simultaneamente uma utilização de suas obras pelo filólogo conservador Gustave Gröber, na luta contra o movimento de emancipação das mulheres, ou ainda, para a divulgação de uma Cristina de Pizán classificada como “feminista de direita”, como atesta Margareth Zimmermann.⁷⁰

Neste contexto as obras de Cristina de Pizán entraram novamente em discussão e foram disputadas pelos feministas e pelos anti-feministas. Cada grupo vai apropriar-se ler os textos da autora do seu modo. Percebemos neste momento a vontade política que se exprime nos usos políticos do passado tem como objetivo a produção de representações compartilhadas, ou seja, a produção de uma identidade comum. Assim, cabe colocar que tais “usos” não são arbitrários, mas sim instrumentais.⁷¹

Desta forma, o passado revisado, passa a ser compreendido neste “uso instrumental”, influenciava a construção ou reforçava uma determinada identidade. Nesse sentido, a narrativa construída, a partir das obras de Cristina, comportou necessariamente uma dimensão seletiva, relegando ao esquecimento certos aspectos e destacando outros. As estratégias do esquecimento atuam diretamente nessa reconfiguração, pois, “pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, reconfigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela”.⁷²

O movimento feminista do final da década de 1960 - conhecido como segunda onda do feminismo - trouxe além das preocupações sociais e políticas a necessidade de construções propriamente teóricas.⁷³ As feministas reivindicavam o reconhecimento da ação das mulheres na história e também que a história passasse a explicar a opressão e assim servisse de inspiração para a ação no presente. Foi

70 ZIMMERMANN, Margareth. **Christine de Pizan et le féminismes autour de 1900**. In: RIBEMONT, Bernard. (org.) *Sur le chemin de longue étude. Actes du colloque d'Orléans- juillet 1995*; paris: Champion, 1998. p. 183-204.

71 LAVRABRE, Marie Claire. **De la notion de mémoire à la production des mémoires collectives**. In: CEFAL, D. (dir.). *Cultures Politiques*. Paris:PUF, 2001, p.233-252.

72 RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007 p.455

73 BENOIT, Lelita Oliveira. **Feminismo Gênero e Revolução** Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/05lelita.pdf>> acesso em 02/04/2012

dito que as feministas acadêmicas responderam ao chamado da “sua” história e dirigiram a erudição para uma atividade política mais ampla, a princípio com uma conexão direta entre política e pesquisa, os estudos iniciais sobre as mulheres implicaram no risco da simplificação de apresentar a mulher algumas vezes como vítima, outras como heroína”.⁷⁴

Afastando-se gradativamente da política feminista, no final da década de 1970, a história das mulheres ampliou seu campo de questionamento documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado e desta forma adquiriu uma energia e uma identidade próprias. “No bojo do projeto do feminismo (historicamente e conjunturalmente forjado a partir das lutas sociais) está o entrelaçamento entre teoria e prática política”.⁷⁵ Com diferenças bem marcadas, feministas francesas e americanas passaram a debater igualdade e alteridade.

As americanas insistiam em denunciar o modelo patriarcal como opressor das mulheres e a buscavam a igualdade entre os sexos, enquanto as francesas persistiam em dar visibilidade à especificidade da experiência feminina que corriqueiramente foi tratada com negligência, além de salientarem a necessidade da valorização das diferenças entre homens e mulheres. Assim, temos um desdobramento no movimento feminista que passou a considerar as propostas que enfatizavam questões de paridade como “Feminismo da igualdade”, enquanto outras tratavam das alteridades ou “Feminismos da diferença”.

A equação filosófico-epistemológica igualdade x diferença se sobrepuseram à questão política, sugerindo que diferentes subjetividades femininas e masculinas eram equivalentes. A partir dessa discussão tivemos a inserção da noção de equidade e paridade nos debates feministas. Essas questões constituíram um paradoxo que viabilizaram a negociação, uma vez que não há resolução que possa dizer-se verdadeira ou falsa, mas uma historicidade própria na sociedade contemporânea.⁷⁶

Mais uma vez os textos de Cristina de Pizán foram explorados, bem como o seu esforço em defender e demonstrar as virtudes femininas e a inovação em

74 BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (org.) **Uma questão de Gênero**. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992 p.10

75 BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 p. 100

76 SCOTT, Joan Scott, J. W. **O enigma da igualdade**. *Estudos Feministas*, 13(1), 11-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf> Acesso em 04/10/2012

perceber a mulher como protagonista de sua própria história, o que abriu caminho para uma discussão que ao mesmo tempo defende uma mulher preparada para sobreviver sem a figura masculina de um pai ou marido, mas que também argumenta que cada um dos sexos tem papéis específicos e complementares segundo a criação divina.

“(...) Quis Deus que o homem e a mulher lhes sirvam de forma distinta, que se prestem mútua ajuda, cada um a sua maneira. Porque ele dotou aos dois sexos com a natureza e as qualidades necessárias para cumprir com seus deveres (...)”⁷⁷

Essa discussão rendeu a Cristina de Pizán o título de “protofeminista”. A historiadora Joan Kelly⁷⁸ analisou as características do discurso de Cristina de Pizán e o classificou como protofeminista por conter três elementos básicos: oposição dialética à misoginia; o embasamento desta oposição na relação entre homens e mulheres e a possibilidade de universalizar a questão e transcender o seu tempo, apresentando, segundo Joan Kelly, uma autêntica concepção geral da humanidade despertada pela situação contraditória de Cristina de Pizán no início do século XV, por ser uma mulher leiga que conseguiu publicar.

Na década de 1980 mediante a crítica pós-modernista deu-se a introdução do paradigma da incerteza no campo do conhecimento, assim as feministas francesas influenciadas pelo pós-estruturalismo de Jacques Derrida e Michael Foucault passaram a dar ênfase à questão da diferença, da subjetividade e da singularidade das experiências, entendendo a construção da subjetividade pelos discursos de maneira dialógica e intersubjetiva. Considera-se esse o marco de início da Terceira Onda do Movimento Feminista, onde os estudos se concentraram na análise das diferenças, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Deu-se então o deslocamento do campo de estudos, antes centrado na mulher e sobre os sexos, para o estudo das relações de gênero.

A agitação em torno de seminários e colóquios internacionais exclusivamente sobre Cristina de Pizán, cujos resultados são publicados a partir de

77 PIZÁN, Christine, *A Cidade das Mulheres*. coisas de ler Edição, Lda. Lisboa. 2007 p.27

78 KELLY, Joan. *Early Feminist theory and the quelele des femmes*, 1400-1789. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3173793?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21100809463301>> acesso em 16/05/2012

1984,⁷⁹ mostra uma necessidade latente em divulgar, diversificar e difundir os temas da sua obra, “redescoberta” inclusive nos países de origem e adoção (Itália e França respectivamente). Os estudos acerca das relações de gênero ainda são majoritários no conjunto de análises sobre a escritora, principalmente depois da década de 1980, quando o livro “A Cidade das Damas” foi traduzido para várias línguas⁸⁰ não apenas por ser um livro escrito por uma mulher de 1405, mas também pelo teor dessa publicação, muitas vezes citada como feminista, que teve suas bases em pleno “outono” da Idade Média, no início de um movimento que objetivava voltar às fontes do pensamento e da beleza clássicas denominado Renascimento.⁸¹

As novas concepções sobre gênero deram margem ao abandono das teorias essencialistas do sujeito, que definiu, entre outras, a categoria “mulheres”, questionou as políticas de identidade do feminismo original, presentes nas gerações anteriores. Para Butler, “mulheres é um falso e unívoco substantivo que disfarça e restringe uma experiência de gênero variada e contraditória. A unidade da categoria ‘mulheres’ não é nem pressuposta nem desejada, uma vez que fixa e restringe os próprios sujeitos que liberta e espera representar”.⁸²

Nessa perspectiva nasce uma nova prática metodológica sobre a multiplicidade feminina. Mulheres de grande relevância no campo intelectual começaram a questionar “a mulher enquanto mulher”, seus interesses e problemas, questionando o essencialismo que era empregado nesse contexto com dois sentidos principais: primeiro pensar a mulher enquanto mulher com M maiúsculo latente e inconfesso; o segundo significado remete a encarar certas características como afetividade e outras qualidades psicológicas como “características femininas”, algo

79 Esses colóquios geraram publicações como essas: DE RENTIIS, D. ZIMMERMANN, M. (éd.) **The city of scholars. New approaches to Christine de Pizan**. New York : De Gruyter, 1994; RIBEMONT, Bernard. (org.) *Sur le chemin de longue étude*. Actes Du colloque d'Orléans-juillet 1995; Paris: Champion, 1998; HIKS, Éric (org.) *Au Champs Des Escriptions - Actes Du 3e Colloque International De La Societe Des Amis De Christine De Pizan*. Paris: Champion, 2000. *Contexts and continuities: proceedings of the IVth International Colloquium on Christine de Pizan* (Glasgow 21-27 July 2000), published in honour of Liliane Dulac, edited by Angus J. Kennedy, with Rosalind Brown-Grant [et al.] Publisher: Glasgow: University of Glasgow Press, 2002. O mais recente colóquio foi realizado em Liège, na Bélgica, em janeiro de 2005, e teve como tema central: *Christine de Pizan: femme de Lettres femme de Science*.

80 Traduzida para o inglês em 1982, - uma nova edição elaborada por Earl Jeffrey Richards - a primeira datando de 1521. Em 1986 temos a tradução de Thérèse Moreau e Eric Hicks para o francês, e a tradução para o alemão de Margarete Zimmermann; em 1990, a tradução catalã de Mercè Otero i Vidal; em 1995, em espanhol por Marie-José Lemarchand; a última tradução em 1997 para o italiano por Patrizia Caraffi.

81 DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Nova História 17, Lisboa:Stampa,1989 p.85

82 BUTLER, J. “**Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003. p.213

muito próximo ao determinismo biológico da “mulher universal”, categoria na qual, após as politizadas discussões ao longo dos anos 1980, estavam generalizadas as mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais. “Não dava mais para ficar isolando gênero das outras determinações sociais, das outras variáveis independentes, das outras pertenças coletivas das mulheres. A menos que o gênero fosse qualificado no contexto da classe e da raça, seu uso era suspeito”.⁸³

Desconstruir o sujeito do Feminismo passou a significar que ‘mulher’ era uma categoria histórica e heterogeneamente construída dentro de uma ampla gama de práticas e discursos e sobre os quais o movimento de mulheres se fundamenta.

O feminismo tem desenvolvido um quase simbiótico relacionamento com a autobiografia, local para o envolvimento nos debates acerca do sujeito. Contudo, pode-se notar que a autobiografia nunca foi completamente passiva e que a escrita autobiográfica, por si própria, tem questionamentos sobre o feminismo, geralmente relacionados à especificidade e à necessidade de encontrar espaço dentro e fora da teoria, no intuito de destacar a diferença e a diversidade desconcertante de obras e sujeitos. Ao voltarmos para o passado, podemos perceber como nos anos 1960 e 1970 a autobiografia pareceu oferecer um espaço privilegiado para as mulheres que podiam expor através da escrita a sua subjetividade.

Discorrer sobre a recuperação, resgate, reconstituição, problematização, ou qualquer outra designação que se queira dar à pesquisa e ao levantamento da produção cultural e literária de autoria feminina significa se reportar à constituição do cânone da literatura a partir da modernidade. O cânone simboliza a eleição de modelos da escrita definidos desde os séculos passados, caracterizando principalmente escritores que são integrantes de um grupo específico: branco, masculino, das classes mais privilegiadas e ocidental. Operando com determinados temas gerais e “universais”, essas são marcas de afirmação de uma identidade nacional literária e para aquele ou para aquela que não pode ser enquadrado nestes parâmetros só resta a marginalização ou a exclusão.

Os autores e autoras que não se adequaram ao cânone foram considerados “autores menores”, “secundários” ou de “menor valia” (quando inscritos nos rodapés das histórias), portanto, não sendo incluídos nas páginas dos compêndios de história

83 PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo. Editora 34. _____. p.130-131

da literatura e da poesia, quando não são totalmente esquecidos pela omissão da memória histórica.

Apontamos duas modalidades de crítica feminista. Uma que tem um nítido viés ideológico e diz respeito à leitura realizada pelas mulheres, discutindo a representação da mulher nos textos literários e dando atenção especialmente aos estereótipos dos escritos literários. E outra que trata da exceção da mulher escritora, uma vez que a autoria canônica é masculina e os textos escritos por mulheres acabam por ser considerados um gênero literário à parte.

As duas modalidades são bastante profícuas. A primeira dessas abordagens estava centrada na leitura feminista e pode constituir-se em ato de emancipação no momento em que a linguagem foi utilizada como ferramenta libertadora e não como instrumento de opressão. Isso ocorreu quando a mulher se apropriou da linguagem e passou a nomear o mundo a partir de seu ponto de vista.

Toril Moi propôs que não se tratava de realizar uma crítica biográfica ao ler a obra escrita por uma mulher, mas considerando as condições nas quais viviam e escreviam as mulheres, marcou seu lugar de enunciação. O ato de escrever, além do caráter simbólico que lhe é intrínseco, também instituiu um espaço de poder: o poder de dizer e de se dizer. Existe uma tendência revisionista da crítica feminista, organizada sobre modelos pré-existentes, ou seja, toma como modelo um ponto de vista masculino ou universal. Esse fato, na realidade, constitui-se em empecilho para o desenvolvimento da crítica feminista, porque mesmo quando se caracteriza pela oposição, existe um atrelamento ao quadro de referências masculino, ou seja, nada de novo é construído. Toril Moi apresentou seu posicionamento de forma contundente: sugerindo uma crítica feminista que seja genuinamente centrada na mulher.⁸⁴

A ideia aqui defendida é que precisamos indagar muito mais minuciosamente sobre o quê queremos saber e como podemos encontrar respostas às perguntas que surgem da nossa experiência ao observar uma obra escrita por uma mulher, no nosso caso Cristina de Pizán.

Ao resgatar textos fundadores da crítica feminista Toril Moi os separa em duas grandes categorias: crítica feminista anglo-americana que se vincula às questões textuais, valorizando o aspecto empírico; e crítica feminista de orientação

84 MOIL, Tori. **Teoria Literária Feminista**. Madrid: Ed. Cátedra, 1988 p.89-92

francesa que se vincula à psicanálise, apropriando-se de conceitos de Freud e especialmente de Lacan, além de utilizar noções como desconstrução, a partir da reflexão de Derrida, associando o estatuto do sujeito à formação da subjetividade e à produção da escrita.

O ato da leitura é entendido como uma comunicação entre a vida (experiência) da autora e da leitora. Quando a leitora se torna uma crítica, seu dever é prestar contas de sua própria vida de modo que permita às suas leitoras se tornarem conscientes da posição da qual a autora fala.

O feminismo francês também desenvolveu a noção de escrita feminina (*écriture féminine*), relacionada à análise da *différence*, termo criado por Derrida com base no vocábulo *différence*, ao acentuar que a diferença da escrita feminina está situada na psiqué da autora e na relação com o processo criativo. A noção de escrita feminina foi cunhada e introduzida nos meios críticos literários europeus por Hélène Cixous que a definia como escrita do corpo pela mulher. A ideia foi considerada revolucionária, ao sugerir que a escrita feminina seguia parâmetros semelhantes à sexualidade feminina, conceituada por Cixous como múltipla, difusa e não centrada.

A grande questão consistia em definir o que significava a diferença no tocante ao projeto teórico da escritura feminina, se era questão de estilo, de experiência, de gênero ou do próprio processo de leitura.⁸⁵ Eliane Schowalter nos apresentou quatro modelos de escrita: a escrita e o corpo (nível biológico), a escrita e a linguagem (nível linguístico), a escrita e a psique (nível psíquico) e a escrita e a cultura (nível cultural).

Cada um desses níveis teóricos e sociais representou uma tentativa de definir e diferenciar as particularidades da mulher autora e seus escritos. Cada um representou um segmento teórico da crítica feminista, com seus textos, estilos e metodologia próprios, com argumentos e ideias que se sobrepuseram e complementavam.

No entanto, a teoria que levou em conta a escrita e a cultura das mulheres escritoras se revelou um modelo mais operacional para nossa pesquisa, pois incorpora as ideias a respeito do corpo, da linguagem e da psique feminina e as

85 SHOWALTER, Elaine. **A crítica feminista no território selvagem**. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

interpreta em relação aos contextos sociais nas quais elas se manifestam, pois as práticas por meio das quais as mulheres constroem seus conceitos, seus corpos e sua sexualidade, os temas de seus textos e a forma como irão expressá-los formam-se a partir do seu contexto e do ambiente cultural em que elas se encontram.

Devemos ainda fazer valer a consideração de que essa teoria também reconheceu a existência das diferenças entre as mulheres escritoras, diferenças estas que também influenciam na produção da escrita: classe social, raça, nacionalidade e história de vida possibilitarão uma “mirada” localizada que poderá ou não ser um ponto de partida para reflexões interculturais na produção literária.

Não podemos desprezar as contribuições que a crítica literária feminista tem buscado ao rejeitar a dicotomia de gênero. Não devemos, contudo, deixar de identificar variantes e diferenças narrativas em espaços de enunciações histórica e socialmente desiguais. Desse modo, a palavra feminina excluída durante tanto tempo da história através do cânone (que é forjado posteriormente a escrita das obras) e da memória, se mostrou distinta do discurso androcêntrico, tanto na forma de expressão, quanto na sua abordagem.⁸⁶

Através de suas obras Cristina de Pizán realizou o inter cruzamento de vozes, de visões, de gostos, de impressões e de sensações, tecido por um eu - narrador marcado por dualidades e ambiguidades. Como narradora Cristina se dividiu entre contar uma história sobre as mulheres e contar a sua própria história; entre narrativas de personagens como Carlos V e questões pontuais do seu país de adoção, quando escreve sobre a Guerra dos Cem Anos; e narrativas de caráter universal, quando se envolve na querela em defesa das mulheres; entre as histórias aprendidas nos livros e suas reflexões a respeito dos relatos transmitidos oralmente.

Cristina de Pizán saciou em parte nosso estranhamento e curiosidade a respeito do tempo e do meio em que viveu, bem como nos revelou parte de seus pensamentos, pois deixou por escrito traços de seu cotidiano e da sua experiência subjetiva. Ela soube muito bem apropriar-se de obras que foram escritas por homens famosos e reconhecidos, inclusive por ela mesma, para dar voz e visibilidade a muitas mulheres que até então não tinham tido um porta voz no terreno das letras pois, dar às mulheres o domínio da escrita era considerado algo perigoso, mesmo se certos moralistas fossem menos enfáticos que Felipe de Novara,

86 FREITAS, Luciana Eleonora de. **A construção da imagem feminina no imaginário utópico de Christine de Pisan** Tese não publicada. p.61-62

estudioso e clérigo medieval quando afirmou que “As palavras das mulheres letradas deixaram durante muito tempo florar o temor das audácias e o medo das impotências”.⁸⁷

Para Cristina de Pizán a educação era um meio das mulheres não permanecerem indiferentes a determinados assuntos, sobretudo aqueles que envolviam responsabilidades políticas ou sociais. A educação proporcionava o conhecimento para a mulher sobre diversos domínios de interesse, possibilitando uma experiência que fosse além do ambiente doméstico.⁸⁸ Pudemos perceber quanto Cristina considerava as mulheres como seres racionais iguais aos homens e que se sabiam menos era justamente porque sua educação era deficitária e limitada quando comparada com a educação que era dada aos homens.

Outra ideia que a autora se empenhou em combater com determinação ao longo de sua obra foi a crença profundamente arraigada de que o conhecimento além de corromper as mulheres também arruinava os costumes.

“Isto demonstra (...), que as opiniões dos homens não se fundamentam todas sobre a razão, porque está bem claro que aí andam equivocados. Não se pode admitir que o conhecimento das ciências morais, que ensinam precisamente a virtude, corrompa os costumes. Ao contrário, é certo que as melhora e enobrece. Como crer que fomenta a corrupção? É algo que não se pode pensar nem dizer.”⁸⁹

Cristina de Pizán escreveu sobre mulheres e para mulheres, embora seus textos também tenham tido como destinatários representantes do sexo masculino, principalmente enquanto ela esteve envolvida na “Querela do Romance da Rosa”. Escreveu também para esclarecê-los quanto às qualidades e aos valores femininos. Ela conhecia a sociedade em que vivia e sabia quem precisava ser convencido para que a realidade das mulheres mudasse de fato.

Suas obras foram uma tentativa de mudar a visão do homem quanto a uma prerrogativa que era considerada exclusiva deles: a de serem depositários de todo conhecimento e da palavra e da escrita. Assim ela constrói a primeira obra que

87 DUBY, Georges (org.); PERROT, Michelle (org.); KLAPISCH-ZUBER, Christiane (dir.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990 v. 2 p. 536

88 CALADO, Luciana. **Saboreando o saber; a aventura intelectual de Christine de Pisan no seu “caminho de longo estudo”** Disponível em: <www.uesc.br/seminariomulher/anais/luciana%20eleonora%20de%20freitas%20calado.pdf> acesso em 19/09/2012

89 PISÁN, Christine. **A Cidade das Mulheres**. coisas de ler Edição, Lda. Lisboa. 2007 p.82

propomos análise nessa dissertação “A Cidade das Damas” como a construção de um refúgio para o sexo feminino que seria capaz de resgatar a honra feminina.

CAPÍTULO 2

A OBRA “A CIDADE DAS DAMAS” E A CONSTRUÇÃO DE UM REFÚGIO PARA AS MULHERES NO CAMPO DAS LETRAS.

Em 1405 Cristina de Pizán escreveu o livro “A Cidade das Damas” com o objetivo de intervir nas disputas dos homens de letras acerca da natureza feminina, disputas estas que passaram a ser conhecidas pela rubrica “Querela das Mulheres”. Conforme percebemos, o contexto de intrigas no qual ela se encontrava permitia que escrevesse em favor das mulheres e sua relação com Isabel da Bavária foi fundamental para sua defesa no embate.

Em seu texto, Cristina de Pizán recorreu a personagens alegóricas que aparecem num sonho. São as personagens femininas Razão, Retidão e Justiça, símbolos de valores associados à feminilidade, que em seu texto argumentaram e refutaram os consolidados discursos misóginos. Assim, Cristina se dispôs a mostrar através da retórica e nas referências que faz às obras reconhecidas de Ovídio, Cícero, Petrarca, Cesco d’Ascoli como a subordinação feminina e a “má fama” das mulheres haviam sido construídas. No início do texto Cristina se descreve cercada por seus livros e de como se sentia aflita por pertencer a uma categoria de pessoas, as mulheres, tão incompreendida pelos esclarecidos e eruditos homens de seu tempo. Enquanto pensava sobre este dilema a dama Razão apareceu para ela e disse “leia os textos interpretando pela regra gramatical da antífrase”⁹⁰ ao mesmo tempo que ordena:

- “Levanta-te agora minha filha, e sem mais demora façamos a viagem ao campo das letras, onde construiremos a Cidade das Damas num chão rico e fértil, onde florescem frutos de todas as espécies e onde correm límpidos riachos, um local onde as coisas boas crescem em abundância. Segura na pá da sua inteligência e escava o mais fundo que conseguires de modo a construíres uma grande trincheira ao redor da linha que tracei. Ajudar-te-ei a carregar para fora os montes de terra aos meus ombros”⁹¹

Neste capítulo apresentamos Cristina de Pizán como uma defensora da moral feminina em sua obra “A Cidade das Damas”. Analisamos como ela elaborou

90 PISÁN, Christine. **A Cidade das Mulheres**. coisas de ler Edição, Lda. Lisboa. 2007 (p.11)

91 Ibid. p.12

um tratado moral em defesa do sexo feminino a partir da compilação da obra de Boccaccio. Sua divisão em três partes é uma influência de Petrarca, e o título é inspirado na Cidade de Deus, de Santo Agostinho, que foi traduzido durante o reinado de Carlos V.

Propomos analisar “A Cidade das Damas” e de como Cristina aceitou a convocação de defender as mulheres com o argumento de que a racionalidade também é um atributo feminino.

2.1 - O chamado de Cristina e a construção do refúgio para as mulheres.

No início do livro I da Cidade das Damas, Cristina de Pizán revelou seu estado de espírito: diz-se cabisbaixa, triste e desolada diante das afirmações dos homens eruditos e competentes sobre as mulheres. Ela lia o livro “Lamentações de Mateolo”,⁹² pois ouvira dizer que ali encontraria sábias considerações acerca das mulheres, mas sentiu-se decepcionada com o que leu e expressava pela primeira vez sua indignação pela maneira como os homens referiam-se às mulheres:

“Considero que este livro não tem autoridade nenhuma, sua leitura me deixou sem dúvida perturbada e em completa perplexidade. Me perguntava quais poderiam ser as razões que levam a tantos homens, clérigos ou laicos a mal dizer as mulheres criticando-as tanto em palavras como em escritos e tratados (...) filósofos, poetas, moralistas, todos – e a lista seria demasiado longa – parecem falar com a mesma voz para chegar a conclusão de que a mulher, má por essência e natureza, sempre se inclina ao vício. Trazendo

92 O livro chamado “Lamentações de Matheolus” ou o “Liber lamentationum Matheoluli” foi composto por volta de 1295 por um poeta francês chamado Mathieu de Boulogne. Existem poucos detalhes biográficos acerca de Matheolus. Sabe-se que ele era um clérigo que caiu em desgraça por ter sido o segundo marido de uma mulher que já havia sido casada. Quando seus superiores eclesiásticos descobriram a traição de sua esposa, ele foi imediatamente considerado um bígamo aos olhos da igreja que lhe tirou sua renda, de acordo com o direito canônico. Desiludido com a vida em geral e culpando sua esposa, em particular, ele começou a escrever um tratado poético que, mais tarde, o tornou mundialmente famoso como o maior dos misóginos medievais, um discurso denunciando a maldade e crueldade femininas. O livro foi inicialmente escrito em latim, que foi traduzido para o vernáculo francês por um cortesão borgonhês chamado Jehan de Resson Le Fevre como *Les Lamentations de Matheolus*, e foi rapidamente reconhecido na França como uma das maiores obras da misoginia medieval já escrita. Mesmo na sua forma latina, foi amplamente divulgada por escolásticos na Europa Ocidental. De todos os quatro cantos do mundo mediterrâneo, era um trabalho efusivamente elogiado por sua grande coragem e sabedoria, saudado como um guia infalível e visto como uma espécie de enciclopédia que exaustivamente narrava os vícios de todas as mulheres. cf. YUNCK, John A. “The **Venal Tongue: Lwyers and the Medieval Satirists**” Disponível em: <<http://heinonline.org/HOL/LandingPage?collection=journals&handle=hein.journals /abaj46&div=75&id=&page=>> acesso em 15/09/2012

todas essas coisas à minha mente, eu, que tendo nascido mulher me coloquei a examinar meu caráter e minha conduta e de muitas outras mulheres que pude conhecer, tanto princesas e grandes damas como mulheres de mediana e modesta condição que tiveram por bem confiar-me seus pensamentos mais íntimos. Me propus decidir em plena consciência, se o testemunho reunido por tantos homens ilustres poderia estar equivocado”.⁹³

Na continuidade de suas reflexões em primeira pessoa a autora descreveu um momento de profunda dor e indignação, que a levou a questionar Deus por ter nascido mulher: “[...] *Ai de mim! Deus meu! Por que não me fez nascer homem para servir-te melhor com todas as minhas inclinações, para que não me equivoque em nada e que tenha esta grande perfeição que os homens dizem ter.* [...]”⁹⁴

A obra “A Cidade das Damas” teve seu título inspirado na “A Cidade de Deus”, de Santo Agostinho e foi elaborada tendo como principais referências o “De Claris Mulieribus” (Mulheres Célebres) e o Decamerão, ambos escritos por Giovanni Boccaccio (1313-1375), sendo o primeiro uma coletânea de 104 biografias de mulheres famosas por seus vícios e virtudes⁹⁵. Contudo, a referência a Boccaccio foi limitada, tendo em vista que seu objetivo era exaltar as mulheres que serviriam como modelo para todas as outras. Portanto, ela adaptou as obras do poeta e escritor florentino para que seu modelo narrativo fosse adequado ao ideal de moralidade cristã de Cristina.

De forma muito calculada ela escolheu as biografias de mulheres que para ela eram exemplos de virtude e valor e que estavam presentes no “De Claris Mulieribus”, destacando somente as virtudes e omitindo as informações que não interessavam para os ideais de sua obra. Quanto ao “Decamerão”, adaptou algumas de suas histórias utilizando a mesma estratégia de omissão para o que não era pertinente para sua obra. Ela recontou a nona novela do segundo dia do “Decamerão”, na qual Barnabé, de Gênova, é ludibriado por Ambrosinho - este afirmou que dormiu com a esposa de Barnabé - e perdeu uma aposta; ordenou que sua esposa, inocente, fosse morta. Ela foge e em trajes de homem serve um grande sultão. Encontrou o ludibriador e atraiu Barnabé a Alexandria, onde o enganador é castigado. A esposa volta aos trajes femininos e regressou com o marido, ambos ricos, para Gênova.

93 PIZÁN, Christine, **A Cidade das Mulheres**. Coisas de Ler Edição, Lda. Lisboa. 2007. p. 9

94 Ibid. p.10

95 OS IMORTAIS da Literatura Universal, **Boccaccio**. São Paulo: Abril Cultural, 1971. 20 p. 5-20

Nesse conto Cristina escondeu o detalhe de que a esposa de Barnabé despiu-se na frente de várias pessoas, mostrando os seios e revelando sua identidade feminina. Esta atitude seria considerada imoral para uma dama, portanto, Cristina omite tal informação. Esse detalhe revelou que seu objetivo principal era fazer com que os homens saíssem da sua ignorância sobre as mulheres e que os exemplos e conselhos por ela apresentados pudessem servir, além de convencê-los com argumentos racionais, como exemplos a serem seguidos por outras mulheres. Desta forma ela apresentou sua visão sobre as mulheres, já que sempre quem havia escrito sobre o assunto havia sido os homens.

Cristina fez adaptações de outros renomados escritos reescrevendo histórias de autores consagrados em sua época. Isto era frequente nas obras do final da Idade Média e demonstrava a erudição de quem escreveu fazendo referência a obras clássicas.

Utilizando-se de algumas personagens, descartando outras e ainda alterando algumas das biografias mencionadas nas obras de Boccaccio, não apenas porque ela queria apagar a imagem de imoralidade que alguns escritores clássicos utilizavam contra o sexo feminino, mas principalmente a fim de que obtivesse sua própria autoridade sobre elas. Além disto, acrescentou biografias de mulheres santas que não constavam nas obras que leu e nas quais se baseou.

Este procedimento é chamado pela poética medieval de *compilatio*, que consistia em fazer de vários textos um novo texto, algo que foi constante no século XV. Desta maneira, Cristina reformulou o discurso masculino usando das mesmas ferramentas da erudição, que estavam a disposição dos escritores - homens e mulheres - utilizou a retórica, dando-lhe novo formato reescreveu e reconstruiu uma história das mulheres, reformulando e descontextualizando os autores clássicos aos quais tivera acesso ao longo de sua vida.

Outro recurso importante a que Cristina de Pizán recorreu é o que Marie José Lemarchand chamou de “construção em espiral”, que se trata de interromper a história para retomá-la mais adiante, ou de voltar a recordar a história de uma mesma mulher em vários capítulos como em um jogo de espelhos ou de pontos de vista diferentes sobre um mesmo assunto.⁹⁶

96 LEMARCHAND, Marie José. **Introducción** in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.28-30

Assim, dentre as operações utilizadas e realizadas pela autora, podemos citar a supressão de dados históricos, a exclusão de epítetos, a simplificação de situações fora do comum, a supressão de situações que envolviam assassinatos, luxúria, incesto, principalmente se as heroínas delas participassem atentando contra a moralidade cristã.

“A Cidade das Damas” é uma obra dividida em três capítulos denominados livros, com um total de 138 capítulos, construído como um catálogo biográfico e estruturado através do uso de uma alegoria principal que é a construção de uma cidadela na qual figuram como moradoras e também como pedras angulares mulheres virtuosas e célebres de diferentes épocas, nacionalidades e religiões. O livro apresenta três personagens femininas, Razão, Retidão e Justiça, que apareceram em sonho para Cristina e propuseram a construção de uma cidade para as mulheres, sendo os materiais e as defesas desta cidade imaginária as próprias mulheres excelentes.

Trata-se de uma verdadeira alegoria da autoridade feminina, que permite a Cristina de Pizán revisar a história e a ela incorporou todas as figuras femininas, desde as amazonas e outras personagens mitológicas até as princesas e grandes damas da França, suas contemporâneas, passando pelas Sibilas, as mulheres ilustres e fortes da antiguidade, as mártires cristãs, entre tantas outras personagens exemplares. Cristina de Pizán descreveu a Cidade das Damas como uma grande fortaleza, que teria muros tão altos e uma estrutura tão rígida que nunca seria conquistada, apesar de em alguns momentos poder vir a ser tomada por assaltos. Teria os alicerces tão profundos e seria tão bem estruturada que poderia existir eternamente, pois os sistemas de defesa assegurariam a paz e a ordem.

Cristina estava encarregada de construir esta nova cidade povoada pelas mulheres mais maravilhosas que já existiram. No seu governo, adornada pelos mais magníficos louvores, estaria Maria, a mãe de Jesus, a Rainha da “Cidade das Damas”. A cidade seria a nova visão que surgiria a partir da obra de Cristina, e que viria fundamentada na escrita: *“Partamos para o campo das letras; é neste país rico e fértil que será fundada a Cidade das Damas, aí onde se encontram tantos frutos e doces rios, aí onde a terra abunda em todas as coisas boas”*.⁹⁷

97 PIZÁN, Christine, **A Cidade das Mulheres**. coisas de ler Edição, Lda. Lisboa. 2007 p. 12

Assim, ela recorreu a diversos simbolismos como o da visita das “Três Damas”, Razão, Retidão e Justiça, que a teriam convocado para um grande feito - a construção de um refúgio para as mulheres, uma cidadela que teria como função proteger as mulheres dos ataques injustos dos homens e cumpriria sua missão de valorização⁹⁸ do sexo feminino através do uso da inteligência e da razão, demarcando o terreno e ajudando a fazer os fundamentos desta construção.

O espaço da cidade seria, com efeito, o espaço das palavras, “um campo cavado pela enxada da interrogação, onde trabalhar a terra é usar a palavra do questionamento, e ousar dizer pela ponta da pena”.⁹⁹ Nesta Cidade as mulheres ocupariam o domínio jurídico e as guerreiras seriam letradas. Zenóbia, rainha de Palmira, descrita como perfeita no combate e dedicada ao estudo: sabia grego, latim e escreveu nessas línguas um compêndio sobre história.

Cristina soube se posicionar e usou o seu privilégio na corte para escrever. É visível que a obra “A Cidade das Damas” foi construída como um catálogo biográfico e resgatou mulheres de diferentes épocas, permitindo um diálogo que possibilitou o compartilhar de experiências semelhantes entre elas. Essas experiências se repetiram, tanto nas situações de dificuldade, como nas situações de ousadia. Assim, foi criado um vínculo, um traço identitário comum, que possibilitou a criação de uma linhagem e de uma tradição feminina, a constatação da existência de uma ancestralidade onde mulheres valorosas e cheias de virtude podiam ser modelos afirmativos e exemplos importantes para outras mulheres.

A união dessas mulheres teve um eixo comum: o reconhecimento da violência, que foi evidenciada de forma mais ou menos central na violência ancestral sobre o corpo feminino. Cristina de Pizán se posicionou contra toda sorte e toda espécie de violência: doméstica, sexual, moral, entre outras, como podemos ver nessa passagem:

“[...] como tu bem sabes, há muitas mulheres que vivem uma existência infeliz, por estarem casadas com um marido brutal que as faz sofrer as maiores penitências, sendo ainda mais maltratadas do que os escravos dos serracenos. Oh Deus, quantas mulheres boas e descentes têm sido espancadas sem razão, fustigadas de insultos, obscenidades e ameaças, e

98 Segundo o Dicionário Houaiss de língua portuguesa, valorização é o ato ou efeito de valorar, de determinar a qualidade ou o valor de algo. Entendemos que é a proposta de Cristina de Pizan, já que às mulheres não eram atribuídas qualidades para serem valorizadas pelos interlocutores dessa autora.

99 KLAPISCH-ZUBER, Christiane (dir.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990 v. 2 p.533

sujeitas a todo o tipo de baixeiras e indignidades, sem proferirem sequer um murmúrio de protesto? E quantas outras ainda sobrecarregadas com grande número de filhos e que vivem na penúria e na miséria enquanto os maridos frequentam locais de deboche ou passam as noites nas tabernas? O que as mulheres como estas têm para jantar, logo que os maridos entram em casa é uma boa tarefa.”¹⁰⁰

Somente o conhecimento do passado - das antecessoras, de suas expressões artísticas, suas lutas, dúvidas individuais e coletivas - seria capaz de construir uma memória que servisse de modelo para as mulheres do presente e do futuro.

A literata Biruté Cipliauskaitė analisou essa possibilidade de procedimentos genealógicos, tanto da recuperação de personagens históricos como da reconstrução de uma voz do passado no tempo presente, chamando-a de novelas de *conscienciación*, ou seja, a busca da identidade se daria através de uma viagem à memória e suas origens. A recuperação de personagens femininas históricas, presente na obra de muitas autoras, se dá porque elas escolhem como protagonista uma figura que de algum modo tenha contribuído para a emancipação da mulher.¹⁰¹

Sob este ponto de vista, o interesse pela história e o conhecimento clássico fez com que Cristina ressignificasse algumas figuras clássicas. Resgatou a história de vida de algumas mulheres,¹⁰² estabelecendo um diálogo ininterrupto entre mulheres de diferentes gerações e condições sociais. Na construção dessa cidade vemos como Cristina de Pizán exortou para a ação política nas palavras da dama Razão e seu discurso defensivo, dando resposta a uma situação prévia de injustiça que passaria a ser sua motivação e orientação.

Cada uma das damas com quem Cristina dialogou trazia consigo um instrumento na mão direita, que caracterizava sua principal função. O fio argumentativo de Cristina consistiu nas indagações que ela elaborou para cada dama ao expor suas dúvidas e aflições acerca do sexo feminino. Estas, por sua vez, respondiam a Cristina com exemplos que contradiziam o discurso misógino, fazendo

100 PISÁN, Christine de. **A cidade das mulheres**. Coisas de Ler. Lisboa.2007 p. 74

101 CIPLIAUSKAITÉ, Biruté. **La novela femenina contemporánea. Hacia una tipología de la narración em primera persona**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988. APUD ALMEIDA, Lélia **Mulheres que escrevem sobre mulheres que escrevem** Disponível em: <www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/anais_2coloquio/mulheres_que_escrevem.pdf> acesso em 15/09/2012 p. 3.

102 Segundo Lélia Almeida, esta é uma das tendências mais marcantes e singulares da literatura de autoria feminina no mundo inteiro. (ALMEIDA, Lélia. **Mulheres que escrevem sobre mulheres que escrevem**. Disponivel em: <www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/anais_2coloquio/mulheres_que_escrevem.pdf> acesso em 15/09/2012 p.4-5

com que desta maneira as personagens fossem distribuídas ao longo da obra através de um critério temático discutido entre a autora e a dama correspondente a cada parte do diálogo.

A Dama Razão, carregando um espelho na mão direita, apresentou-se como uma “fiel guia para que Cristina acabasse a obra sem equivocar-se”.¹⁰³ Propunha uma revisão de conceitos e pensamentos arraigados na consciência da autora. Sua proposta consistiu em fazer com que as pessoas guiassem suas ações baseadas na racionalidade. Desta forma, elas olhariam para o reflexo no espelho que Razão carregava consigo e fariam uma leitura de si mesmas. Inclusive os homens que insistiam em agredir as mulheres com suas palavras seriam capazes de julgar se suas atitudes estavam certas ou erradas.

A ideia presente nessa construção narrativa de Cristina de Pizán era o autoconhecimento, capaz de levar ao autocontrole, um dos instrumentos presentes no processo civilizador, ou seja, tomar consciência de sua própria existência e controlar intencionalmente seus atos a fim de provocar reações em outrem, desta maneira dominando sua própria natureza, sendo capaz de denominar não só a si, mas aos outros e ao que cerca o indivíduo que tem controle sobre si.

Norbert Elias, especialmente no livro “A Sociedade de Corte”, ressaltou a importância de se controlar as emoções e afetos no interior de uma sociedade distinta e refinada como a sociedade cortês. Segundo Elias, uma das regras de sobrevivência previa que os homens deveriam “conhecer a fundo suas próprias paixões para poder na verdade encobri-las”.¹⁰⁴ Embora Elias se referisse à sociedade de corte na França de Luis XIV, podemos identificar o pensamento de Cristina de Pizán como o de alguém que percebeu o processo de mudança que estava se engendrando em seus dias e que consistia em tornar o homem violento e bruto num indivíduo “civilizado”, educado para a arte da política, capaz de disputar o poder por meio da retórica e da persuasão. A autora propôs, já no século XV, que as mulheres tomassem consciência de seus papéis nesse processo de automodelação fazendo parte dele ativamente.

A dama Retidão trazia em sua mão direita uma régua brilhante com a qual ajudaria no processo de autoconsciência. Ela dizia ser o escudo que protegia os servos de Deus e também aquele que resplandecia a bondade divina de quem era a

103 PIZÁN, Cristina. **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.71 (tradução nossa)

104 ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Lisboa: Difel, 1990 p.143

mensageira.¹⁰⁵ Com sua ajuda os seres humanos saberiam distinguir o certo do errado, tendo como fundamento o pensamento cristão para que fossem estabelecidas as diferenças entre o Bem e o Mal.

A dama Justiça carregava em sua mão direita um vaso de ouro, simbolizando o julgamento das ações, e ajudaria a manter a ordem na cidade. Simboliza a justiça divina. Anunciou-se como a filha predileta de Deus, de cuja essência ela precedia e cuja única obrigação era dar a cada um segundo seu próprio mérito.¹⁰⁶

As três damas representavam uma tríade de perfeição, espelhando a Divina Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Uma não conseguiria existir sem a outra, são interdependentes, elas diziam que estão em Deus e Deus estaria nelas. Desta forma entendemos que Cristina propunha revelar um “lado feminino” de Deus.

“Há alguns que são suficientemente loucos para afirmarem que Deus fez o homem à sua imagem, isso significa a sua imagem física. Contudo isso não é verdade, pois nessa altura Deus ainda não tinha assumido uma forma humana. Deve por isso entender-se como sendo a alma, que é o intelecto imaterial e ele que iria assemelhar-se a Deus até os fins dos tempos. E Deus dotou ambos, homem e mulher, com uma alma idêntica, nobre e virtuosa”.¹⁰⁷

Ela utilizou as alegorias femininas e uma linguagem figurativa, porém muito calculada:

“Estou em Deus e Deus está em mim, porque somos por assim dizer uma só coisa. (...) Nós três somos por assim dizer uma só: o que propõe a primeira [Razão], a segunda [Retidão] dispõe e aplica, e eu a terceira [Justiça] levo ao perfeito término (...)”¹⁰⁸

Ousa louvar o pecado de Eva, sem o qual, argumentou Cristina de Pizán, os homens jamais conheceriam a graça de Deus.

“A espécie humana jamais se teria unido a Divindade se Eva não tivesse pecado. Tanto o homem como a mulher devem louvar este pecado de Eva, pois foi através dele que lhes adveio tamanha honra. Se a Natureza humana está desonrada, devido as ações de uma das criaturas de Deus, tem vindo a ser constantemente honrada pelo próprio criador”¹⁰⁹

105 Ibid. p.72

106 PiZÁN, **La ciudad de las Damas...** op cit. p.72-73

107 PISAN, Christine. **A cidade das Mulheres**. Coisas de Ler. Lisboa. 2007. p.22

108 PiZÁN . Cristina de. **La ciudad de las Damas**, Siurela. Madrid. 2001. p.73

109 PISAN, Christine. **A cidade das mulheres**. Coisas de Ler. Lisboa 2007.p.24

2.2 - A Cidade das Damas como *Exemplum*

Ao se dedicar à sua obra “A Cidade das Damas”, Cristina de Pizán já estava com cerca de 40 anos, ou seja, já era uma mulher madura que tinha passado por muitas dificuldades com a morte do pai e do marido. Ela teve que sustentar sua família e sofreu com a perda do filho mais novo, mas manteve suas ideias claras, sendo uma escritora reconhecida e com ideais políticos, pois contava com o patrocínio da rainha da França Isabel da Bavária, esposa do Rei Carlos VI.

Graças à sua formação privilegiada, às leituras e às experiências pessoais, reconheceu a situação de inferioridade e subordinação em que se encontravam as mulheres e tomou a decisão de escrever a este respeito como uma forma de lutar contra o que era dito a respeito delas. Ao iniciar a redação Cristina se dedicou à “limpeza do terreno” no campo das letras. Para isso, começou “varrendo” o pensamento de toda uma época dos ataques que vilipendiavam as mulheres para depois, juntamente com as damas - Retidão, Razão e Justiça - se empenhar na construção dos muros e habitações da cidadela. Dentro desses muros encontrariam refúgio apenas as mulheres virtuosas, com qualidades e méritos, ultrapassando barreiras históricas. Todas juntas ali viveriam tendo como senhora suprema a Virgem Maria, mãe de Cristo, exemplo supremo de virtude.

Sob esta ótica Cristina trabalhou em sua construção evocando exemplos de mulheres que, além de habitantes de sua cidadela, eram também as pedras utilizadas na construção desta cidade. Mulheres guerreiras como Semiramis¹¹⁰ foram invocadas para serem as pedras de fundação, já que primeiramente teriam que lutar para se posicionarem nesse campo masculino que é o campo das palavras. Mulheres sábias e fundadoras do saber seriam os muros da cidade, podendo dar a segurança que se alcança com o conhecimento. As sibilas e profetisas foram convidadas a traçar as primeiras construções, por serem aquelas ligadas ao plano divino, trazendo esse caráter místico intrínseco para as construções.

Agrupando as mulheres que foram convocadas para a tarefa de serem as construtoras e primeiras habitantes da Cidade das Damas, além das que já foram citadas, a autora incluiu:

110 Esposa de Ninrode, Rei de Pérsia e que acompanhava o marido no campo de batalha.

- Mulheres que possuíram discernimento mesmo sendo submissas aos homens, atuando como boas administradoras das tarefas domésticas;
- Mulheres que se destacaram no exercício da política;
- Mulheres que foram fiéis e amorosas aos pais;
- Mulheres que foram fiéis em seus casamentos;
- Mulheres que foram boas confidentes e boas conselheiras para ajudar seus maridos;
- Mulheres bíblicas que contribuíram tanto no plano do cotidiano quanto no espiritual;
- Mulheres que refutando a crença da época, foram instruídas e não se corromperam por isso;
- Mulheres belas e castas;
- Mulheres que resistiram à violência sexual, refutando o argumento misógino de que as mulheres gostavam de ser violentadas;
- Mulheres que foram caluniadas e permaneceram virtuosas;
- Mulheres que foram constantes em seu amor, argumento contra aqueles que insistiam em apregoar a frivolidade feminina;
- Outras mulheres que se tornaram célebres pelos mais diversos motivos.

Casadas, viúvas e virgens foram aconselhadas cada qual segundo sua condição e de acordo com seu papel na sociedade, pois Cristina foi além do recurso medieval de categorizar as mulheres apenas segundo seu estado conjugal, como casadas, virgens e viúvas, orientando-as segundo sua condição social, mas também tendo o cuidado de alertar as mulheres sobre as armadilhas sedutoras presentes em cada situação descrita.

Assim, a partir de autores como Boccaccio, Ovídio e Cícero ela abriu caminho para uma interlocução através do tempo com as mulheres que se destacaram em diferentes épocas. O diálogo é possibilitado pelas três damas (Razão, Justiça e Retidão) sendo usado como um meio de compartilhar experiências que são de temática universal, ou seja, são semelhantes e se repetem, tanto nas situações de dificuldade como nas situações de ousadia entre as mulheres descritas e aquelas que teriam acesso à obra, criando um vínculo, um traço identitário fundamental para a constituição de uma linhagem na qual mulheres podem ser modelos afirmativos e importantes para outras mulheres.

Ao criar sua teia de argumentações em defesa das mulheres por meio de uma obra escrita, Cristina enfrentou o preconceito de uma época. Como mulher ela não deveria se posicionar com palavras, pois segundo a tradição, pela tagarelice de Eva o pecado entrou no mundo e por isso a pregação feminina deveria ser sem verbalização, feita apenas pela mortificação corporal.¹¹¹ Assim, ela se colocou a trabalhar reunindo um catálogo biográfico capaz de servir como manual de exemplos para que as mulheres fossem capazes de combater as calúnias e maledicências tão arraigadas na sua época.

“A Cidade das Damas” se insere em uma categoria literária denominada *exemplum*, que tem como característica reunir uma série de histórias, fictícias ou não, geralmente curtas, com o objetivo de induzir seus leitores/ouvintes a seguir os bons e retos modelos apresentados. Esse tipo de literatura era muito usado nos mosteiros e nos sermões medievais, buscando orientar o comportamento dos religiosos com modelos que mereciam ser imitados, sendo assim um recurso retórico que objetivava convencer e persuadir.

A partir de um fato passado o pregador do sermão ou autor do discurso era capaz de deduzir pelo raciocínio uma lei geral ou uma regra de conduta moral capaz de ser aplicada na vida dos ouvintes.¹¹² Dentro desta categoria literária pode-se distinguir quatro tipos de *exemplum*:

1. *Exempla* tirados de histórias ou lendas, principalmente de histórias da antiguidade, de crônicas, da vida de santos e da Bíblia.
2. *Exempla* tirados de acontecimentos contemporâneos, de anedotas de domínio público, ou de lembranças do autor (de modo a formar um registro de comportamentos com revelações curiosas).
3. *Exempla-fables* tomados da tradição popular.
4. *Exempla* tirados dos bestiários como descrições morais.¹¹³

Esses *Exemplum* têm várias características comuns, entre elas podemos encontrar na obra de Cristina de Pizán a univocidade, já que não permite interpretações múltiplas; a brevidade, pois as histórias são concisas; a autenticidade, mesmo quando se trata de lendas a autora tem como base os autores antigos de

111 L'ERMITE LECLERCQ, Paulete. **A Ordem Feudal (séc. XI-XIII)** in: DUBY, George e PERROT, Michelle (dir.) **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990 v.2

112 LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. Doutorado em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais. USP. Maio 2008 (tese não publicada) p. 22

113 Ibid. p.22-26

quem faz a *compilatio*; a verossimilhança, uma vez que o acontecimento é possível; o prazer, o texto precisa agradar aqueles que têm contato com ele; a metáfora, com sentido figurado por efeito de comparação ou analogia; a facilidade de memorização para ser facilmente lembrado e aplicado no cotidiano.¹¹⁴

Na “Cidade das Damas” podemos contar mais de 100 exemplos de mulheres que figuram ali para serem imitados, desta maneira a autora forneceu meios para que as mulheres pudessem desarmar seus adversários e conseguissem triunfar sobre eles. O texto de Cristina foi todo permeado por argumentos e exemplos capazes de mostrar o quanto as mulheres poderiam deixar de ser sujeitos passivos em suas vidas, atribuindo a elas o poder de decisão e de iniciativa tendo como propósito derrotar a ignorância dos homens e promover a capacidade das mulheres.

A autora encaminhou a discussão e o ensinamento no título de cada capítulo, como, por exemplo, no Capítulo 53: depois de Retidão ter terminado de falar sobre as mulheres que eram leais, Cristina pergunta por que razão todas essas magníficas mulheres do passado e do presente não refutaram os homens e os livros por caluniarem o sexo feminino e Retidão dá sua resposta,¹¹⁵ recorrendo ao método socrático inspirado na maiêutica¹¹⁶ como forma de ensinar os indivíduos a aprenderem por eles mesmos. O leitor já sabe o que buscar em cada capítulo e com que intenção a autora escreveu cada um deles.

Tecendo argumentos junto com as damas em cada capítulo Cristina apresentou um posicionamento feminino acerca de temas que eram discutidos apenas entre os homens. Defendendo o direito das mulheres à palavra, procurou estabelecer a confiança nas mulheres e combateu outra ideia corrente na época, a de que Cristo apareceu a Maria Madalena com o único intuito de usá-la como propagadora da notícia da ressurreição.¹¹⁷ Desta maneira, o texto da “Cidade das Damas” serviu como um manual a ser seguido pelas mulheres e também para ser lido pelos homens, dando-lhes informações menos preconceituosas em relação ao

114 Ibid.

115 PIZÁN, Cristina. **A Cidade das Mulheres**, Lisboa, Coisas de Ler Edições, 2007 (p.108)

116 A Maiêutica consiste em um procedimento dialético no qual Sócrates, partindo das opiniões que seu interlocutor tem sobre algo, busca fazê-lo cair em contradição ao buscar defender seu ponto de vista, vindo assim a reconhecer sua ignorância acerca daquilo que julgava saber. (JAPIASSU Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**, 4ª Edição Atualizada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006) pp.175-176.

117 A ideia de que as mulheres são mexeriqueiras remonta a Aristóteles e ao Apóstolo Paulo, para quem os homens devem falar e falar bem, enquanto as mulheres devem permanecer taciturnas (LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval**. Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada p. 47)

sexo feminino, fazendo parte de um projeto maior da autora, o de que todas as mulheres tivessem acesso ao conhecimento.

Usando exemplos para persuadir as mulheres a saírem de onde estavam e também para mudar a visão dos homens quanto às prerrogativas que determinavam sua suposta superioridade em relação a elas, Cristina de Pizán reivindicava a dignidade feminina como o seu ideal maior.

A nova cidade se fundou em pleno domínio do saber androcêntrico – dentro do perímetro do campo das letras – o que significa reconhecer que a construção dos muros era contingente e momentânea porque nada escapa da cultura, nem mesmo uma utopia medieval. Admitimos que todo pensamento crítico se produz, ao menos em parte, com as ferramentas conceituais disponíveis e dentro dos limites de um contexto histórico, por mais incômodo que se apresente para os sujeitos em questão.

As pedras metafóricas de Cristina de Pizán, que eram as vidas dessas mulheres exemplares ou comuns, representavam o valor concedido ao vivido e a importância que a autora colocou na experiência. Tal experiência é prática e funciona como refúgio, memória e impulso ético e político.¹¹⁸

Quando Cristina questionou Razão acerca da superioridade e inferioridade dos sexos, esta lhe respondeu que a superioridade ou inferioridade de uma pessoa não deriva-se de sexo e sim da perfeição de seus modos e virtudes.

“Pelo que me diz Dama minha, a mulher é uma criação muito nobre. Porém, Cícero disse que um homem não deve nunca servir a uma mulher porque se colocaria a serviço de alguém menos nobre e que o mesmo seria inferiorizar-se.

Ela me respondeu com essas palavras:

- “Maior é aquele ou aquela que mais méritos tem, a superioridade ou inferioridade das pessoas não reside em seu corpo atendendo ao seu sexo, e sim na perfeição de seus hábitos e qualidades”.¹¹⁹

118 CHANETON, July Edith. **La ciudad de las damas teorías y prácticas feministas**. Nueva Sociedad, número 155. mayo – junio 1998 p.37-53.

119 PIZÁN, Cristina. **A Cidade das Mulheres**. Coisas de Ler. Lisboa. 2007 p.20-21

2.3 - A Cidade das Damas entre o sonho e a utopia.

A aparição das três damas e a ordem que trazem para que Cristina edificasse uma cidade - refúgio para as mulheres aconteceu num sonho diurno, que embora fosse questionado pela Igreja era comumente aceito como fonte de inspiração. Permitia que antigos objetos de compreensão da vida onírica, mesmo que aparentemente ameaçadores da doutrina cristã, fossem reavaliados nas novas doutrinas que buscavam entender a alma e este que seria o canal de comunicação direta entre o consciente e o inconsciente.¹²⁰

As primeiras linhas traçadas no sentido de compreender os sonhos têm início no estudo denominado *Oniromcripticon* de Artemidoro, escrito no século II d. C. Nele se estabelece a diferença entre o sonho (*enupnion*) e a visão de sonho (*oneiros*), ou *songe* em francês. A visão de sonho diria respeito ao futuro, mas também questionava a realidade presente, indicando uma possibilidade de mudança.¹²¹

A visão de sonho como a que Cristina de Pizán descreveu, influi durante o sono, mas permanece após ele, fazendo com que ações sejam concretizadas, excitando e convidando a alma ao movimento.¹²² Foucault descreveu estes sonhos como “os sonhos do ser, falando sobre o futuro do acontecimento na ordem do mundo”.¹²³ Não seriam sonhos dos desejos da intimidade, mas aqueles que se relacionam com o coletivo e que seriam interpretados de acordo com a posição que o indivíduo tinha na sociedade.

Os textos medievais continham elementos característicos, que eram equivalentes ao imaginário desse período, dando margem aos sonhos e anseios coletivos, sendo, portanto, uma maneira de representar o imaginário. Hilario Franco Jr ressalta que “o imaginário recorre a instrumentos culturais da sua época e a elementos da realidade psíquica profunda, da mentalidade”, assim o sonho escrito

120 QUEIROZ, Tereza A. P. **Indivíduo e corpo político no sonho medieval**. Revista USP. São Paulo, n.41, p. 154-167, março-maio 1999. p.155

121 Ibid. p.158

122 QUEIROZ, Tereza A. P. **Indivíduo e corpo político no sonho medieval**. Revista USP. São Paulo, n.41, p. 154-167, março-maio 1999. p.159-160

123 FOUCAULT. M. **História da Sexualidade** Volume 3 – **O cuidado de Si**. Editora Graal. São Paulo. 1984 p.23

passaria a ser um conjunto de imagens culturais e históricas com as quais uma realidade cria a si mesma.

O livro “inspirador” que Cristina citou estar lendo antes do seu sonho começar com a visita das três damas era “Lamentações de Mateolo”, escrito no século XIII, que assim como “O Romance da Rosa” foi usado por ela na construção de defesa das mulheres. Cristina de Pizán elaborou seu *compilatio* formando uma teia de antecedentes jurídicos para as mulheres, mostrando o valor presente na inteligência e nas virtudes, atravessando barreiras temporais, históricas e religiosas.

Cristina mostrou-se mais uma vez conhecedora da tradição, pois sua “visão de sonho” era um *topos* evocado desde o século XIV que permite a ela como pensadora, ao invés de atacar a ordem vigente acordada, optar, como outros autores, pelo subterfúgio onírico, concebendo um ideal de sociedade avesso às suas imperfeições. A nova ordem política desejada passa a tomar forma em um país de quimeras, com uma arquitetura antitética às injúrias e difamações proferidas às mulheres. Assim, ela encontrou em um estado de dormência a possibilidade de mudança.

A autora contemplou também as possibilidades que eram negadas às mulheres que estavam presas aos discursos generalizantes e redutores de sua época. Assim, ela imaginou sua cidade como uma utopia¹²⁴ e como uma pensadora medieval percebeu que no ato de trilhar um caminho para imaginar um lugar melhor residia uma das formas mais completas de reflexão. A utopia medieval fornecia um caminho para a perfeição.¹²⁵ Ela criou um refúgio para as mulheres e o livro passou a ser esse refúgio.

Com uma ideia de utopia moral, a autora criou um mundo alternativo que faz mais do que refletir sobre outro lugar: servia também para pensar o presente para além do tempo, já que mulheres de várias épocas estão ali com um propósito comum que é a construção de um refúgio para todas elas.

124 Apesar dos medievais não terem pensado o conceito de utopia, que foi cunhado por Tomas More no ano de 1516 para designar uma ilha imaginária cujo nome remete a “nenhum lugar” tomo como base a definição do medievalista Hilário Franco Jr. (“...toda sociedade idealizada, concebida como evasão do concreto ou como proposta de mudanças nele.”) FRANCO JR., Hilário. **As Utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.11.

125 FRANCO JR., Hilário. **As Utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.12-13.

Essa ideia de utopia não era apenas um projeto de sociedade ideal ou perfeita, mas também outro tempo¹²⁶, onde o presente limitador da feminilidade foi negado e o futuro passa a ser uma promessa de realização no qual as mulheres poderiam se expressar, teriam voz e, sobretudo teriam oportunidade de aprender tanto quanto os homens. Com essa representação de uma sociedade futura e imaginada, a autora se opôs à sociedade do seu tempo com suas mazelas, vícios, intrigas e realidades que seriam transformadas.

Cidade de dupla arquitetura, crítica social e projeto de transformação social, cristalizando a partir da sua obra visionária um esquema de interpretação e unificação das experiências sociais e do horizonte de expectativas, recusas, temores e esperanças¹²⁷ que estão a rodear o “ser mulher” no século XV. Assim, o sonho de Cristina de Pizán se mostrou também político, revelando o que fazia parte de um *topos* literário e retórico que revelava uma possibilidade de realidade para além do seu tempo. O livro seria o refúgio que mostraria às mulheres os valores necessários para habitar a Cidade das Damas.

Dentre os assuntos tratados pela autora ao longo da construção deste refúgio encontramos histórias de princesas que se opuseram com sabedoria a renomados reis; mulheres guerreiras, mulheres com capacidade científica, damas prudentes, sibilas e profetisas, filhas amorosas, esposas que amaram seus maridos imensamente, mulheres que salvaram seus maridos da execução graças à astúcia, mulheres que foram boas confidentes e conselheiras, algumas histórias de mulheres bíblicas. Com todas estas histórias Cristina buscou construir, ao longo de sua obra, uma teia de antecedentes favoráveis às mulheres, reivindicando o reconhecimento sobre a capacidade feminina para o bem, portanto a valorização das mulheres.

A valorização da imagem das mulheres por parte desta autora se dava pelo acesso à educação e ao conhecimento, pois para ela o que determinava a exclusão das mulheres da esfera pública era o fato de elas terem tal acesso negado, origem histórica da desigualdade entre homens e mulheres.

126 SONTAG, Susan apud RAMOS, Maria Bernadete. **O Brasil dos meus sonhos**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11627.pdf>> acesso em 15/07/2012

127 BRONISLAW, Bazcko. “Utopía” in: **Enciclopédia ENAUDI**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985 V.5 p. 333-396

2.4 - Uma humanidade que tem como base a capacidade de fazer uso da razão.

Cristina lutou usando como arma o questionamento, fazendo o papel de advogada das mulheres, argumentando com as damas sobre os preconceitos, alegando e buscando nelas respaldo, citando exemplos que refutassem a misoginia. Podemos perceber ao longo da obra alguns juízos vigentes na época, segundo os quais as mulheres, por incapacidade de inteligência, deveriam ser excluídas de funções mais importantes dentro da sociedade. É contra tais juízos que a autora argumenta.

Cristina defendeu que meninos e meninas deveriam ser instruídos e educados da mesma maneira;¹²⁸ que a fragilidade do corpo feminino era compensada pela natureza com uma inteligência mais viva e aguda;¹²⁹ os homens apareciam mais sábios porque tinha oportunidade de se deparar com mais problemas, diferentemente das mulheres mais restritas ao mundo doméstico.¹³⁰ A autora fundamentou seu argumento sobre as funções de homens e mulheres em sociedade enquanto uma construção cultural e não uma predisposição determinada pela natureza de cada um dos sexos:

*“(...) se o costume fosse mandar as meninas para a escola e ensinassem-lhes as ciências com método, como se faz com os meninos, aprenderiam e entenderiam as dificuldades e sutilezas de todas as artes e ciências tão bem quanto eles”.*¹³¹

Cristina de Pizán se empenhou na reflexão a partir de sua própria experiência e das mulheres que ela conhecia quando questionou as palavras dos homens ilustres, como se pode observar nessa passagem:

“(...) filósofos, poetas, moralistas, todos – e a lista seria demasiado grande – parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher, má por essência e natureza, sempre se inclina para o vício. Trazendo todas essas coisas para minha mente, eu, que tendo nascido mulher, me coloquei a examinar meu caráter e minha conduta e também a de outras mulheres que tenho tido a oportunidade de visitar, tanto princesas e grandes damas como mulheres de média e modesta condição que tiveram por bem confiar-

128 Cf. PIZÁN, Christine, **A Cidade das Mulheres**. coisas de ler Edição, Lda. Lisboa. 2007. p.37

129 Cf. *ibid.* p.30

130 Cf. *ibid.* p.37-38

131 *Ibid.* p.37

me seus pensamentos mais íntimos. Me propus a decisão de que a opinião de tantos homens ilustres pudessem estar equivocadas”.¹³²

Ela negou-se a aceitar a inferioridade feminina que era proclamada e aceita em sua época, e imersa em suas reflexões escreveu a partir de uma alegoria que começou com a visita das três Damas que a convocaram para se levantar em defesa do sexo feminino com a construção de uma cidadela que serviria de refúgio.

Ao ser convocada pelas damas, Cristina responde:

“Eu sei que para Deus nada é impossível, e que vou crer que tudo acontecerá com vossa ajuda e conselho, será feito. Com todas as minhas forças, rindo a Deus e a vós, Damas minhas, que me honrais com tão nobre cargo. Aceito gozosamente, eis-me aqui disposta a servir-vos. Faça-se em mim segundo as suas palavras”.¹³³

Analizamos aqui uma semelhança entre a resposta que Cristina deu às Damas após ser convocada para a tarefa de construir a cidade, com a resposta da Virgem Maria que, ao receber o Anjo da Anunciação e saber que ficaria grávida mesmo sendo virgem, se sujeita a todo julgamento da época e às consequências que isto poderia implicar,¹³⁴ respondeu ao anjo: “Eu sei que para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas, (...) Aqui está a serva do Senhor que se cumpra em mim conforme a sua palavra”.¹³⁵

A resposta de Cristina às damas, parafraseando o texto bíblico, revelou o sentimento da autora de ser uma eleita de Deus, que através das damas teria dado à ela a missão de levar adiante a construção de uma cidade de mulheres. Tal cidade, quando pronta, teria como rainha a própria Virgem Maria, uma forma de valorizar e homenagear aquela que havia sido a primeira mulher que teve seus feitos reconhecidos pelos cristãos.¹³⁶

O apreço pelo conhecimento que Cristina de Pizán revelou ao longo de sua obra é observado muito claramente quando ela defendeu a educação como um elemento indispensável para a formação humana. Com um sentido que vai além do saber adquirido pela ciência, valorizou também o saber empírico baseado na

132 PIZÁN, Cristina. **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.64 (tradução nossa)

133 Ibid. p.74 (tradução nossa)

134 Segundo o livro Levíticos, a morte era o castigo para aqueles que se relacionavam sexualmente antes do casamento. Cf. Levíticos 20:10

135 Lucas 6:37-38

136 LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval**. Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada p.66-67

experiência, a partir de um estado inicial julgado insuficiente em direção a outro considerado superior.

No final da Idade Média as categorias escolares que conhecemos já estavam definidas. Na base encontravam-se as escolas paroquiais, “as pequenas escolas”. As paróquias estavam muitas vezes na dependência dos senhores feudais que eram os responsáveis pela contratação dos mestres. Poderia ocorrer também que os habitantes de uma aldeia se associassem para contratar um mestre. A imagem tradicional da escola “laica e obrigatória” na França data de pelo menos mil anos atrás. O ensino era ministrado contiguamente ao espaço da igreja ou mesmo na própria igreja. O mestre era geralmente um leigo que exercia simultaneamente as profissões de sacristão, de participante do coro, entre outras funções. Recebia ordinariamente dos alunos uma modesta remuneração em espécie: favas, peixe, vinho e algumas vezes algum soldo.¹³⁷

As moças se beneficiavam do ensino, menos apurado e sem dúvida muito mais vigiado. A educação feminina começava cedo, aos três anos de idade as meninas eram separadas dos meninos, mas ainda poderiam sair para brincar com eles. Aproximadamente aos doze anos elas eram enclausuradas em suas casas sendo constantemente vigiadas pelos seus pais e irmãos, pois no período medieval havia muita violência pública. Acreditava-se que só o trabalho doméstico, o silêncio e a oração seriam capazes de vencer os possíveis vícios que poderiam ser alimentados por elas, a chegada da idade do casamento não suavizava esse confinamento, pois as esposas muitas vezes encontravam-se subjugadas às vontades do marido e aos cuidados com as crianças.¹³⁸

Para nossa autora, a educação seria um meio das mulheres não serem indiferentes e ignorantes em relação a determinados assuntos, sobretudo aqueles que envolviam responsabilidades políticas ou sociais, na medida em que a educação proporcionava o conhecimento sobre diversos domínios de interesse, possibilitando que a experiência fosse além do ambiente doméstico.¹³⁹

137 DIAS, Ivone Aparecida **Mulheres e Educação na Idade Média: Damas e Religiosas**. Disponível em: http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/A_Educacao_Feminina_na_Idade_Media.pdf Acesso em 15/09/2012

138 SILVA, Paulo Thiago S. Gonçalves. **Idade média, Idade das “trevas”? Uma análise da historiografia das mulheres medievais**. (Disponível em) in: http://unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/paulo1.html (acessado em 15/09/2012)

139 CALADO, Luciana. **Saboreando o saber; a aventura intelectual de Christine de Pisan no seu “caminho de longo estudo”** Disponível em in: www.uesc.br/seminariomulher/anais/luciana%20eleonora%20de%20freitas%20calado.pdf acesso em 19/09/2012

Em nossa análise pudemos nos deparar com o pensamento dessa autora no que se refere ao acesso à educação, sendo essa uma verdadeira causa levada à frente por Cristina. Quando ela reivindica que meninos e meninas tenham o mesmo acesso ao conhecimento,¹⁴⁰ argumenta que elas estariam tão bem preparadas quanto eles para enfrentar qualquer adversidade que a vida pudesse apresentar, revelando através disso a igualdade da capacidade intelectual entre homens e mulheres:

“[As mulheres sabem menos] sem dúvida porque não têm, como os homens, a experiência de tantas coisas diferentes, elas são limitadas ao cuidado do lar, se fecham em casa. Porém, não há nada tão instrutivo como um ser dotado de razão exercitar-se e experimentar coisas variadas”.¹⁴¹

Podemos perceber o quanto Cristina considerava as mulheres como seres racionais. Seu conceito de humanidade estava baseado na racionalidade. Se as mulheres sabiam menos, era porque sua educação era deficitária e limitada quando comparada à educação que dos homens, e não porque tivessem um déficit de racionalidade.

Outra ideia que a autora se empenhou em combater com determinação ao longo de sua obra foi a crença profundamente arraigada de que o conhecimento corrompia as mulheres e isto inevitavelmente arruinava os costumes.

“Isto demonstra (...), que as opiniões dos homens não se fundamentam todas sobre a razão, porque está bem claro que aí andam equivocados. Não se pode admitir que o conhecimento das ciências morais, que ensinam precisamente a virtude, corrompa os costumes. Ao contrário, é certo que as melhora e enobrece. Como crer que fomenta a corrupção? É algo que não se pode pensar nem dizer”.¹⁴²

Não era comum durante a Idade Média dar a mesma educação aos meninos e meninas, e uma vez que elas eram consideradas intelectualmente inferiores os métodos pedagógicos eram diferentes para cada um. Cristina de Pizán estava convencida do contrário e por sua própria experiência de vida tinha muito claro que o conhecimento não corrompia, ao contrário, era capaz de enobrecer os seres humanos por igual.

140 Cf. PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.119

141 Ibid. (tradução nossa)

142 PIZÁN, Cristina. **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.118 (tradução nossa)

Muito interessante também é fazer uma referência ao raciocínio de Cristina sobre as acusações de que as mulheres eram frívolas, inconstantes, volúveis e sem caráter. Apesar da exposição das ideias da autora sobre estes aspectos ser extensa, achamos interessante transcrever suas palavras para que nenhum detalhe da argumentação se perca.

“[disse Retidão a Cristina] (...) como todos dizem que a natureza feminina é instável, se poderia supor que eles [os homens] sempre têm o ânimo bem temperado, ou ao menos são mais constantes que as mulheres, porém o resultado é que exigem muito mais das mulheres do que eles mesmos demonstram. Os homens que sempre proclamam sua força e coragem, caem em tamanhas falhas e crimes não por ignorância, mas, sabendo que estão errados, sempre buscam desculpas, dizendo que o erro é humano. Agora bem, se uma mulher apresente a menor falha – provocada em geral pelo abuso do poder por parte do homem – já estão prontos para acusá-las de inconstância e superficialidade (...) não existe lei nem tratado que lhes outorgue o direito de pecar mais que as mulheres nem que estipule que os defeitos masculinos são mais desculpáveis. Na realidade eles vão se carregando de tanta autoridade moral que se atribuem o direito de acusar as mulheres dos piores defeitos e crimes, sem saber nunca compreender ou desculpá-las. (...) Assim, o homem sempre teve o direito a seu favor porque pleiteia representando ambas as partes.”¹⁴³

A autora foi capaz de condensar algumas de suas ideias mais características e ousadas, sobretudo por ser mulher. Quando escreveu que os homens sempre tinham o direito a seu favor, tinha clareza que era sempre uma figura masculina que representava ambas as partes perante um tribunal. Ela remeteu à sua experiência quando teve que recorrer à justiça para reaver seus bens após a morte de seu marido, aproximando sua própria experiência de sua obra.

Embora a introdução do direito comum tenha representado um impacto sobre a posição legal da mulher, os códigos medievais tradicionais da Europa reservavam à mulher um status legal secundário, baseados geralmente na sua falta de habilidade para o serviço militar feudal. Essa relação de tutela baseada no gênero gradualmente se extinguiu no final da Idade Média à medida que as mulheres solteiras e viúvas puderam servir como testemunhas legais.

Mesmo tendo alguns benefícios, estes eram muitas vezes encarados como favorecimento em relação ao seu sexo frágil e inapto às tarefas masculinas. Juntamente com os camponeses e os loucos, as mulheres eram consideradas como irresponsáveis legalmente por seus próprios atos e não poderiam ser compelidas a comparecer diante de uma corte, sendo que em todos os casos, seu testemunho

143 Ibid. p.208 (tradução nossa)

eram menos dignos de confiança do que os dos homens. Essas ideias levaram muitos juristas na Europa a recomendar e implantar a reintrodução da guarda baseada no gênero; mulheres adultas, solteiras, casadas ou viúvas deveriam estar novamente sob a tutela masculina e com isso proibidas de tomar qualquer decisão financeira, até mesmo no que se referisse às doações para instituições religiosas, sem uma aprovação masculina.¹⁴⁴

A autora percebeu que os homens adquiriam cada vez mais autoridade sobre as mulheres, o que resultava na subordinação delas. A defesa da moral feminina fez com que Cristina de Pizán se envolvesse na “querela das mulheres” ao opor-se aos ataques que Jean de Meung faz na segunda parte do Romance da Rosa. A autora iluminou as mentes daqueles a quem ela queria responder neste debate. Ao longo da sua exposição de exemplos em “A Cidade das Damas” ela exaltou o valor, a inteligência e as virtudes femininas atravessando barreiras temporais, históricas e religiosas.

Seu esforço em defender e demonstrar as virtudes femininas abriu caminho para uma discussão que, ao mesmo tempo em que defendeu uma mulher preparada para sobreviver sem a figura masculina de um pai ou marido, tinha direito também de responder às demandas dos comitentes cortesãos. Também defendeu que cada um dos sexos tem papéis específicos e complementares segundo a criação divina:

*“(...) Quis Deus que o homem e a mulher lhes sirvam de forma distinta, que se prestem mútua ajuda, cada um a sua maneira. Porque ele dotou aos dois sexos com a natureza e as qualidades necessárias para cumprir com seus deveres (...)”*¹⁴⁵

Em sua obra ela questionou a autoridade masculina dos grandes pensadores e filósofos que contribuíram para formar a tradição misógina. Propôs com firmeza e segurança que o seu conhecimento podia levar a um lugar melhor, uma utopia, um espaço próprio para as mulheres, e para tanto reivindicou uma genealogia de mulheres de capacidade e qualidades excelentes ao longo da história.¹⁴⁶

144 SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini dos. **Humanismo, Direito e Gênero: Pontos de Intersecção num discurso do século XVI**. In: Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigos9671.pdf>> acesso em 19/09/2012

145 PIZÁN, Christine, **A Cidade das Mulheres**. coisas de ler Edição, Lda. Lisboa. 2007. p.26

146 WUENSCH, Ana Miriam. **Mundos Reflexionados: Filósofas através da história**. (Disponível em) <http://www.creamund os.net/primeros/Revista /Edicao 01/Cuestiones/ Cuest_Mulheres_Filo.html> (acessado em 11/09/2012)

A disposição funcional das partes da Cidade das Damas foi uma invenção de Cristina, que logo no início de sua obra preocupou-se em edificar um lugar onde as mulheres ficassem tranquilas e sem inquietações cotidianas, sem dificuldades econômicas e onde, principalmente, pudessem estar seguras, longe dos ataques misóginos.

A autora repetiu com insistência em seu texto as palavras “homem”, “varão” e “sexo feminino”, e encontrou novos meios de usar os referidos termos. Ela evitou utilizar a palavra homem em sentido abstrato e universal. Quando em seu texto quando se referia aos dois sexos faz questão de frisar “o homem e a mulher” ou “os homens e as mulheres”, fazendo questão de introduzir o gênero feminino como parte integrante da humanidade e da linguagem culta.¹⁴⁷

Cristina de Pizán defendeu a moral feminina procurando ressuscitar o respeito pelas mulheres “que foram desrespeitadas em várias obras como o *Romance da Rosa* e outras mais, que faziam parte da configuração de uma literatura suspeita, espécie de manual de conselhos para enganar e seduzir mulheres”.¹⁴⁸ Cristina de Pizán defendeu principalmente o direito das mulheres à palavra, procurando restabelecer o sentimento de confiança entre as mulheres e combater ideias misóginas correntes na época.

2.5 - A Cidade das Damas e o projeto de defesa da moral feminina.

Cristina de Pizán construiu “A Cidade das Damas” ao escrever o livro, sua cidade foi fundamentada no campo das letras:

*“Partamos para o campo das letras; é neste país rico e fértil que será fundada a Cidade das Damas, aí onde se encontram tantos frutos e doces rios, aí onde a terra abunda em todas as coisas boas”.*¹⁴⁹

Esta cidade fundada no campo literário para ali eternizar as vidas daquelas mulheres que fizeram parte de sua construção, era a obra “A Cidade das Damas”; e

147 LEMARCHAND, Marie José. **Introducción** in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.23-24

148 LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval** Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 - tese não publicada

149 PIZÁN, Cristina. **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.65 (tradução nossa)

as mulheres, metaforizadas em pedras sólidas e seguras, foram colocadas ali para configurar uma defesa moral para todas as mulheres com suas histórias de vida exemplares para qualquer época no passado, presente e futuro.

As três damas tiveram seus papéis definidos já no início do Livro: Razão foi a responsável por fazer as fundações e os muros, demonstrando claramente que a principal defesa desta cidade habitada por mulheres eram os argumentos racionais. Retidão construiu as casas, palácios e templos, usando como pedras para essas construções as vidas exemplares de mulheres de diferentes épocas. Justiça terminou a nova cidade, fez o acabamento e iniciou o povoamento convocando as primeiras moradoras, que seriam as mulheres que foram constantes em seu amor, o que se refere à refutação da corrente antimatrimonial presente em sua época.¹⁵⁰ Assim, baseadas em vários exemplos que serviram de modelo para a conduta moral das mulheres, elas dialogam elaborando um plano para alcançarem o objetivo máximo que era a defesa da mulher e das capacidades femininas.

Traçado o plano, Cristina começou a primeira parte de seu livro e se dedicou à construção, sob o comando de Razão, que a ajudou a marcar o terreno. Este terreno, que como já vimos está no campo literário, precisava ser limpo com respostas às argumentações misóginas, é o que ela fez dialogando com Razão e defendendo as mulheres, demonstrando com exemplos porque elas mereciam ser defendidas. E mais, em seu primeiro livro, quando defendeu o acesso a uma cultura intelectual refinada para as mulheres e grandes senhoras, indicou sua pretensão audaciosa em relação ao sexo feminino.

Durante a Idade Média a ordem era concebida como uma relação diretamente proporcional à hierarquia. Desta maneira, seria comum esperarmos que a construção da relação masculino/feminino siga esta mesma ordem, respeitando os princípios da oposição, com uma interdependência vertical entre categorias, resultando numa combinação que refletia a imagem negativa e inferior do feminino em relação ao masculino.¹⁵¹

Sobre isto Cristina argumenta com a dama Razão:

150 LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. Doutorado em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais. USP. Maio 2008 (tese não publicada) p.125

151 Ibid. p.139

“Minha Senhora, daquilo que me dissestes, posso deduzir que a mulher é uma criatura muito nobre. Contudo não foi Cícero que afirmou que um homem nunca deveria servir uma mulher porque estaria a servir um ser inferior a ele?

A Razão respondeu, o mais virtuoso dos dois é o ser superior. A excelência ou a inferioridade não é determinada pela diferença sexual, mas pelo grau de virtudes e perfeição moral que cada um atinge”.¹⁵²

Nesta primeira parte do livro Cristina começou sua defesa do sexo feminino e a sua argumentação no interior da “Querela das mulheres”. Foram destacadas as mulheres instruídas e as mulheres prudentes. Entre as que executaram atividades políticas e militares, destacamos a Imperatriz Nicaula da Etiópia, também conhecida como “A Rainha de Sabá”, que foi muito poderosa; Fredegunda da França, que por astúcia, tirou seu filho dos braços dos inimigos; e a rainha Blanche, que governou a França na menoridade do filho e depois ocupou um lugar principal no conselho dele. Com estes exemplos Cristina demonstrou que as mulheres têm capacidade de governar tão bem quanto qualquer homem. Ela afirmou que existem mulheres com prudência e com mentes esclarecidas para a política e para a justiça.

Quando Cristina disse que alguns afirmavam que as mulheres tinham corpos fracos e que eram covardes por natureza, Razão deu o exemplo de Aristóteles, que era feio e tinha um olho menor que o outro, porém foi um grande filósofo; e Alexandre, “O Grande”, era muito baixo de estatura, mas isso não o impediu de conquistar boa parte do mundo conhecido na época dele. Além disso, as mulheres, por seus corpos serem mais delicados, na argumentação de Cristina, seriam impedidas de fazer grandes atrocidades, o que deveria ser exaltado.

Nossa autora deu grande destaque para as Amazonas, as mulheres poderosas que construíram o próprio reino e conseguiram perseverar, sobrevivendo a diversos ataques de grandes homens - como Hércules e Teseu - e que dominaram uma vasta região por muitos anos. Mais uma vez ela tenta mostrar que a capacidade feminina de governar deve ser respeitada.

Razão seguiu com a construção dos muros apresentando para Cristina alguns exemplos de damas que foram instruídas e que chegaram a ultrapassar os homens na sabedoria. Como Cornificia, que foi mandada aos estudos e que se tornou uma excelente poeta e filósofa, chegando a ultrapassar o próprio irmão, Cornificius, na sabedoria. Do mesmo modo, Proba, a romana, que se tornou mestre nas artes e escreveu poesia, dedicando-se à leitura de grandes poetas como Virgílio;

152 PISAN. Christine. **A cidade das Mulheres**. Coisas de Ler. Lisboa.2007. p .24

adaptou-o, escrevendo uma grande obra intitulada "Cento", composta por cem versos. Cristina também lembrou Safo, cujos escritos foram apreciados por diversos autores. Nossa autora chegou a comentar um relato de Horácio que afirmou que quando Platão morreu, um livro dela foi encontrado debaixo do seu travesseiro.

Cristina escreveu que os homens gabam-se por terem feito inúmeras descobertas, mas estes esquecem que as mulheres também desvendaram muitos segredos da natureza e realizaram grandes feitos. É o caso de Nicóstrata, que fundou uma fortaleza num lugar onde os homens eram selvagens. Por esse motivo teve de criar leis e empregar a justiça. Ela estabeleceu o alfabeto latino e a introdução para a gramática. Cristina disse que alguns tolos acreditavam que essas mulheres extraordinárias eram divindades, mas ela entendeu que elas viveram na terra e foram humanas.

Destacou Minerva, considerada deusa pelos gregos e romanos, adquiriu muito conhecimento, de modo foi atribuída a ela a invenção da forma simplificada de escrita grega chamada de taquigrafia. Também inventou os números. Além disso, foi a primeira a empregar recursos para se fazer roupas de lã e posteriormente, criou armaduras feitas com fios de aço. Minerva também foi a responsável pela técnica de extração de óleos de diferentes frutas como a oliva, e com seus conhecimentos elaborou instrumentos musicais. Ela conservou-se virgem a vida inteira e devido às grandes habilidades adquiridas, inclusive melhoramentos para o campo bélico, ela foi considerada a deusa da guerra pelos gregos.

Cristina também relatou a importância de Ceres, que descobriu a arte de cultivar a terra. Isis, deusa dos egípcios, também foi lembrada. Estes exemplos de mulheres extraordinárias serviram para Cristina mostrar que indivíduos do sexo feminino tinham capacidade e valor. Ela acreditava que os homens consideraram deusas essas damas somente pelo fato de serem especiais, como se mulheres normais não tivessem a competência para realizarem grandes feitos. Cristina achava uma ingratidão os ataques dos homens às mulheres. Disse que só o fato de a mãe desses agressores serem mulheres já deveria ser o bastante para que eles não as atacassem. Nessa primeira parte do livro Cristina continua a relatar as histórias das "mulheres célebres" que também estão no livro de Boccaccio, as quais, segundo ela, devem também ser exaltadas.

Ao terminar a primeira parte de seu livro Cristina lembrou as damas prudentes. A autora deu grande importância para a epístola de Salomão, que foi dedicada à prudência feminina. Ela mencionou algumas rainhas importantes e prudentes da história e da mitologia, como Gaia Cirilla, a rainha Dido e a rainha Europa de Creta.

Na segunda parte de “A Cidade das Damas” Cristina se deixou conduzir pela Retidão que a convocou; “(...) agora venha comigo, pegue suas ferramentas e siga em frente. Misture a argamassa no seu pote de tinta, e então você poderá fortificar a cidade com sua caneta”.¹⁵³ Iniciou-se a construção das torres, dos palácios reais e das nobres habitações. As mulheres que foram convocadas para traçar essas primeiras edificações foram as sibilas e profetisas, que com sua linguagem irão construir o refúgio das mulheres.

Cristina começou relatando sobre as dez sibilas que viveram em diferentes épocas, mas, segundo ela, tinham algo em comum o fato de serem mensageiras de Deus. Elas profetizaram a vinda de Cristo para os pagãos, e os criticaram por adorarem os deuses, dizendo que só havia um Deus supremo. Erythrea foi enfatizada porque, segundo Cristina, teria escrito sobre Jesus, dizendo que ele seria o salvador da humanidade e nasceria de uma virgem. Profetizou a vida, morte e ressurreição de Cristo e a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Também escreveu sobre o dia do juízo final dos cristãos.

Evidenciamos que novamente Cristina ofereceu destaque a uma mulher que, além de ser importante, conservou a virgindade, o que demonstra que esse status de pureza corporal era muito apreciado por Cristina. Contudo, ela especificou que estas damas não eram as únicas a profetizar. Débora, no tempo dos juízes, Elizabeth, a virgem e inúmeras outras, recebiam visões diretamente de Deus, segundo Cristina.

Outro tópico referente à “Querela das Mulheres” presente nessa segunda parte é o diálogo entre Cristina e a dama Retidão a respeito dos homens que prefeririam ter filhos ao invés de filhas. Retidão afirmou que isso aconteceu devido à simplicidade e ignorância dessas pessoas. Ela citou que os pais têm medo do custo que pagarão no casamento dessas filhas, ou seja, preferiam os filhos por motivo de vantagens financeiras. Ela ainda ressaltou que geralmente os filhos homens, quando

153 PIZÁN, Cristina. **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.155 (tradução nossa)

ficam ricos, desprezam os pais pobres, e se os pais são ricos, eles esperam a morte destes para adquirir a herança. Cristina seguiu exemplificando com mulheres que amaram seus pais e cuidaram deles.

Nesta segunda parte, outro ponto importante foi a ênfase que se deu ao casamento. Como uma cristã, Cristina acreditava que a união entre um homem e uma mulher na formalidade de um casamento era apreciada por Deus. Através de Retidão, passou a mostrar exemplos de amor conjugal apresentados por mulheres ilustres. Estas amavam tanto seus maridos que os seguiam a vida inteira. Algumas, como Artemísia, chegaram a construir imensos túmulos para que sepultassem seus companheiros. Outras, como Argia, foram até os campos de batalha para procurarem pelos corpos de seus amados; cuidaram dos maridos quando estes estavam doentes. Cristina citou mulheres que fizeram de tudo por amor aos seus cônjuges, até morrer. Percebemos que houve o emprego de uma linguagem cortês por parte da autora ao contar essas histórias de amor.

Cristina não pretendia que as mulheres tomassem o lugar dos homens, ela queria que não fossem mais vistas como criaturas detentoras do mal. O ideal de feminilidade para Cristina era a mulher cristã, bondosa, amorosa, delicada, casta ou virgem, entre outras qualidades. Não era uma guerra diretamente contra a masculinidade, mas tratava-se da busca pelo reconhecimento da honra e da moral feminina.

Neste ponto nossa autora retomou a defesa da educação e do ensino para as mulheres, partindo do seu próprio exemplo, uma mulher que adquiriu tanto conhecimento e sabedoria e chegou a igualar-se aos homens. Como já vimos, ela acreditava na capacidade feminina de aprendizagem reprovando uma sociedade que reprimia as mulheres, negando a elas a oportunidade que Deus deu a todos os seres humanos de adquirir o saber.

Continuando a questão das virtudes femininas, o diálogo entre Retidão e Cristina tratou daquelas mulheres que conservaram a castidade e também homenageava aquelas que guardavam a virgindade, dando suma importância para esse bem corporal e simbólico. Nossa autora citou diversos exemplos de mulheres que se mantiveram castas e puras, mesmo após a morte de seus companheiros. Assim, faz referência a Sara, esposa de Abraão; Rebeca, esposa de Isaac e Rute, a hebréia. Estas mulheres do Antigo Testamento foram modelos femininos de boa conduta.

Diante da defesa da moral feminina Cristina tinha um estilo próprio quando argumentava a favor da castidade, diferente de seus opositores que colocam a castidade como única qualidade pertinente a uma mulher.

*“Al hombre muchas cosas le son necesarias; verbigracia: la prudencia, el bien hablar, la ciencia politica, la memoria, el talento, el arte de vivir, la justicia, la liberalidad, la magnanimidad y otras cosas que sería prolijo enumerar. Si le falta alguna de éstas parece menos de culpar, con que tenga algunas. Empero en la mujer nadie busca la elocuencia, ni el talento, ni la prudencia, ni el arte de vivir, ni la administración de la República, ni la justicia, ni la benignidad; en suma: nadie reclama de ella sino la castidad, la cual, si fuere echada de menos, es igual que si al hombre le faltaren todas. La castidad en la mujer hace las veces de todas las virtudes.”*¹⁵⁴

Luis Vives, escreveu estas palavras em 1322, no livro intitulado “Os Deveres do Marido” refletindo o pensamento com o qual Cristina de Pizán conviveu e que a levou a escrever “A Cidade das Damas” mais tarde. A castidade era a base de todas as virtudes femininas e a ela ligavam-se outras duas virtudes femininas muito importantes: honestidade e vergonha. Por sua vez, estas virtudes estavam intimamente dependentes da piedade, já que “es en el sexo feminino preferente virtud la de la piedad, y por su propia naturaleza más inclinado a la devoción que el sexo masculino...”¹⁵⁵

Cristina demonstrou outra visão da castidade: manter-se virgem ou casta, fechando-se em seu próprio corpo sem ter relações sexuais com seu marido ou amante era um estilo de vida que seria capaz de trazer para as mulheres um encontro com elas mesmas, um único modo de libertar as mulheres das amarras dos deveres conjugais e de tudo que a vida tinha para lhe oferecer em forma de prisão, como os sofrimentos recorrentes das gravidezes e dos partos, além da submissão que se esperava de uma mulher, mesmo quando o marido fosse violento, algo que era muito recorrente nesta época em que os homens tinham autoridade e plenos poderes sobre as mulheres. Ela também recomendava que as mulheres casadas não se sentissem menos dignas que as virgens, por estarem submetidas aos seus maridos, “pois ser livre não é um bem assim tão grande”.¹⁵⁶

154 L. VIVES, *Formación* (1010) apud. _____, **A educação feminina. Entre as funções conjugais, o governo da casa e as práticas espirituais**. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo9671.PDF>> Acesso em 10/09/2012

155 L. VIVES, *Formación* (1089) apud. _____, **A educação feminina. Entre as funções conjugais, o governo da casa e as práticas espirituais**. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo9671.PDF>> Acesso em 10/09/2012.

156 PISAN, Christine. **A cidade das mulheres**. Coisas de Ler. Lisboa 2007. p.138.

Para Cristina de Pizán, a castidade era uma virtude feminina soberana, por isso ela citou em sua obra muitas mulheres que preferiram a morte a renunciar a pureza citando exemplos bíblicos.

Quanto ao tema da possível inconstância feminina, que Cristina declarou ser mais um ponto utilizado como argumentação por aqueles que atacavam as mulheres, Retidão responde lembrando a inconstância de diversos imperadores romanos, como Nero, que praticaram todos os tipos de vícios, inclinando-se à loucura e crueldade. Nossa autora chegou a fazer uma pequena menção à conduta eclesiástica, como uma espécie de crítica.

Cristina alegou que muitos atacavam as mulheres dizendo que estas eram inconstantes, no entanto, eles não lembravam que eram poucas as mulheres perversas encontradas nos escritos, sendo que exemplos masculinos de crueldade eram abundantes.

Ao final da segunda parte do livro, Cristina deteve-se a descrever o imenso amor que as mulheres carregam consigo.¹⁵⁷ Mencionou o amor de Dido, de Medea, Thisbe, Hero, Ghismonda, Lisabetta; mulheres que sofreram, choraram e morreram por amor. Ela confirmou também a generosidade nata como mais uma virtude feminina.

Na seqüência de seu texto, Cristina convocou as damas de seu tempo para que povoassem a mais nova cidade recém fundada, a Cidade das Damas: convidou Isabel da Bavária, a rainha da França; a Duquesa de Berry; Valentina Visconti, a duquesa de Órleans; a Condessa de Clermont, entre outras personalidades de sua época. Cristina pretendia confirmar o sucesso de seu trabalho de construção de um novo pensamento sobre a mulher e para isso ela pedia auxílio das personagens femininas mais importantes de seu tempo, como citado anteriormente, suas comitentes que são louvadas e colocadas como mulheres de vida exemplar.

Ao fim da segunda parte do livro, Cristina declarou que a Cidade das Damas estava finalizada e pronta para ser povoada. Dirigindo-se às mulheres de todas as condições, que amaram, amam ou amarão a virtude e a sabedoria, sua cidade não se situou em um tempo ou um lugar, ela era eterna, existiria enquanto houvesse pessoas que tivessem acesso ao seu livro.

157 Ibid. p.225-240

Finalmente, na última parte de seu livro, *Justiça*, que fortificou a cidade, guiou Cristina. Como já citamos, Maria, Mãe de Jesus Cristo, foi coroada como rainha e as escolhidas para figurarem como imperatrizes foram as irmãs de Maria e Maria Madalena. Neste momento também foram escolhidas as intercessoras que seriam as santas mártires.

Dedicada à vida contemplativa, nesta última parte do livro Cristina apresentou as santas como mulheres independentes e autossuficientes, mulheres que só se casaram com Deus rejeitando a submissão ao sexo masculino. A ela não interessava o travestismo, ela não queria que as mulheres de sua Cidade se vestissem ou se portassem como homens e sim que elas aparentassem o que eram realmente: “A mulher deveria se apropriar deste mundo sem deixar de ser mulher, só assim teria mérito. Essa é uma das extraordinárias lições de nossa autora”.¹⁵⁸

Embora ela também tenha feito referências às mulheres que amavam e auxiliavam seus maridos, era a castidade que dava força e independência para as habitantes da Cidade das Damas. A virgindade era uma marca de fama e auto realização das mulheres que fora do jugo matrimonial renunciaram aos papéis tradicionais de esposas e mães para que vivessem segundo suas próprias vontades e julgamentos balizados pelo pensamento cristão.

Nossa autora convocou a todos que encarassem sua cidade como um refúgio, uma fortaleza e, principalmente, como um exemplo de virtudes. Em seguida ela se dirigiu a todas as mulheres segundo seu estado civil, casadas, solteira e viúvas, e vai além desta categorização: ela estendeu seu discurso a todos os estamentos sociais, pedindo-lhes que tomassem cuidado com as armadilhas que pudessem vir a seduzi-las.

Cristina de Pizán ofereceu seus manuscritos ao duque de Borgonha, João I, cognominado “O Sem Medo”, e os dedicou ao Duque de Berry, considerando que os primeiros destinatários ajudariam no processo dessa mudança de mentalidade acerca do papel feminino. Como explicou Razão no princípio do livro: “O homem é duplamente ingrato: não reconhece a contribuição da mulher ao progresso da humanidade nem mesmo o agradece”.¹⁵⁹

158 LEMARCHAND, Marie José. **Introducción** in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001 p.48-50

159 PIZÁN, Christine, **A Cidade das Mulheres**. coisas de ler Edição, Lda. Lisboa. 2007. p.27

É importante retomarmos a importância destes homens que fizeram parte da rede de sociabilidade de Cristina, para que possamos entender o alcance que ela pretendia que sua obra tivesse através deles.

Em 1405 quando João sem medo, duque de Borgonha desde 1404, levou seu exército à Paris, de uma possível reforma e tinha ao seu lado grande parte dos burgueses da cidade. Ele autorizou-os a portar armas e a colocar novamente correntes nas ruas, o que representou uma forma de prestigiar a municipalidade. No entanto, a balança de poder em Paris era frágil, e em 1406 ao intimar os burgueses a tomar armas contra o duque de Orleans, aqueles responderam que eram leais súditos do rei e que por isto não executariam tal ação.¹⁶⁰

Nesta guerra civil em curso as diferentes instituições sediadas em Paris seguiam orientações distintas, por vezes com inúmeros matizes em sua composição política interna. O Prevôt da Universidade de Paris tomou claro partido pelo duque de Borgonha, pois identificava em seu discurso algumas de suas aspirações que passavam pela reforma do reino, da Igreja e a luta pelo fim da cisma papal¹⁶¹ que aos seus olhos era um escândalo para a Cristandade. O parlamento e a câmara de contas¹⁶² tentaram na medida do possível evitar uma escolha clara de orientação. Nestas instituições borgonheses e orleanistas conviviam e partilhavam um espírito

160 Cf. FRANÇOIS, Autrand. **Charles VI**. Paris, Fayard, 1986.

161 Entre 1309 e 1377, a residência do papado foi alterada de Roma para Avinhão, na França, pois o Papa Clemente V foi levado (sem possibilidade de debate) pelo rei francês para residir em Avinhão. Em 1378, o Papa Gregório XI voltaria para Roma, onde faleceria. A população italiana desejava que o papado fosse restabelecido em Roma. Foi então eleito o Papa Urbano VI, de origem italiana. No entanto, ele demonstrou ser um papa muito autoritário, de modo que uma quantidade considerável do Colégio dos Cardeais, anulou a sua votação e foi realizado um novo conclave, sendo eleito Clemente VII, que passou a residir em Avinhão. Iniciara-se assim o Cisma, em que o Papa residia em Roma e o Antipapa residia em Avinhão, reclamando ambos para si o poder sobre a Igreja Católica. Posteriormente, surgiria outro Antipapa em Pisa. O cisma terminou no Concílio de Constança em 1417, quando o papado foi estabelecido definitivamente em Roma. (Durant, Will. **The Reformation**. New York: Simon and Schuster. 1957. "Chapter I. **The Roman Catholic Church.**" 1300-1517. p. 3-25, 26-57)

162 A criação da Câmara de Contas (designado pelo latim Camera Compotorum) na cidade de Paris, que era administrada por funcionários representantes do monarca. É no século XIV que surge o Ministério Público como tutor da lei, com a atribuição de substituto processual do rei. No século XV, a Câmara de Contas se torna uma das instituições políticas de maior relevo, perdendo em importância apenas para o poder soberano do monarca e para o Conselho Real. As atribuições da Câmara de Contas são alteradas, passando a ter caráter de arrecadador fiscal ao velar pelo domínio, que consiste no conjunto de bens pertencentes ao Estado cujo uso por particulares era tributado e de onde provinha a maior fonte de recursos reais. (MIGUEL, Vinícius Valentin Raduan. **Origem e evolução dos Tribunais de Contas da França**. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2010-jun-24/origem-evolucao-tribunais-contas-franca> acesso em 10/01/2013

de corpo que os inclinava a permanecer acima das “parcialidades”, como diria Commynes cerca de 80 anos mais tarde.¹⁶³

João de Berry (1340-1416) que foi filho, irmão e tio de soberanos franceses,¹⁶⁴ foi considerado um dos maiores mecenas¹⁶⁵ de sua época. Foi chamado “O príncipe dos bibliófilos”, e sua corte era considerada uma das mais luxuosas de sua época. Sob sua tutela foram produzidos mais de 15 livros de horas, 16 saltérios, 18 breviários, 14 Bíblias e 6 missais.

Reconhecemos que a obra “A Cidade das Damas” teve um grande significado histórico devido ao contexto em que foi escrita. Cristina foi uma mulher douta que escreveu, falou e descreveu, enfrentando o tabu de que “as mulheres não devem falar, porque seus lábios levam os estigmas de Eva cujas palavras selaram o destino do homem” como proclamou o Papa Honório III (1148-1227) quando ordena que os bispos de Valência e Burgos proibam a palavra no púlpito às abadessas.¹⁶⁶

Cristina enfrentou o desafio de promover, elevar e levantar como uma verdadeira fortificação a imagem do corpo feminino saudável e harmonioso, como fonte inesgotável de confiança. Fez com que as mulheres percebessem as experiências a partir delas mesmas e de seus próprios corpos para que pudessem argumentar com suas próprias experiências frente às acusações levantadas por seus acusadores.

Contra o discurso de que o corpo feminino era resultado de alguma fraqueza ou deficiência no útero materno e ainda que a própria natureza envergonhava-se de

163 Tema recorrente no corpus Commyniano a idéia de parcialidades é derivada de uma reflexão prática sobre a arte de governar em sua época e no passado imediato. Algumas questões de fundo em seus escritos podem ser conceitualmente ligadas à reflexão sobre os conflitos políticos do século XV como um todo. Cf. FERNANDES, Fabiano. **Uma cidade em conflitos: ideologia política e religiosidades no “Journal d’un bourgeois de Paris”. 1405-1449**. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Fabiano%20Fernandes.pdf>> acesso em 12/12/2012.

164 Jean de Berry era filho de João, o Bom (1319-1364); irmão de Carlos V (1337-1380) e tio de Carlos VI (1368-1442).

165 O mecenato, prática comum na Roma antiga, foi fundamental para o desenvolvimento da produção intelectual e artística do Renascimento. O Mecenato, considerado “protetor”, homem rico, era na prática quem dava as condições materiais para a produção das novas obras e nesse sentido pode ser considerado o patrocinador, o financiador. O investimento do mecenas era recuperado com o prestígio social obtido. Encontramos também papa e elementos da nobreza praticando o mecenato, sendo que o “Papa Júlio II” financiador dos afrescos da Capela Sistina, foi o principal exemplo do que se denominou Renascimento Cortesão. Cf. PRATAS, Glória Maria D. L. **O Feminino na Arte Medieval. Artigo: Revista Mandrágora Dossiê Gênero e Religião nas artes**. Disponível em: Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/iew/688/689>> acesso em 07/12/2012

166 Ibid. p.51

ter criado um ser tão imperfeito”¹⁶⁷ ela argumentou através da dama Razão ousando inclusive citar que haveria um lado “feminino” em Deus:

“Se o divino arquitecto em pessoa não teve vergonha de criar uma forma feminina, pó que razão teria a natureza? É realmente o cúmulo da estupidez afirmar o contrário. Além disso como ela foi criada? Não tenho certeza se percebeste, mas foi a imagem de Deus. Como alguém pode atrever-se a falar mal de algo tão nobre? Há contudo alguns que são suficientemente loucos para afirmar que quando Deus fez o homem a Sua imagem, isto significa a Sua imagem física. Contudo isso não é verdade, pois a esta altura Deus não tinha assumido uma forma humana”.¹⁶⁸

Sua cidade-refúgio era seu próprio livro que fazia com que mulheres de diferentes religiões, épocas e condições pudessem se encontrar. Seu pensamento não estava no passado ou no futuro longínquo. A realidade de seu sonho e utopia consistia na grande verdade de que enquanto houvessem pessoas com acesso ao seu livro a Cidade das Damas serviria novamente de abrigo, pois ela continha os exemplos perfeitos para que todos tivessem como modelo a conduta daquelas que serviram como pedras de construção e das suas nobres habitantes.

Como a obra foi balizada pela moral cristã, Cristina propôs a obediência feminina como uma virtude, embora tenha realizado uma ruptura dentro dessa relação de submissão ao insistir no direito da mulher ter a mesma educação dos homens, pois argumentou favoravelmente à capacidade feminina.

Ela não defendia que homens e mulheres fossem iguais, reconhecendo que Deus os fez para diferentes funções, mas defendeu a honra feminina, pois nada que Deus poderia ter feito seria assim tão mal, afinal como Cristina questionou, “ela não foi criada do melhor material criado por Deus? O corpo do homem”¹⁶⁹

Defendendo também o direito das mulheres à palavra, a autora procurou restabelecer o sentimento de confiança no sexo feminino e combater ideias correntes na época se dirigindo mais uma vez a todas as mulheres:

“Respeitáveis damas, louvado seja o Senhor: a construção de nossa cidade chegou finalmente ao fim. Todas vós que apreciáis a virtude, a glória e uma boa reputação, podem agora ser alojadas com grande esplendor, no interior das suas paredes, não só as mulheres do passado como as do presente e também as do futuro, pois esta cidade foi criada para acomodar todas as que são merecedoras”.¹⁷⁰

167 PISAN, Christine. **A cidade das mulheres**. Coisas de ler. Lisboa. 2007. p. 23

168 Ibid.p.23-24

169 PISAN, Christine. **A cidade das mulheres**. Coisas de ler. Lisboa.2007. p.24

170 PISAN. Ibid. p.137

Ela deixou claro o seu objetivo de incluir todas as mulheres no seu projeto de valoração e na sequência escreveu outro livro, “O Tesouro da Cidade das Damas”, no qual propôs um espelho para que todas as mulheres aprendessem a ser merecedoras de habitar em sua cidadela.

A construção da Cidade das Damas tinha definido o papel da mulher verdadeiramente ilustre. Aquelas que fazem parte da cidade têm o direito de estar ali, não por seu poder, riqueza ou nobreza. A Cidade das Damas se reservava àquelas mulheres que se ilustravam pela sabedoria, pelo discernimento e pela justiça.¹⁷¹ Assim, qualquer mulher poderia se habilitar independentemente de sua condição social, bastando apenas que cada uma conhecesse o reto caminho a partir da condição social em que vivia.

“Em resumo, todas vós mulheres, tanto das classes médias, altas, como baixas, deveis estar especialmente alerta e em guarda contra todos aqueles que procuram atacar a vossa honra ou a vossa virtude. Minhas damas, vede como estes homens vos criticam e vos acusam de todos os vícios imagináveis. Provai que estão errados, mostrando-lhes a vossa moral e refutando as críticas através do vosso comportamento honrado. Agi de forma a poderdes dizer como, tal como os Psalmistas: ‘A iniquidade do perverso recairá sobre sua própria cabeça’”.¹⁷²

Cristina de Pizán apontou este caminho quando propôs ensinar todas as mulheres, não importando qual era sua condição social, etária ou familiar, com seu “manual pedagógico” o livro “O Tesouro da Cidade das Damas”, ela ensinou às mulheres a capacidade de moldar-se. Cristina foi, assim, desenhando o perfil da mulher ideal, tema do próximo capítulo.

171 CRISPIN, Maria de Lourdes. Introdução in: PIZAN, Christine de **O livro das três virtudes**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002 p.20

172 PISAN, Christine. **A cidade das mulheres**. Lisboa. Coisas de Ler. p.141

CAPÍTULO 3

O PROJETO PEDAGÓGICO DE CRISTINA DE PIZÁN: O LIVRO DO TESOURO DA CIDADE DAS DAMAS.

Cristina de Pizán criou um lugar de refúgio e sustentação na escrita, buscando justiça não só para si, mas para todas as mulheres cujos sofrimentos fossem causados pela ignorância dos homens acerca das capacidades femininas.

Neste último capítulo analisamos o livro “O Tesouro da Cidade das Damas”, um manual de educação moral endereçado a todas as mulheres, princesas, camponesas, religiosas ou mesmo as prostitutas. Cristina rompeu com a classificação usual da época que dividia as mulheres em três estados, virgens, viúvas e casadas, elaborando uma classificação social mais condizente com as realidades vividas pelas mulheres de sua época.

Para Cristina de Pizán qualquer mulher poderia se habilitar a viver na Cidade das Damas independentemente de sua condição social, bastando apenas a capacidade de leitura e o amor pelo conhecimento. Independente da condição social, etária ou familiar o mais importante era o valor feminino, ou seja, seu tesouro encontrava-se na moral.

Quando concluiu “A Cidade das Damas” Cristina de Pizán relatou que foi novamente convocada pelas damas Razão, Retidão e Justiça a batalhar no campo das letras. Agora deveria convocar e instrumentalizar as mulheres da sua época e também as mulheres do futuro para que pudessem habitar a “Cidade das Damas” através de um espelho que possibilitava às mulheres que se moldassem segundo preceitos racionais, morais e justos.

O livro “O Tesouro da Cidade das Damas” (ou O Livro das Três Virtudes, ou O Espelho de Cristina) foi dedicado àquela que deveria ser a futura rainha da França, Marguerite de Nevers, consorte de Carlos VII. Foi escrito como um texto de teor didático-pedagógico escrito na sequência à “A Cidade das Damas”, aproximadamente entre os anos de 1405 e 1406.

Nessa obra não houveram alegorias, mas exemplos para as mulheres baseados na sua própria experiência e nas observações que ela fazia no seu

cotidiano. A autora utilizou também muitos provérbios retirados do *Manipulus florum*, uma compilação de obras clássicas sobre virtudes e vícios escrita por Thomas da Irlanda em 1330, e de um outro livro intitulado *Les quinze joies dês mariage*, texto de autoria anônima datado de aproximadamente 1382.

Em “O Tesouro da Cidade das Damas”, Cristina de Pizán relacionou as várias imposições às mulheres tidas como responsáveis, corresponsáveis e submissas (sujeitadas às ordens), na família, na propriedade, no comércio ou em outras situações. Segundo a autora, a elas cabia gerir pagamentos, a casa, a cozinha, os filhos, escolher seus tutores, selecionar artistas e poetas para a corte, entre outras atribuições. Deveriam agir sempre com justiça, preservar a segurança e a paz em seus domínios e saber movimentar-se de forma honrada no ambiente de sociabilidade onde imperavam também as regras do amor cortês.

Cristina escreveu um manual de instrução moral para todas as mulheres que serviria como um espelho para que elas aprendessem a se adaptar às situações, como se pode observar no próprio título da tradução portuguesa de 1493, *O Espelho de Cristina*.

Através da análise deste livro pretendemos entender o ideal feminino da autora, bem como vislumbrar o modo de vida das mulheres no fim da Idade Média, pois entendemos que Cristina de Pizán nos permite acessar alguns dos aspectos do cotidiano de uma senhora da nobreza, da mulher de um artesão ou de arrendatário de terras: inquietações vividas pela falta do marido; aos afazeres resultantes da administração de suas rendas e despesas; a educação dos filhos ou o trato com os subordinados.

3.1 - O Tesouro da Cidade das Damas (ou O Livro das Três Virtudes, ou O Espelho de Cristina).

“O Tesouro da Cidade das Damas” (também chamado de o Livro das Três Virtudes ou o Espelho de Cristina) foi escrito na sequência do livro “Cidade das Damas” e ambos inauguraram um estilo de escrita no que se refere à tomada de consciência em favor da mulher contra a tradicional imagem negativa que lhes era atribuída.

Escritos logo após a querela sobre o Romance da Rosa, estes livros tiveram como objetivo a defesa da moral feminina, mas devido ao contexto no qual viveu Cristina de Pizán apresentavam também razões práticas e imediatas.

As principais comitentes de Cristina de Pizán eram de famílias que lutavam pelo poder monárquico, então fragilizado devido à doença de Carlos VI. Em boa parte do tempo a monarquia francesa esteve nas mãos de Isabel de Bavária, alvo de críticas principalmente por ser uma mulher com ambições políticas, algo então absolutamente impróprio, pois uma mulher deveria “levar uma vida regular, casta, religiosa e dedicar-se constantemente aos trabalhos femininos”.¹⁷³

Cristina de Pizán também precisava demonstrar na prática que a visão de Boccaccio sobre as mulheres não era verdadeira.

“Lembrem-se que somos todas mulheres, nenhuma de nós ainda é criança para não saber como as mulheres se ajeitam entre si e sabem se entender sem a ajuda de um homem! Nós somos volúveis, contraditórias, desconfiadas, covardes e medrosas [...]. Na verdade, os homens são os chefes das mulheres e sem a autoridade deles raramente algo que fazemos chega a um fim louvável [...]”.¹⁷⁴

Cristina tinha a intenção de atingir e agradar um público feminino, composto especialmente por suas comitentes, mas mais do que isso queria garantir seu lugar na corte e manter seus privilégios independentemente de quem assumisse o poder, dessa forma, abriu a porta de sua cidade à Isabel da Bavária, rainha da França. O

173 ROCIÈRE, Charles de La. **A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da Renascença**. In: ARIES, Phillip e DUBY, Georges. **História da Vida Privada**. Vol. 2 Da Europa Feudal a Renascença. Companhia de Bolso. 2009. p.288

174 *BOCCACCIO apud KLAPISCH-ZUBER*, Christiane. Masculino/Feminino. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. (Orgs.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2006, v. 2. 2006, p. 137

livro “O Tesouro da Cidade das Damas” foi dedicado à futura soberana da França, Marguerite de Borgonha.¹⁷⁵

O livro “O Tesouro da Cidade das Damas” foi construído como uma longa carta na qual as três virtudes, Razão, Retidão e Justiça se dirigem a todas as mulheres através da pena de Cristina de Pizán.

Em seus tratados de moral prática Cristina se esforçou para fazer uma adaptação agradável e compreensível das regras ditadas pelos moralistas aos modos e costumes femininos e diferentemente do livro A Cidade das Damas ela quase não usou referências clássicas ou contemporâneas valendo-se da sua própria experiência como exemplo.

Percebemos que a convivência de Cristina de Pizán na corte fez com que ela soubesse o que estava ocorrendo quando Isabel da Bavária foi encontrar-se com o Duque de Orleans fora de Paris, o que lhe valeu a acusação de adúltera. Por este motivo escreveu sobre a maledicência na corte no capítulo VI do livro II:

Aqui diz do quarto ponto, que é o segundo dos dous que compre d’squivar. E fala como as mulheres de corte se devem guardar de maldizer. E de qual cousa vem o mal, donde vem, por que causa.¹⁷⁶

Da mesma forma como “A Cidades das Damas” esta obra também foi dividida em três partes, chamadas Livros. Cada parte foi dedicada a um estamento social: rainhas, princesas, duquesas e grandes senhoras; mulheres que vivem na corte; mulheres casadas com homens da vida pública, burguesas e mulheres do povo, apresentando conselhos para a vida moral e intelectual.

“Afim que a representaçom daqueles seja de maior honra e que eles possam seer, a seus sobditos e a todos aqueles que a eles ham esguardo, espelho e exemplo de bõos costumes, se adereçaráa nossa liçom primeiramente aas Rainhas e princesas e outras senhoras.

175 Filha de João Sem Medo o duque de Borgonha (irmã de Philippe, o Bom que casou-se com Isabel de Portugal em 1430)

176 PIZAN, Christine. **O livro das três vertudes a ensinança das damas**. Editora Caminho. Lisboa.2002. p.227

177[Afim de representar os mais honrados e para que eles possam ser a seus súditos e a todos aqueles que lhes cercam, espelho e exemplo de bons costumes, nossa lição será endereçada primeiramente às rainhas, princesas e outras senhoras.

Assim, seguindo pouco a pouco colocaremos de modo semelhante todos os estados das mulheres, afim de que a disciplina de nossa escola possa ser vista em todos]

Desi, seguindo de graao em graao , cantaremos semelhavelmente em todos los estados das molheres, afim de que a deceplina de nossa escola possa seer vista de todos. [...]”¹⁷⁷

Cristina de Pizán defendeu a ideia que a mulher deixasse de ser vista somente a partir de suas funções ditas naturais para assumir uma imagem social. Sua classificação social das mulheres permitiu que incluísse novamente a mulher no gênero humano quando afirmou que “Deus dotou ambos, homem e mulher com uma alma idêntica, nobre e virtuosa”.¹⁷⁷ Assim, as mulheres foram apresentadas como seres capazes de reconhecerem seus papéis, cumpri-los e se moldarem tanto na sociedade quanto na vida privada.

Diferentemente do livro “A Cidade das Damas” quem conduziu a narrativa nos três Livros que compõem a obra “O Tesouro da Cidade das Damas” foi a própria Cristina de Pizán e não as três Damas.

O prólogo desse livro se referiu novamente as três Damas, agora em uma visão, não num sonho como no outro livro. Elas surgem em seu quarto e pedem à autora que elabore uma nova obra. Argumentam que assim como Deus, que primeiro fez o mundo e por último o povoou com animais e o homem, Cristina de Pizán igualmente construiu a Cidade das Damas e convocou aquelas mulheres ilustres para habitá-la. A partir deste momento ela deveria se preocupar em cuidar da educação moral e intelectual de todas as mulheres para que elas também pudessem adentrar os muros da Cidade das Damas como mulheres ilustres.

O plano de Cristina visava atrair as mulheres através da visão do tesouro. Todas as mulheres poderiam ter acesso a ele e suas palavras e conselhos deveriam ser como boas armadilhas para convencer até mesmo as mais resistentes.

“[...] E, per enxemplo de Deos, que no começo do mundo vio sua obra booa benzeo-a e, depois, fez o homem e a molher e as outras animálias – e assi a nossa precedente obra[A cidade das Damas], que é boa e proveitosa, seja beenta e eixaçada per todo o universal mundo e ainda em louvor dela – Nos praz que, assi como o sajes passareiro aparelha suas redes e laços ante que filhe as aves, queremos que pois a morada das damas d’honra é feita e aparelhada, sejam per nós com tua ajuda, pensados e buscados e feitos laços, redes e enjenhos os quaaes tu estenderás pela terra, lugares e praças per onde as Senhoras e jeeralmente todas las molheres passam, afim que aquelas que som asperas e duras d’amansar possam cair em nossas armadilhas, de guisas que poucas ou nenhuua escapem das que hi

tocarem para que todas ou a maior parte sejam trazidas a nossa Cidade Gloriosa [...] ¹⁷⁸

A primeira parte do texto, com 27 capítulos, foi dirigida às rainhas, princesas, duquesas e grandes senhoras da corte. Começou com o principal ensinamento: amar e temer a Deus, pois o amor a Deus se traduzia em obediência, primeiro a Ele e depois ao marido, sendo esta uma virtude feminina muito elogiável. A relação entre o homem e a mulher deveria assemelhar-se àquela entre o senhor e o servo: a mulher devia prestar obediência ao marido, a cabeça da família, sujeitando-se conforme os textos bíblicos pregavam.

“E ponhamos que o marido fosse de maus costumes: perverso et aspero et de pouco amor contra sua mulher de qual quer estado que elle seja: ou se desvia em amor doutra mulher ou de muitas. Alli se pode ver o siso e prudencia da sages mulher qual quer que ela seja. Quando ela sabe esto soportar e dissimular sagesmente et fazer semblante que nom sabe nada desto, seendo ela certa que nom poede hi poer remédio, pensando que se lho falar nom ganharia nada. E se te desse má vida, tu lançarias o couce contra o aguilhão e, por ventura, ele te alongaria de si e tu serias viinda de escárnio de jentes e creceria tua vergonha e poderia vir a pior. Convem que tu vivas e morras com ele qualquer que ele seja.” ¹⁷⁹

Sobre a educação das princesas, o livro abordou a criação dos filhos, o governo e a administração na ausência do marido.

179 PISAN, Christine. **O Livro das três virtudes e a insinuação das damas**. Editora Caminho. Lisboa.2002. p.76 [E a exemplo de Deus que no início do mundo viu sua boa obra e abençoou-a e, depois fez o homem e a mulher e os outros animais - Assim nossa precedente obra [a Cidade das Damas] que é boa e proveitosa, seja abençoada e exaltada por todo o mundo e seja louvada - Nos convém que assim como o sábio passarinho prepara suas redes e laços na frente dos filhotes de passarinhos, queremos que pois a morada das damas honradas seja preparada, e assim por nós, com sua ajuda, pensaremos, buscaremos e faremos os laços, redes e engenhos os quais tu estenderás pela terra, lugares e praças por onde as senhoras e geralmente todas as mulheres passam, a fim que aquelas que são ásperas e duras de amansar possam cair em nossas armadilhas, de maneira que poucas ou nenhuma delas escape quando as tocarem, para que todas ou a maior parte seja trazida a nossa Cidade Gloriosa]

¹⁷⁹ [Suponhamos que o marido fosse de maus costumes: perverso e áspero e pouco amoroso para com sua mulher de qualquer estado que ele seja. Ou que deseje o amor de outra mulher ou de muitas. Ali se pode ver o juízo e a prudência da mulher sábia qualquer que ela seja. Quando ela sabe suportar isso e dissimular sabiamente e fazer semblante de ignorar isto, sabendo ela que não pode remediar, pensando que se falar sobre isso não ganharia nada. E se te desse má vida, você daria murros contra o aguilhão e, por ventura, ele se afastaria de ti e tu serias vítima de escárnio das pessoas e cresceria a sua vergonha e poderia vir a ser ainda pior. Convém que tu vivas e morras com ele independente de como ele seja.]

A segunda parte, com 13 capítulos, foi destinada às senhoras e donzelas da corte e trata do amor que estas mulheres devem dedicar às grandes senhoras apresentadas na primeira parte. No último capítulo Cristina apresentou as sete virtudes a serem seguidas por todas as mulheres e mesmo pelos homens: obediência, humildade, temperança, paciência, diligência, castidade e benevolência.

A última parte, com 14 capítulos, foi endereçada às mulheres dos funcionários reais, às burguesas, às mulheres do povo e às mulheres dos camponeses. Os temas mais importantes são a maneira de governar os bens, a vestimenta, a sobrevivência das mulheres comuns e sua participação junto ao marido.

É importante ressaltarmos que em nenhum momento Cristina de Pizán contestou a ordem social estabelecida e vigente. A mulher era por definição um ser fraco e mesmo sendo uma princesa deve ouvir a razão que a adverte:

*“conhece que és huua simprez molherzinha que nom hás força poder ou autoridade, se nom d’outrem te nom vem”.*¹⁸⁰

No entanto, ser fraca não era sinônimo de irresponsabilidade. Para Cristina de Pizán a mulher deveria assumir seu lugar e saber agir, o que significava reconhecer na doçura e na bondade armas poderosas capazes de mudar sua situação de dominada e ascender discretamente ao poder efetivo.¹⁸¹ Segundo ela quando a mulher soubesse aliar a doçura e bondade com a inteligência seria capaz de presidir em cada momento suas atitudes e não devia hesitar, se necessário usar inteligentemente de manha e dissimulação.¹⁸²

Podemos ter ideia do alcance e da importância dessa obra, mencionando que ela foi traduzida para o português duas vezes, entre a metade do século XV e o início do século XVI. A primeira tradução foi feita a pedido da rainha Isabel a partir do manuscrito *Tratado de las virtudes de las señoras*, provavelmente levado à corte portuguesa pelo infante Pedro, pai de Isabel.¹⁸³

180 PIZAN, op.cit. p.90 [*reconhece que é uma simples molherzinha e que não tem força, poder ou autoridade, se não vier de outrem*]

181 Cf. PIZAN, op. Cit. P. 129-130

182 Cf. PIZAN, op. Cit. P.139

183 LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação** Doutorado - em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais. USP. Maio 2008 (tese não publicada) p.138

Tal manuscrito hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Madri. Essa versão difere do texto de Germão de Campos de 1518, segunda tradução que foi dedicada à rainha Leonor sob o título *O Espelho de Cristina*.¹⁸⁴

A palavra espelho aqui é muito sugestiva, pois constitui metáfora de um comportamento a ser seguido por outras mulheres. Cristina de Pizán traça o perfil da vida moral e intelectual das mulheres do fim da Idade Média, legando-nos um registro do passado e, ao mesmo tempo, possibilitando uma perspectiva para o futuro, uma abordagem humanista coerente com o alvorecer daquilo que chamamos de modernidade.

O que ela ensinou nessa obra de “educação e arte de viver em sociedade”¹⁸⁵ era a valorização da mulher pela educação e aprendizagem, sua emancipação enquanto ser humano, a capacidade de ocupar seu próprio lugar no mundo e ter controle de si mesma, controlando também o seu entorno.

Segundo Charity Cannon Willard, há cerca de vinte manuscritos catalogados do livro “O Tesouro da Cidade das Damas”. Foram feitas três edições, 1497, 1503 e 1536 e ainda as traduções portuguesas de 1447 e 1518. Pode-se, assim, ter uma ideia do quanto essa obra de Cristina circulou nos meios cultos da época.¹⁸⁶ Afinal, além de ser um texto escrito por uma mulher, o que despertava curiosidade nos leitores, tinha a aprovação de suas comitentes, as mulheres de famílias poderosas e que disputavam o poder. Podemos dizer que ler as obras de Cristina de Pizán, passadas obviamente pelo crivo das suas comitentes, era equivalente a conhecer parte dos pensamentos daquelas mulheres ilustres e poderosas.

No livro “O Tesouro da Cidade das Damas” a principal fonte de referência usada por Cristina de Pizán foram suas vivências cotidianas, “de tant comme voirement suis femme, plus puis testegmonier em ceste partie que cellui que cellui qui n'en a l'expérience”¹⁸⁷ Ela também fez referências à Bíblia, principalmente ao Livro de Provérbios, assim como aos textos dos pregadores da época, pois seus sermões visavam a edificação moral e vinham ao encontro dos seus objetivos .

184 Estamos usando nessa dissertação a edição fac-similada dessa versão.

185 CRISPIN, Maria de Lourdes, Introdução in: PIZAN, Christine de **O livro das três virtudes**. Lisboa Editorial Caminho, 2002. p.21

186 Cf. WILLARD, Charity Cannon. *The writings of Christine de Pizan*. Nova Iorque: Persea Books, 1993. p.213

187 “dado que evidentemente sou mulher, posso testemunhar melhor nesta questão do que quem não tem experiência disso.” PIZAN, Cristina **APUD**. CRISPIN, Maria Lourdes. **Introdução**. In: PIZAN. Christine. *O livro as três vertudes e insinança das damas*. Editora Caminho. Lisboa. 2002. p.26

Outra fonte muito usada por Cristina é o *Manipulus florum*, de Thomas Hibernicus, de 1402, que é uma obra em forma de coletânea, organizada como um dicionário de citações sobre virtudes e vícios, bastante usada pelos pregadores do final da Idade Média.¹⁸⁸

Assim como o *Speculum majus*, de Vincent de Beauvais, escrito no final do século XIII, com seus conselhos práticos sobre educação¹⁸⁹, Cristina faz citações, em grande parte, servindo-se de sua memória, sem indicar a referência, como era costume na época e também como forma de demonstrar sua erudição.

Segundo Maria de Lourdes Crispim, o mérito de “O Tesouro da Cidade das Damas” estaria na sua dimensão de responsabilidade e de autoestima introduzidas no caráter feminino.¹⁹⁰ Pelo seu modo pragmático de abordar as questões do cotidiano, seu estilo coloquial e adequado a cada interlocutor e a sensibilidade frente às diversas situações vividas pelos leitores, Cristina de Pizán se afastava dos moralistas contemporâneos.¹⁹¹ Crispim escreveu que a obra de Cristina não se destacou de outras obras voltadas à educação das mulheres nem quanto às categorias, nem quanto às regras de comportamento determinadas às mulheres,¹⁹² o que nos levou a procurar entender como era a vida das mulheres no Medievo, o que já foi escrito a respeito delas e o que Cristina de Pizán pôde nos trazer de novidade através de sua obra “O Tesouro da Cidade das Damas”.

3.2 - As prováveis leitoras do livro O Tesouro da Cidade das Damas: as mulheres do início do século XV.

R. Howard Bloch em seu livro *Misoginia Medieval*, apontou alguns caminhos para conhecermos as realidades vividas pelas mulheres: [...]qualquer definição

188 BOYER, C. **Un témoin précoce de la réception du « Manipulus florum » au début du XIV^e siècle : le recueil de sermons du dominicain Guillaume de Sauqueville.** Christine Boyer Bibliothèque de l'école des chartes Année 2006 Volume 164 Numéro 164-1 p.43-70

189 GRRUSEC, Joan E. **Parental Socialization and Children's Acquisition of Values.** Handbook of Parenting. *Second Edition* Volume 4 Social Conditions and Applied Parenting Edited by Marc H. Bornstein *National Institute of Child Health and Human Development. New Jersey.2002. p. 150*

190 Maria Lourdes. **Introdução.** In: PIZÁN. Christine. O livro as três virtudes e insinância das damas. Editora Caminho. Lisboa. 2002. p.24

191 CRISPIN, Maria de Lourdes, Introdução in: PIZAN, Christine de O livro das três virtudes. Lisboa: Editorial Caminho, 2002 p.22

192 CRISPIN. Op.Cit.p.26

essencialista da mulher, seja ela negativa ou positiva, feita por um homem ou uma mulher, é a definição fundamental de misoginia. [...]porque historicamente trabalharam para eliminar da história o sujeito. “A Mulher como um substantivo coletivo é tão cheio de armadilhas quanto conveniente”, escreve Sheila Ryan Johansson. “Ao longo do tempo os homens mudaram de ideia muitas vezes sobre o que a ‘Mulher’ é (...). Mais frequentemente foram aqueles que eram hostis às mulheres que escreveram sobre a ‘Mulher’ e a sua verdadeira essência imutável. Descrições e análises de eterno feminino têm sido costumeiramente propostas por aqueles que estão ansiosos em justificar a continuação de várias formas de restrições sociais e legais”.¹⁹³

Bloch apontou para uma questão importante: é quase impossível conceituar a mulher sem ser misógino, pois a definição do que “foi ser mulher em determinado período” sempre passou pelo crivo da história, escrita por homens e pelo conceito de quem escreveu ou descreveu o feminino e a feminilidade.

No *Dicionário da Idade Média*, organizado por Henry Loyn, o verbete ‘mulher’ também fez importantes considerações sobre a mulher no imaginário medieval: grande dama adorada à distância por seu cavaleiro; em pactos matrimoniais tratada como mercadoria a ser avaliada de acordo com a herança e o dote; com o culto à Virgem Maria, figura divina e maternal, ou ainda como Eva. Essa complexidade de imagens atribuídas às mulheres tem relação direta com suas funções exercidas na sociedade medieval.¹⁹⁴

Na sociedade medieval as mulheres do povo e as burguesas trabalhavam na agricultura, nos serviços domésticos, no comércio, sozinhas ou ao lado dos maridos. Tinham mais poder de decisão na organização doméstica, incluindo a economia. A vida religiosa propiciava um refúgio onde elas podiam exercer sua independência, de início para as mais abastadas e a partir do século XIII, devido às pressões sociais, para mulheres de todas as camadas sociais.

No que dizia respeito ao acesso ao poder de governar isto variava de um lugar para outro, assim como de uma época para outra. De modo geral, o que

193 BLOCH, R. H. *Misoginia medieval. E a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. P.13-14

194 Cf. LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar. pp.264-266.

prevaleceu foi o direito romano, pelo qual a mulher, casada ou não, ficava sob a tutela masculina. Na França a lei sálica excluía as mulheres da sucessão.¹⁹⁵

Mais filosófico e literário é o texto de Christiane Klapisch-Zuber apresentado no *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, organizado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt. A partir do tópico *Masculino/Feminino* a autora fez um levantamento das causas filosóficas que levaram a uma visão de subordinação da mulher desde a época dos Pais da Igreja até a época dos textos literários do século XV. O texto começa citando três autores sobre as mulheres. Primeiro Ruperto de Deutz, do século XII que afirma: *Ela (a mulher) já não mostrava desta forma sua personalidade abusiva, arrogante e insistente?* Em segundo lugar vem Hildegarda de Bingen, do século XII: *A mulher é fraca, ela vê no homem o que pode lhe dar força, da mesma maneira que a lua recebe sua força do sol. É por isto que ela é submissa ao homem, e deve estar sempre pronta a servi-lo.* Por fim Boccaccio, do século XIV: *Lembre-se que somos todas mulheres, nenhuma de nós ainda é uma criança para não saber como as mulheres se ajeitam entre si e sabem se entender sem a ajuda de um homem! Nós somos volúveis, contraditórias, desconfiadas, covardes e medrosas [...]. Na verdade, os homens são os chefes das mulheres e sem a autoridade deles raramente algo que fazemos chega a um fim louvável.*¹⁹⁶

Através dessas três citações é possível imaginar o que significava ser mulher na época de Cristina: uma pessoa débil, sem autonomia, necessitando ser conduzida para não cometer erros. Por esse motivo, ela ocuparia posição secundária, submissa, na qual não precisava fazer escolhas e assumir responsabilidades.

A submissão da mulher decorreria de sua criação, de acordo com o segundo relato de Gênesis 2:21-24, que diz que a mulher foi criada para ser auxiliar do homem, relato este interpretado como sujeição e inferioridade. Resta uma questão: como seria a história da humanidade se a exegese cristã tivesse privilegiado a primeira versão da criação, Gênesis 1:27, pela qual Deus criou o homem e a mulher à sua imagem?

No século XII as ideias de Aristóteles foram retomadas por São Tomás de Aquino, principalmente aquelas relativas à mulher, definida como macho imperfeito e

195 Cf. Ibid. p.265

196 Cf. LE GOFF; SCHMITT, J. C. **Dicionário temático do ocidente medieval**. V. I. São Paulo: Edusc. 2009. p.136-149

incompleto: [...] o homem, princípio de sua espécie como Deus o é do Universo, está dotado de capacidades racionais mais vigorosas do que a mulher, e por causa disso sua alma contém a imagem divina de maneira mais especial. Além disso, o bem da espécie quer que a mulher ajude seu marido na procriação, função auxiliar que constitui, na ordem da criação, a finalidade de sua existência enquanto indivíduo sexuado. [...] Essa fraqueza física tem efeitos diretos sobre o entendimento e a vontade da mulher; ela explica a incontinência que marca seu comportamento; ela influencia sua alma e sua capacidade de alcançar a compreensão do divino.¹⁹⁷

Essas ideias contribuíram para uma visão dualista: de um lado, o homem aparece como representante da estabilidade e da unidade, um ser ativo; de outro lado a mulher aparece como a portadora da instabilidade, da dispersão, da passividade. Ambos ficaram presos a esses papéis estabelecidos e normatizados pela sociedade, filosofia, ciência, religião e literatura.

Cristina de Pizán adicionou outros elementos a essa equação quando no livro “A Cidade das Damas” redefiniu porque Deus tirou Eva da costela de Adão:

“Nessa altura, Ele adormeceu-o e, a partir de uma das suas costelas, criou o corpo da mulher. Isso significa que ela foi criada para estar ao seu lado, para ser sua companheira, alguém que ele deveria amar e cuidar como sendo carne da sua carne e não um ser inferior”.¹⁹⁸

Cristina ainda explicou o fato de Deus ter criado Eva a partir da costela de Adão para não fazê-lo de matéria ordinária (como o barro) e sim do que ele tinha feito de melhor que era o próprio ser humano.¹⁹⁹

Cristina também defendeu as mulheres no que dizia respeito à maledicência, pois as mulheres eram muito difamadas em alguns textos escritos por homens. Homens que dominavam as letras. Ela assumiu o papel de defensora das mulheres, a campeã da Ordem da Rosa, como já vimos no capítulo anterior.

Em *Songe du Verger*, espelho de príncipes de autoria anônima e escrito provavelmente no início do século XIV, se destaca que a principal preocupação de um monarca deveria ser com a “saúde pública” de um reino. Segundo Lucimara Leite nesta obra foram enumeradas nove condições comuns à mulher:

1. *elles procurent leur propre dommage,*

197 São TOMAS DE AQUINO, **Apud.** LE GOFF; SCHMITT, J. C. **Dicionário temático do ocidente medieval.** V. I. São Paulo: Edusc. 2009. p.146

198 PISAN, Christine. **A cidade das mulheres.** Coisas de Ler. Lisboa 2007. p.22

199 Op. Cit. p.22-23

2. *elles sont si tres avares,*
3. *elles ont des volontés soudaines,*
4. *de leurs propres volontés sont mauvaises,*
5. *sont jangleresses de leur propre nature,*
6. *sont fausses,*
7. *sont contrariantes,*
8. *sont bavardes et racontent leur propre vitupere et honte,*
9. *sont cautes et malicieuses.*²⁰⁰

O conteúdo do livro “O Tesouro da Cidade das Damas” nos abriu outras perspectivas sobre o perfil da mulher no final do Medievo, sendo qual fosse sua condição social, familiar ou faixa etária. Isto porque Cristina de Pizán adentrou o modo de vida daquelas mulheres, permitindo traçar os principais aspectos das experiências cotidianas de uma senhora da nobreza, ou da mulher de um artesão ou de proprietários de terras: aquilo que ansiavam na falta do marido, a administração de suas rendas e despesas, a educação dos filhos e o tratamento dado aos conselheiros e àqueles que lhes eram subordinados.

O tema da obra de Cristina de Pizán não foi original. A preocupação em escrever sobre o comportamento feminino e controlá-lo é antiga. A novidade está na abordagem e na classificação social.

O livro “O Tesouro da Cidade das Damas” (*Livre des trois vertus* ou *Tresor de la cité des dames* ou *O Espelho de Cristina*) foi escrito como um tratado de educação e de *savoir-vivre* a partir da observação de sua autora e boa parte dos problemas cotidianos do início do século XV foram retratados nele. Além disso, Cristina de Pizán traçou de maneira muito minuciosa o cotidiano das mulheres apresentando também o ideal de feminilidade para ela.

200 LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação** Doutorado - em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais. USP. Maio 2008 (tese não publicada) p.232 1 - elas procuram seu próprio mal, 2 - elas são muito gananciosas, 3 - elas têm vontades súbitas, 4 - suas vontades próprias são ruins, 5 - tagarelices são de sua própria natureza, 6 - são falsas, 7 - afligem, 8 - são faladeiras ao contar suas próprias vergonhas e vitupério, 9 - são mal-intencionadas. (tradução nossa)

3.3 - Os conselhos de Cristina para as princesas e altas senhoras do reino.

No capítulo 1, do livro I, da obra *“O Tesouro da Cidade das Damas”*, Cristina de Pizán convocou todas as senhoras e princesas a comparecerem à sua escola, enfatizando algumas ideias cristãs: a exaltação dos humilhados e a tese de que as virtudes constituiriam o tesouro da alma, pois nem toda a riqueza do mundo daria mais prazer ao coração do que a prática das virtudes.

Aqui diz como as três Vertudes amoestam a todas princesas e altas senhoras que venham a sua Scola, cuja principal insinança é amar e temer nosso Senhor Jesu Cristo.

Capítulo 2 [...] E sera o fundamento de nossa doutrina, primeiramente sobre o amor e temor de Deos Nosso Senhor, porque este é o começo da sabedoria e de que todas as otras vertudes nacam e decendem.²⁰¹

O principal ensinamento que Cristina destacou para as mulheres foi “amar e temer a Deus sobre todas as coisas”, ponto de partida para a sabedoria, já que todas as outras virtudes decorreriam desse princípio. As mulheres deveriam amar a Deus por Sua bondade e temê-lo por Sua justiça, para que, andando no seu caminho, ou seja, cultivando as virtudes, se guardassem dos perigos da tentação. Amar a Deus era o princípio básico de toda a organização da sociedade medieval, na qual amar significava dedicar-se, dedicar amor, seguir a Deus, a seus mandamentos e ensinamentos.²⁰²

Quando aconselhou acerca das virtudes que as princesas e grandes senhoras deveriam cultivar, Cristina destaca três, humildade, paciência e caridade, relacionando cada uma delas às atitudes práticas do cotidiano, tais como, ser humilde para perdoar; ser paciente ao aceitar as adversidades; ser caridosa amando ao próximo, partilhando os bens, auxiliando os necessitados e dando bons conselhos aos maridos na esperança de que eles sejam moderados e busquem a paz:

201 PIZÁN, Cristina. **O Livro das três vertudes e a insinança das Damas**. Editorial Caminho, Lisboa 2002. p.80.

202 COSTA, Ricardo. **A Educação na Idade Média. A busca da Sabedoria como caminho para a Felicidade: al-Farabi e Ramon Llul**. In: Dimensões - Revista de História da UFES 15. Dossiê História, Educação e Cidadania. Vitória: EDUFES, 2003, p. 99-115

Aqui devisa como a sages e booa princesa se trabalhará de poer pazentre o princepe e seus vassalos se hi houver alguua discórdia. Se acontece de aluu princepe, vezinho ou alongado, queira mover guerra a seu senhor (ou ele a outrem), a booa Senhora pensará os grandes males e infiindas cruezas e destruiçom da terra e de jentes que, per causa de guerra, veem. E a fim que sempre é maravilhosa. E trabalhará quanto bem poder, guardando a honra de seu marido, como tal guerra seja esquivada. E esto sajesmente e com descriçom, chamando Deos em sua ajuda. E peer bom conselho tanto fará, se poder, que hi seja achado caminho da Paz.²⁰³

Como mediadora entre o soberano e seus súditos, Cristina nos apresentou a princesa, representando o lado moderado do poder e da dominação feudal, afirmando que por meio de seus atos e orações as mulheres poderiam conduzir o coração de seus senhores à misericórdia e à piedade.

Percebemos que Cristina de Pizán destacou alguns atributos que eram necessários às mulheres de acordo com o seu estrato social, mas que as princesas, incluindo nesta categoria as imperatrizes, rainhas, duquesas e grandes senhoras que reinam sobre a terra cristãs, deveriam ser imitadas por todas as outras mulheres. Pela leitura da primeira parte da obra podemos destacar e listar alguns atributos que eram primordiais a estas mulheres e que deveriam ser buscados, explanados por Cristina de Pizán na primeira parte do Livro “O Tesouro da Cidade das Damas”.

- Elas deveriam ter temperança em tudo: no comer, vestir e falar;
- Não dadas ao riso e quando rir que fosse baixo;
- Manteriam o rosto humilde e aprazível e os olhos baixos;
- Seu falar e sua governança deveriam ser doces;
- Teriam uma palavra amiga e doce resposta a todos;
- Manteriam distância de jogos, danças, caçadas;
- Visitariam os doentes para lhes dar nova esperança;
- Não contrairiam dívidas maiores do que pudessem pagar;

204 PIZÁN, Cristina. **O Livro das três virtudes e a insinança das Damas**. Editorial Caminho, Lisboa 2002. P.107 [Aqui orienta como a sábia e boa princesa trabalhará para colocar paz entre o príncipe e seus vassalos se houver alguma discórdia.

Se acontecer de algum príncipe vizinho ou afastado, queira suscitar guerra a seu Senhor (ou ele a outrem) a boa senhora pensará nos grandes males e infindáveis crueldades e destruição da terra e de pessoas que vêm por causa da guerra. Maravilhosamente ela trabalhará o quanto puder, guardando a honra de seu marido, para que tal guerra seja evitada. E isto sabiamente e com discrição chamando a Deus em sua ajuda. E se puder, por bom conselho, tanto fará que seja encontrado o caminho da paz.]

- Dariam esmolas e seriam caridosas e sem cobiça;
- Mostrar-se-iam sérias e contidas em público, falando pouco e mantendo o olhar honesto e baixo;
- Deveriam conhecer bem a sua terra e quem trabalhava nela;
- Deveriam usar roupas e toucados ricos, pois faziam parte do seu estado;
- Nunca se mostraria áspera nem má para suas mulheres e servidores;
- Procuraria sempre ser compassiva e não muito altiva;
- Teria cuidado com as suas rendas e despesas e saberia a soma de suas rendas e possessões, o valor de suas contas e o andamento de tudo na sua casa;
- Toda princesa e toda mulher deveria desejar honra e bom nome mais do que qualquer outro tesouro.

Convém destacarmos ainda nesta primeira parte, a valorização da honra feminina aqui contraposta ao adultério e à maledicência. O adultério feminino era a pior das subversões e uma mulher honrada jamais, em hipótese alguma, poderia ceder aos caprichos do cavaleiro que lhe fizesse a corte: *"(...) a justa amorosa opõe dois parceiros desiguais, um dos quais, por natureza, está destinado cair (...). Pois, trata-se bem disso, que o véu das sublimações, todas as transferências imaginárias do corpo para o coração não chegam a dissimular"*.²⁰⁴

O amor cortês,²⁰⁵ presente no ambiente de sociabilidade de Cristina de Pizán, tratava-se de uma espécie de ritual, com regras, que prescrevia que a mulher “aceitasse primeiro ser abraçada, depois que ela oferecesse os lábios ao beijo, depois que abandonasse a ternuras cada vez mais insistentes”,²⁰⁶ nesse aspecto do código amoroso a mulher retomava a vantagem ao impor que a “recompensa e os favores” fossem minuciosamente dosados. O prazer do homem nesse jogo residia

205 DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens. Do amor e outros ensaios**, SP, Companhia das Letras, 1989. p.60-61

205 Ressaltamos que o amor cortês, ou o fino amor, foi uma criação literária, e fruto de uma literatura de evasão em que a corte depositava nos poetas o poder de alimentar seus sonhos e os levou para longe das inquietações e ciladas da vida cotidiana. Esses escritos foram compostos para o entretenimento dos jovens cavaleiros, os homens de guerra. Prova disso é serem exatamente eles as personagens heroicas que os autores dos romances celebram. As figuras femininas que aparecem no romance têm o papel de valorizar e realçar suas qualidades viris. Segundo Georges Duby, nesses romances os heróis praticavam certas virtudes na perfeição, mas não deviam parecer totalmente inimitáveis.

206 DUBY, “O modelo cortês”, in Georges Duby e Michelle Perrot, **História das Mulheres no Ocidente** (vol. 2 A Idade Média). Lisboa, Afrontamento, 1993. p. 332

na espera: “O prazer culminava no próprio desejo”,²⁰⁷ o que revela a natureza onírica deste amor.

A corte foi evidentemente o lugar onde o amor cortês tomou forma, exigindo que os homens se esforçassem em tratar as mulheres “com mais refinamento, demonstrando sua capacidade de capturá-las, não pela força, mas por carícias verbais e manuais (...)”.²⁰⁸ Nota-se, então, que o amor cortês era um critério de distinção na sociedade masculina e pode ser considerado um impulso de progresso da sociedade, pois ele foi um instrumento e o produto do crescimento que liberava a sociedade feudal da violência, que a civilizava, uma vez que o jogo era visto como um processo educativo para os jovens que tinham que aprender a controlar seus impulsos.

Assim, o amor cortês “um amor ao mesmo tempo ilícito e moralmente elevado, passional e autodisciplinado, humilhante e exaltante, humano e transcendente”,²⁰⁹ significava exercitar-se e treinar extenuantemente por semanas, às vezes, meses. Empenhando-se em vencer uma árdua batalha ou duelo, para então, vitorioso em combate, ser agraciado com um olhar mais detido, um aceno, um menear de cabeça ou tímido sorriso. Segundo Georges Duby, no amor cortês toda dádiva exigiria uma contra-dádiva, nisso consistiria a vassalagem.

Arquitetar a oportunidade (por mais remota que fosse) de dedicar um triunfo, de oferecer um poema, uma rosa ou pedra rara; esperar pela possibilidade de manifestar, respeitosamente, o quão sincero e sublime era esse sentimento, eis a verdadeira razão do viver de um nobre cavaleiro.

Tendo em mente os rituais do amor cortês e de como o adultério feminino era visto dentro desse ambiente de sociabilidade não é de se admirar quando encontramos tantos conselhos acerca dos cuidados com a maledicência, a importância de conservar o bom nome e sobre a moral e a prudência, como podemos ver nos títulos de alguns dos capítulos de “O Tesouro da Cidade das Damas”.

“[...] E fala como as mulheres de corte se devem guardar de maldizer.”

“Desso meesmo, como as mulheres de corte se devem guardar de dizer mal de suas Senhoras.”

207 DUBY. Op. Cit. P.333

208 DUBY. Op. Cit. P.334

209 DAMASIO, Celuy Roberta. **Uma leitura de Tristão e Isolda**. Artigo (Disponível em) disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/078/78damasio.htm>> (acessado em 13/12/2012)

“Aqui diz como nom perteece a molheres de corte defamar huua da outra nem dizer mal”

Os conselhos de Cristina de Pizán às senhoras enamoradas, para que não se desviassem por razões amorosas, poderiam refletir um posicionamento em relação ao amor cortês, principalmente depois do escândalo das relações de Isabel da Bavária com seu cunhado, o duque de Orleans. Percebemos esta preocupação, embora sem um endereçamento direto a Rainha Isabel, no último capítulo da primeira parte do livro “O Tesouro da Cidade das Damas” escrito em forma de carta.

“Senhora eu ouvi novas de vossa governança e taaes, de que meu coração é triste, temendo que se assi é, vossa honra e boom nome haja de descair . E som taes que como me parece que de razom nom deviam de seer porque toda pincesa e grande senhora, [assi] como é alevantada em estado e honra sobre as outras que assi o deve seer em bondades e costumes e condições, por que ela seja exemplo per que as outras se hajam de reger, segundo cada huua pertence [...] nem haja costume de se conselhar ameude com os seus (nem alheos) em segredo assi que se lhe nom possa dizer que ‘fala mas com huuque com outro, nem sabem mais de seu conselho,; nem diga em praça a alguua pessoa, palavras encobertas em riiso, assim que possam entender que que ali faz alguu neicio segredo antr’les [...]”²¹⁰

Tais admoestações em nada se distanciavam das normas estabelecidas pela tradição religiosa que deveriam reger a vida cotidiana das mulheres, como nos mostra Carla Casagrande. Ela listou vários autores e diversas obras dirigidas ao público feminino, fosse na igreja ou na corte, fosse por meio de sermões ou de manuais de conduta, isto porque

“entre os finais do século XII e o início do século XIV, virgens, viúvas e mulheres casadas impõem-se como as principais interlocutoras de pregadores e moralistas: por vezes ao lado de outras categorias femininas, outras vezes insinuando-se no seu interior, outras vezes ainda incluindo-as, frequentemente ocupando o espaço sozinhas”.²¹¹

211 PIZAN. Op. Cit. p. 187-188. [Senhora eu ouvi novidades de seu governo e elas entristeceram meu coração, temendo que se assim for, vossa honra e bom nome estão decaindo. E não devem ser verdade porque toda princesa e grande senhora quando levantada em estado e honra sobre outras também o deve ser em bondade, hábitos e caráter, para que ela seja exemplo e que as outras se deixem reger segundo a ordem que cada uma pertence [...] Que não haja costume de se aconselhar frequentemente com os seus (nem com os que não são parentes) em segredo, assim que não se possa dizer que ‘fala mais com um do que com outro, nem que sabem mais de seu conselho’. Nem diga em público a algumas pessoa palavras encobertas de riso fazendo com que se entenda que há algum segredo entre eles.]

212 CASAGRANDE, Carla. **A mulher sob custódia**. In: Duby, Georges. Org. História das mulheres. Volume 2. A Idade Média. Afrontamento. 1998. p.109

Carla Casagrande ainda explicitou que entre as normas ditadas para as mulheres estava o controle da gestualidade (que devia ser reprimida) invocando a modéstia como ponto a ser alcançado. Ela também destacou que a mulher não devia rir, mas somente sorrir sem mostrar os dentes; não devia arregalar os olhos, mas mantê-los baixos e semicerrados; se chorasse devia fazê-lo sem ruídos, sem agitar as mãos e nem mover a cabeça em demasia.²¹²

Percebemos como Cristina de Pizán se amparava nestas regras conhecidas se compararmos as observações de Casagrande com um trecho do livro “O Tesouro da Cidade das Damas” transcrito abaixo:

[...] que ela seja devota a Deos, e sua contenença assessegada; temperada em seus desenfadamentos, riir baixo e nom sem causa; o estado alto e a cara homildosa; e a todos, de doce resposta e amigável palavra, seu abito e tocado rico; e nom louçãã aos estrangeiros, nom muito falador; o olhar tardinho e nom levantado [...]²¹³

Desde modo, Cristina não tinha a intenção de promover mudanças significativas no comportamento feminino, já que comungava com os valores e as normas de comportamento vigentes. Seu texto demonstrou sua plena aceitação dos costumes da época, reiterando a questão de que, apesar de tudo, a mulher devia permanecer casta, modesta, sóbria e taciturna.

Outros valores destacados foram a paciência, a temperança, a humildade, o perdão. As mulheres deviam manter sempre o bom nome, o que pode revelar que estes valores não eram muitos seguidos pelos extratos sociais mais elevados, ou seja, as princesas, além de ser destacada a questão da rainha Isabel da Bavária e da disputa de poder que envolvia sua figura.

Neste livro também havia conselhos sobre a administração das rendas e da economia doméstica. A senhora era instigada a sempre cuidar e aconselhar o seu marido para que não contraísse dívidas e que mantivesse em dia as suas obrigações financeiras para com seus servidores e fornecedores. Há um trecho muito interessante onde Cristina lista o modo como a renda das senhoras deveria

213 Op. Cit. pp.139-133v

214 Pizán. Op. Cit. p.188[...] que ela seja devota a Deus, e seus modos tranquilos; temperada em seus divertimentos, riir baixo e não sem motivo; estando respeitável e o rosto humilde, dando a todos doce resposta e amigável palavra, sua roupa e tocado ricos; e nem gentil aos estrangeiros, nem muito tagarela; o olhar baixo e não altivo [...]

ser gasta, dividindo-a em, pelo menos, cinco partes que podemos resumi-lo dessa forma: uma parte para a caridade, a outra para a despesa da casa, uma para pagar seus oficiais e suas mulheres, outra para pagar aos estrangeiros e os que estão fora de sua ordenança, sem esquecer de que sempre que sobrar algo guardar ainda mais uma parte para os tempos difíceis e se algo sobrar então poderá ser gasto para seu prazer como jóias, adornos e roupas.

Observamos que a mulher ideal para Cristina de Pizán era aquela que participava ativamente da administração e da economia não só do seu lar, mas também do governo, dando conselhos ao marido, ou mesmo através da participação ativa quando da ausência dos homens, fato corriqueiro na época já que, a França estava envolvida na “Guerra dos Cem Anos” contra a Inglaterra. Mesmo que, como informa Philippe Wolff, no período de 1390 a 1410 o reino da França tenha gozado de uma relativa calma, já que a guerra tinha entrado em mais uma de suas tréguas,²¹⁴ não podemos descartar o efeito que tantos anos de conflitos acarretou na sociedade, sem esquecermos que Cristina de Pizán vivenciou grande parte do conflito, já que viveu na França desde 1370.

O que foi mais valorizado e prezado no texto era o amor que a mulher de todos os estados devia ao marido. O amor que deveria existir entre o casal, segundo a Igreja, era o amor ao próximo, a caridade, sem o desejo carnal. Porém, a afeição, a ternura, o amor e a felicidade entre os cônjuges eram incentivados. Partindo do exemplo da Virgem Maria e José que, mesmo sem terem relações foram felizes, apenas amando-se, cooperando-se e sendo fiéis um ao outro.

Como a maioria dos casamentos eram arranjados o amor, a afeição e a amizade eram muito mais uma consequência do casamento do que uma causa. E a mulher não possuía direito algum de pronunciar seu desejo ou sua palavra. O único amor pelo qual podia se manifestar era o amor a Deus. Já o homem tinha o direito ao corpo da mulher, já “que ela está destinada a servir o homem no casamento e que o homem tem o poder legítimo de servir-se dela”,²¹⁵ como Georges Duby nos mostra:

“De qualquer forma, o casamento não é o lugar do que se define então como o amor. Pois é proibido ao esposo e à esposa lançarem-se um ao

214 WOLF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 32.

215 Ibid p. 36

outro no ardor e na veemência. (...) o sentimento que liga o homem e a mulher não deve ser da mesma natureza no interior e fora da célula conjugal”.²¹⁶

A primeira parte do livro “O Tesouro da Cidade das Damas” termina, mostrando uma mulher ao mesmo tempo submissa às vontades de seu marido e aos costumes da sua época, mas também participante e ativa da criação dos filhos e na administração do reino e das terras e que devia se preocupar com a sua educação e com as suas rendas.

3.4 - Os conselhos de Cristina de Pizán às mulheres que viviam na corte e às religiosas.

A segunda parte do livro “O Tesouro da Cidade das Damas” apresentou uma estrutura muito semelhante à anterior. A autora também privilegia aqui dois aspectos fundamentais: a prudência no comportamento das mulheres que vivem na corte, ao qual dedica dez capítulos, e conselhos de economia e de bem viver.

O primeiro destaque é dado ao amor, que aparece novamente como obediência e submissão, agora das damas da corte para com as suas senhoras. Esse amor deveria ser incondicional, não importando se a senhora fosse boa ou má de servir, pois somente assim a dama encontraria a paz, demonstrando fé e lealdade para com a sua senhora. Amor e temor se confundiam na sua explicação, mais uma vez, como uma forma de submissão e aceitação das regras.

“[...] a dona ou donzela da corte, e ainda toda servidor é tiuda d’amar muito sua senhora, seja booa ou maa, doce ou áspera de servir.[...] Primeiramente ela amarà o bem de sua alma e lhe o procurará, quando poder, e aconselhará que faça todo bem. Nom lhe dirá cousas que possam trazer empecimento a sua alma, convem a saber, nom lhe dizendo mal doutrem, nem cousa que seja contra honra e honestidade, nem palavras ásperas nem maas respostas per que a possam torvar.[...]”²¹⁷

216 DUBY, 1989 op. Cit. p.35

218 PIZAN. Op. Cit. p. 209-210 [a dona ou donzela da corte, e ainda toda subordinada deve amar muito sua senhora, seja boa ou má, doce ou grosseira de servir (...) Primeiramente ela amarà o bem de sua alma e o procurará o quanto puder, e aconselhará que faça tudo bem. Não lhe dirá coisas que possam importunar a sua alma, convém que saiba não falar mal de outrem, nem coisa que seja contra a honra e a honestidade, nem palavras ásperas, nem más respostas que a possam perturbar]

Cristina de Pizán também insistiu em aconselhar as mulheres que viviam nas cortes das grandes senhoras a respeito de como elas deveriam administrar os seus bens e rendas, além do conhecimento que deveriam ter de seus direitos, o que demonstrava uma preocupação da autora com o futuro dessas mulheres, pois como já mencionamos, esse é um tempo de guerras. A “Guerra dos Cem Anos” devastava as terras francesas (não esqueçamos que 1405 é o ano em que esta obra foi escrita, e que a guerra só terminaria em 1453) e a “*Peste Negra*” fazia também as suas vítimas, entre elas esteve o marido de Cristina.

Quanto ao vestuário Cristina demonstrou uma percepção que os tempos estavam mudando quando em sua análise criticou o modo como as damas estavam se vestindo, pois elas demonstravam ignorar os costumes tradicionais.

“Em tal tempo e mundo somos ora que nom há hi senom muita desordenança. [...] E esto é pera as senhoras de França. porque em outra terra não mudam tanto seus costumes [...]”²¹⁸

Huizinga explicou como na Idade Média havia “uma severa hierarquia de materiais e cores [que] mantinham as classes separadas e davam a cada estado ou situação uma distinção exterior que preservava e exaltava o sentimento da dignidade”.²¹⁹ Cristina não somente observou uma mudança nos costumes como a criticou severamente, admoestando tanto as mulheres quanto os homens no que considerava uma loucura sem limites, isto é, querer aparentar um estado diferente do qual pertencia.

E primeiramente, ao que pertence declarar das vestiduras, que aquelas que assi deleitam em taaes trejos desordenados nom fazem bem, e assim se prova pelos nobres e bõos costumes antigos porque as duquesas não eram ousadas trazer as vestiduras que as rainhas traziom. Nem as condessas as que traziom as duquesas. Nem as simprezes donzelas as que traziom as condessas . mas porque ao presente em todo é desordenança, vai assi como vai, porque em toucados nem em vestiduras nom há hi regra nem ordenança, porque qualquer se traz como melhor pode, de qualque estado

219 PIZAN. Op. Cit. p.245 [Em tal tempo e mundo que vivemos nunca houve tanta desordem[...] E isto é para as senhoras da França porque em outra terra não se mudam tanto os costumes]

220 HUIZINGA, Johan. s.d. **O Declínio da Idade Média**. Lisboa, Ulisseia. p. 53-54.

que seja. Assi molheres como homeens lhe parecem que fazem melhor que os outros [...]²²⁰

Cristina de Pizán conclui dizendo que nesta época todos queriam parecer o que não eram através de suas vestes:

“E, sem falha, eu nom sei que prazer tomam em taaes trajos, que nom é senom míngua de siso, que eles meesmos se enganom em taes trajos e vestiduras[...] Ca nom há hi tam grande escarnho no mundo como oolhar taaes pessoas assi sandiamente vestidas (especialmente quando se sabe que lhes nom perteece taaes trajos nem teem per onde supram)!²²¹

Ela finalizou a segunda parte do livro enumerando as sete virtudes que as damas que se dedicavam à religião deveriam possuir, afirmando que “a ordem da religiom é mais digna que nenhum outro estado, e de maior graao”²²²

1º - Buscar seguir os 10 mandamentos de Deus “daque sta virtude da obediência, sobre a qual a relegiom é fundada, nom poderemos dizer maior louvor se nom aquele que a Santa escriptura diz[...]”²²³

2º - É buscar a humildade “a homildade sem a qual toda las otras vertudes, posto que as tevessem nom agradariam a Deos”²²⁴

3º - É a temperança “em a qual se contem abstinênci a”²²⁵

4º - É a paciência “porque os pacientes verdaderos podem ser chamados de filhos de Deos”²²⁶

5º - É a diligência “Aquesto se diz per grande vontade, por chegar a rejer o próprio corpo segundo o Spiritu, as quaaes cousas som necessárias aos bõõ religioso.”²²⁷

221 PIZAN. Op. Cit. p.244-245 [E primeiramente, ao que pertence declarar sobre as vestes, que aquelas que se agradam em tais trajes desordenados não fazem bem, e assim se prova pelos nobres e bons costumes antigos porque as duquesas não ousavam usar as vestes que cabiam às rainhas. Nem as condessas às que cabiam às duquesas. Nem as simples donzelas às que cabiam às condessas, mas como no presente tudo é desordem, vai assim como vai, porque em toucados nem em vestes não há regra nem ordem, porque cada um se traz como melhor pode, de qualquer estado que seja. Assim homens e mulheres se parecem e se fazem melhor que os outros (...)]

222 PIZAN. Op. Cit. p.245

223 PIZAN. Op. Cit. p.252.

224 PIZAN. **O Livro das Tres Vertudes**...Op. Cit. p.252 [a ordem religiosa é mais digna que qualquer estado e de maior grau]

225 Ibid.

226 PIZAN. O Livro das Tres Vertudes... Op. Cit. p. 253

227 Ibidem

6º - É a Castidade “[...], a quaal se conforma toda honestidade[...]

²²⁸

7º - Finalmente é a benevolência “concordança ou be nivolencia, a qual é, a vos outras necessária, a qual a vós havees d’amar e cm grande diligencia ter os vossos conventos[...]

²²⁹

O segundo livro tratou dos conselhos às donzelas e senhoras que viviam na corte, com os ensinamentos que também se aplicavam às baronesas e às mulheres que administravam suas terras e às religiosas. Cristina também deixa claro que aquelas sete virtudes deveriam ser buscadas por todas as mulheres.

A prática da benevolência ou caridade foi muito pregada e prezada durante o período que Cristina de Pizán viveu, sendo aconselhada tanto para os homens quanto para as mulheres por muitos autores religiosos, como São Luís, por exemplo.

No caso das mulheres que buscavam a sabedoria, Cristina aconselhou que elas também deveriam abrir mão do luxo, da frivolidade e do supérfluo, independentemente do estamento social, fossem virgens, viúvas ou casada, para assim suportar as dores e os infortúnios da vida com resignação inabalável.

3.5 - Os conselhos de Cristina às mulheres de estado, as burguesas e as mulheres do povo.

Na terceira parte, a menor do livro “O Tesouro da Cidade das Damas”, Cristina de Pizán seguiu aconselhando as mulheres de estado,²³⁰ as burguesas e as mulheres do povo como elas deveriam se vestir e como deveriam se guardar dos homens que as quisessem enganar.

Ela dirigiu conselhos específicos às mulheres dos mercadores, viúvas, tanto velhas como jovens, aconselhou moças e falou sobre as idosas que regeriam as moças, bem como das moças que cuidavam das idosas. Escreveu para as mulheres dos mestres e mulheres dos lavradores, para as mulheres dos servidores e para

228 Ibidem.

229 Ibidem.

230 PIZAN. O Livro das Tres Vertudes... Op. Cit. p.254-255

231 Segundo Lucimara Leite, “Mulheres de Estado” é expressão referente a mulheres casadas com homens letrados, ou com conselheiros de reis ou príncipes, ou com governadores de justiça. (LEITE, Lucimara. Christine de Pisan: **Uma visão da mulher medieval**. Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/São Paulo – 1999 – tese não publicada – p.99

servas da casa, aconselhou as prostitutas e as mulheres honestas e castas, finalizando o seu livro com conselhos para homens e mulheres pobres.

Nessa parte do livro surgiram mais uma vez como pontos principais a prudência no agir e no gastar os bens do seu marido, aqui acrescidos do modo como tratar os mais velhos, além de reafirmar que as mulheres deveriam conhecer os seus direitos para que não as enganassem. Esses temas foram tratados em seis capítulos. Os conselhos de como se vestir conforme seu estado, sobre a administração do lar e a respeito do trabalho são apresentados nos outros capítulos que encerram o livro.

Salientamos nesta parte os conselhos dados para que a mulher conservasse o amor de seu marido, de como deveria governar as suas terras e se envolver no trabalho do marido, como cuidar de se vestir segundo o seu estado, além de delimitar quais eram os ofícios do homem e da mulher representantes do estado mais baixo da sociedade.

Temos mais uma vez, a recomendação para que as mulheres se resignassem a viver conforme o seu estado, como já havia sido mencionado no livro dois. Cristina de Pizán teve um cuidado com o público ao qual se destinava este último livro, pois conhecia a limitação do acesso das mulheres do povo à leitura dos livros, assim ela limitou os conselhos e pediu que eles fossem ouvidos e repetidos para que alcançassem a todas. Assim admoestou as mulheres:

“hавemos aas outras Senhoras, assi das vertudes como da governança do viver, pela guisa que a cada huua molher perteece, de qualquer estado que ela seja, também seja dito por huuas como por as outras. Desi, poderá cada huua tomar a parte que vir que lhe convem. [...]”²³¹

Quando aconselhou as viúvas nesta terceira parte Cristina de Pizán diz que a mulher deveria adquirir um coração de homem, ou seja, deveria pensar e agir como um homem para legitimar o seu comando:

232 PIZAN, **O Livro das Tres Vertudes...** op. Cit. p. 261. [Veamos as outras mulheres, assim com as virtudes e o governo de viver, pela divisa que cada mulher pertence, de qualquer estado que ela seja dita de uma para outra. Assim cada uma poderá tomar a parte que lhe convém.]

“Desi, lhe conviirá , pera estas cousas fazer e pera regestir a todo los outros nojos (se aa cima quer viir), que ela tome coração d’homem, scilicet, constantemente e forte” [...] ²³²

Nos últimos capítulos da terceira parte do livro “O Tesouro da Cidade das Damas”, Cristina dedicou sua atenção às mulheres dos lavradores, as mulheres que trabalhavam, que ela chamou de soldadas (por receberem soldo).

Aqui podemos ressaltar a importância que Cristina de Pizán deu para a economia e o mundo do trabalho, com destaque para as mulheres de mestres e artesãos, mulheres de serviço, camareiras e mulheres dos lavradores, tratadas nos capítulos 8, 9 e 12, respectivamente.

As mulheres casadas com homens de ofício, ou ourives, armeiros, tapeceiros, pedreiros e sapateiros deveriam acordar seus maridos bem cedo e deveriam trabalhar até tarde. Elas também deveriam entender do ofício para comandar os artífices e outros mesterais ligados a casa na falta do marido. Deveriam advertir os preguiçosos e ainda aconselhar o marido sobre as mercadorias a comprar, para que não perdessem seus ganhos.

A autora mostrou mais uma vez seu ideal de mulher atuante no casamento quando descreveu o papel da mulher dos mestres de ofício, como elas deveriam, junto com eles ou na falta deles, cumprir a demanda do ofício. Cristina também as aconselhou para que fossem afetuosas, para que os maridos não desejassem ficar em companhia de homens solteiros e que se tivessem filhos, deveriam mandá-los à escola antes de ensinar-lhes um ofício.

Quanto às mulheres de serviço e soldadas, isto é, aquelas que prestavam serviços, porque a necessidade as levava a procurar emprego ainda muito novas, Cristina as aconselhou a servir a Deus e disse que elas seriam perdoadas se lhes faltava a religião, pois não tiveram quem as ensinasse a trilhar este bom caminho. Deveriam dormir tarde, levantar cedo e fazer as refeições após todos os outros, mas, por outro lado, eram dispensadas de jejuar nos dias estabelecidos pela Igreja se isso trouxesse prejuízo ao corpo. Porém, deveriam ir à Igreja, estar em oração durante o serviço, afastar-se de todos os pecados e guardar lealdade, em palavras e feitos, a seu senhor ou senhora.

233 Ibidem. p.276 [Assim lhe convirá, para estas coisas fazer e para resistir a todos os outros aborrecimentos (que virão) que ela tome um coração de homem, duro constantemente e forte]

Na sequência Cristina aconselhou as “mulheres de sandia vida”, ou seja, ela escreveu também às prostitutas. Quanto à questão da prostituição Claudia Optiz disse que “nas cidades dos finais da Idade Média, a prostituição desenvolvia-se não só como fonte de rendimentos lucrativa para os ‘donos de bordéis’ e para os funcionários públicos, mas também como técnica elementar de sobrevivência das mulheres pobres – que geralmente eram também solteiras”.²³³

Cristina intencionava reabilitar as prostitutas. Para ela, todas as mulheres poderiam ser perdoadas se sinceramente pedissem perdão a Deus. Ela apresentou, a título de ilustração, o exemplo de Maria Egípcia, que renunciou à má vida para se dedicar a Deus, tornando-se santa. Apresentou também as razões para o fato de algumas mulheres não abandonarem a má vida por motivos que justificariam o perdão: os homens que as perseguiam não o consentiriam; seu próprio medo, por sentirem que o mundo não as perdoava e as desprezava; e o desconhecimento de qualquer arte que as pudessem sustentar e lhes permitissem mudar de vida. Ela propunha o remédio por meio do qual elas poderiam deixar de ser prostitutas.

Do mesmo modo que Cristina aconselhou as damas da corte para que se mantivessem sempre ativas, ela recomendou a atividade para que as prostitutas se reabilitassem. Percebemos assim, mais uma vez, a sintonia com o pensamento de sua época, pois de acordo com Carla Casagrande “o ócio era perigoso para as mulheres. Para elas recomendavam-se atividades como fiar, tecer, bordar, coser. Aceitariam-se as suas saídas de casa se o motivo for visitar ou assistir pobres e enfermos”.²³⁴

Cristina de Pizán recomendou ainda aos pobres, homens e mulheres, a resignação e aceitação de sua condição, pois deles seriam todas as recompensas no reino dos céus. Lembremos aqui que, como bem explicitou Huizinga “o pensamento medieval estava na generalidade saturado das concepções de fé cristã”.²³⁵ Assim o futuro, o presente e até o passado estavam determinados nas Escrituras Sagradas.

Disto pode-se afirmar que Cristina de Pizán apresenta um ideal de feminilidade que é ao mesmo tempo ativo e submisso. As mulheres deveriam participar da vida do marido; dissimular a sua ação para não o desobedecer; se

234 OPTIZ, Claudia. **O Cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500)** In: DUBY, Georges (Org.). *História das Mulheres* vol 2. Porto: Afrontamento, 1998, p.412.

235 Cf. CASAGRANDE, Op. cit., p. 128.

236 HUIZINGA, Op. cit, p. 69.

interessar pela educação dos filhos; se instruir sobre seus direitos e deveres para que pudessem se defender e impedir que lhe enganassem; administrar suas rendas e conseguir ajudar o marido em todas as situações com conselhos e atos. Esta mulher idealizada e revelada nas páginas de seus livros devia promover a paz, pois a “sua natureza é mais temerosa e sua condição mais doce”²³⁶ e por isso desejava mais a paz: “A doçura da palavra da mulher quebra a aspereza do homem assim como a água por sua umidade e frieza mata o fogo”.²³⁷

Cristina de Pizán respeitava as normas sociais. Ao mesmo tempo em que propôs como fundamento de todas as virtudes a obediência das mulheres, pregou que se elas fossem consideradas sujeitos ativos mesmo numa relação de submissão ao insistir em ver reconhecido o direito das mulheres à educação e ao conhecimento. Assim, ela aceitava e ao mesmo tempo confrontava de maneira sutil a ordem estabelecida, usando como escudo o seu conhecimento e o poder político de rainhas e grandes damas, suas comitentes, para promover um avanço significativo dentro da estrutura vigente.

Todos estes elementos, além da curiosidade por se conhecer um texto escrito por uma mulher, ajudaram e ampliaram a receptividade de seu texto pelo público leitor do final da Idade Média. Também revelou o que podemos denominar de uma perspectiva feminina das questões relativas às mulheres, já que os textos da tradição eram muito limitados sobre a questão e derivados de ideias preconcebidas e negativas.

237 Cf. Pizán. Op.Cit.p92

238 Cf. Pizán. Op. Cit. p. 128.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais objetivos do nosso trabalho foi entender como Cristina de Pizán apresentou as mulheres em duas de suas obras, buscando entender o contexto em que ela viveu e escreveu e como sua erudição e habilidade nas relações da corte a tornaram uma pessoa reconhecida e respeitada, o que fez também que suas obras fossem lidas e discutidas, portadoras de questões ainda relevantes séculos mais tarde em contextos diferentes daquele em que foram escritas.

Num primeiro momento de nossa reflexão apresentamos Cristina de Pizán, seus anos de formação e como se tornou uma escritora, o que nos revelou sua posição estratégica na corte e as oportunidades que permitiram que ela escrevesse. Seu envolvimento na querela das mulheres, suas obras dedicadas a homens e mulheres ilustres de sua época, foram lidas e interpretadas através dos séculos chegando até nós.

Este trabalho não teve a pretensão de mapear a recepção das obras de Cristina de Pizán, porém julgamos pertinente a apresentação e análise das leituras e interpretações feministas das suas obras, pois ela foi considerada uma “protofeminista” ou “a primeira escritora que defendeu os direitos das mulheres”, pelas feministas do século XX, o que merece uma reflexão mais acurada do ponto de vista histórico .

Cristina teve várias obras publicadas, escreveu de três a quatro obras por ano durante seu período de maior produção, além disso copiava e ilustrava suas próprias obras, escrevendo a respeito de temas controversos e que via de regra seriam estranhos a uma mulher, como a política, o direito e as estratégias militares.

Cristina de Pizán defendeu as virtudes femininas nas suas obras escritas entre 1402 e 1430. Entre elas figuram as obras “A Cidade das damas” e “O Tesouro da Cidade das Damas”, escritos e publicados entre 1405 e 1406, aos quais dedicamos nossa análise nos capítulos 2 e 3 desse trabalho.

Nestes livros ela questionou a autoridade masculina dos grandes pensadores e poetas que contribuíram para criar uma tradição misógina e decidiu fazer frente às acusações e insultos contra as mulheres, que eram denominadas com toda sorte de epítetos negativos. Ela discutiu as qualidades intelectuais das mulheres e seu direito a educação.

Percebemos na nossa pesquisa que em seus livros ela incluiu as mulheres na humanidade também através da linguagem, quando faz uso da expressão “toda a gente” deixando os substantivos no feminino ou quando se refere aos “homens e mulheres”, ao invés do masculino dominante quando se referiria a humanidade.

Cristina de Pizán foi uma mulher douta que escreveu e publicou, que teve a sorte pouco comum de nascer numa família que valorizava as letras e a experiência científica, desde seu avô, que foi o primeiro a fazer e registrar a autópsia em uma mulher grávida até seu pai a quem ela faz referência em sua obra como apoiador de sua educação, incomum para uma menina do final do século XIV. Percebemos essa influência de observar os astros e analisar tecidos e órgãos quando em “A Cidade das Damas” ela começou argumentando com a dama Razão acerca da condição feminina a partir da criação da mulher no livro de Gênesis. Ela apresentou a ideia do corpo feminino como único e não como um homem defeituoso, ao qual faltou calor durante a gestação.

Cristina de Pizán contemplou também as possibilidades negadas às mulheres de sua época, incluindo a mulher na humanidade por ser também capaz de fazer uso da razão. Ela defendeu que as mulheres deveriam ter acesso ao conhecimento e que este não corromperia os bons costumes como diziam alguns pensadores da época, elaborando assim um projeto que também era pedagógico.

Em “A Cidade das Damas” a autora criou um mundo alternativo com a ideia de utopia moral, que era, na verdade, o próprio livro construído com mulheres ilustres, que fazia mais do que refletir sobre este outro lugar, pois servia também para pensar o tempo além do presente, já que mulheres de várias épocas se encontravam nesse resgate da memória feminina com um propósito comum, que era a construção de um refúgio seguro para elas. Este refúgio justificaria a presença das mulheres na história e seu objetivo seria convencer os homens do valor feminino.

Quando a Cidade das Damas foi concluída Cristina foi novamente “convocada” pelas três Graças, Razão, Retidão e Justiça para que novamente empunhasse sua pena e escrevesse aquele que seria “O Tesouro da Cidade das Damas”. Neste livro ela aconselhou as mulheres para que pudessem fazer parte da Cidade das Damas, ou seja, ela incentivou e ensinou as mulheres de sua época como pleitearem pelo direito de fazer parte da história juntamente com as mulheres ilustres que já integravam a Cidade das Damas.

Apontar o caminho para que todas as mulheres fizessem parte da Cidade das Damas e ensinar as mulheres com seu “ manual de educação moral” é o que Cristina de Pizán propôs no “Livro do tesouro da cidade das damas”, ensinando as mulheres a capacidade de se moldar a um ideal ético. Cristina vai, assim, desenhando seu ideal de feminilidade, não dependendo da condição social, etária ou familiar da mulher. Uma inovação deste manual reside no fato de que ele era endereçado a todas as mulheres, desde as princesas até as mulheres pertencentes às classes subalternas. Cristina de Pizán foi além da classificação usual da época, que dividia as mulheres em três estados, virgens, viúvas e casadas. Dedicando cada parte de seu livro a uma categoria de mulheres tomou o cuidado em reduzir o número de conselhos dedicados aquelas que teriam que memorizá-los porque não tinham tanta familiaridade com a palavra escrita.

Desde o seu envolvimento na querela das mulheres, os textos de Cristina de Pizán foram lidos, dados de presente, dedicados e patrocinados por nobres, o que facilitou sua divulgação e possibilitou que a autora pudesse viver das vendas de suas obras, ficando conhecida como a “primeira escritora profissional da história”.

O envolvimento com a corte remete a obra e sua autora a um duplo enfoque: primeiro, a facilidade na divulgação das obras, pois a grande maioria de leitores era da nobreza; e o outro seria o atrelamento de Cristina aos preceitos e padrões sociais da classe à qual pertencia devido ao contato muito próximo com a nobreza, o que influenciou seus escritos.

Assim, as obras de Cristina contra a misoginia e a favor da valorização do sexo feminino encontraram um terreno fértil naquela sociedade em transformação. A doença de Carlos VI e as disputas políticas em França exigiram que ela se posicionasse estrategicamente na corte e a partir de suas experiências pessoais ela aconselha e descreve questões relativas ao cotidiano das mulheres.

Podemos concluir que a escritora Cristina de Pizán percebeu um hiato onde poderia exercer a crítica demonstrando a consciência que tinha em relação à influência do pensamento e do discurso demonstrando a possibilidade da sua aplicação ao cotidiano.

As obras que analisamos nesta dissertação são as mais traduzidas, conhecidas e discutidas de Cristina de Pizán, principalmente por causa da emergência dos estudos de gênero e das pesquisas acerca da história das mulheres. Lembramos que são ainda poucos os estudos historiográficos acerca de suas obras, pois boa parte deles são do campo da linguística e da semiótica.

Mas, e as outras obras? “O Livro do Corpo Político” (*Le Livre du Corps Policie - 1406*) Cristina apontou suas estratégias de organização do Estado fazendo analogia ao funcionamento do corpo humano. Qual era a concepção política desta mulher escritora? E os livros acerca de estratégia militar como “O Livro da cavalaria” (*Le Livre des Fais d’armes et de chevalerie – 1410*) ou o “Livro de Carlos V” (*Le Livre des Fais et Bonnes meurs du sage roy Charles V – 1404*), uma biografia escrita em forma de espelho de príncipe? Talvez um estudo do conjunto das obras de Cristina de Pizán possa revelar uma sociedade medieval ainda obscura nas fontes escritas tradicionalmente pelos homens.

Outro ponto que ainda pode ser questionado é a formação de Cristina de Pizán, despertado a partir de um artigo sobre a poeta Cassandra Fedele e a influência de seu pai na sua ascensão como escritora. Qual foi a influência filosófica do pai de Cristina em suas obras? Ele publicou algum livro? Como se deu esse apoio no campo político durante a querela do Romance da Rosa?

Questões como estas e outras que ficaram em aberto, apontam caminhos para pesquisas futuras na área da historiografia, não apenas para a história das mulheres, mas para a história da França tardo-medieval, que pode ser privilegiada por fontes escritas por uma mulher, quando o acesso ao campo das letras era restrito ao sexo masculino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES:

PIZAN, Christine **Le Livre de la Cité des Dames**. Traduction, Introduction par Érick Hicks et Thérèse Mareau, Paris: Stock/Moyen Âge, 1986.

PIZÁN, Christine **A Cidade das Mulheres**. Tradução de Ana Nereu. Lisboa: Coisas de ler Edição, Lda, 2007.

PIZÁN, Cristina **La Ciudad de las Damas**. Traducción, traducción, notas e bibliografía Marie-José Lemarchand . Madrid: Siruela, 2001.

PIZAN, Christine de **O livro das Três Virtudes a Insinuação das Damas** . Edição Crítica de Maria Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002

PIZAN Christine de **Le Livre des Trois Vertus**. Introduction et notes par Charity Cannon Willard. Paris: Librairie Honoré Champion, Editeur, 1989.

LIVROS E ARTIGOS:

ALMEIDA, Lélia **Mulheres que escrevem sobre mulheres que escrevem** Disponível em: <www.unisc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/letras/anais_2cooquio/mulheres_que_escrevem.pdf> Acesso em 15/09/2012

ARIES, Phillip e DUBY, Geoges. **História da Vida Privada**. Vol. 2 Da Europa Feudal a Renascença. Companhia de Bolso. 2009.

BAZZANEZI, Carla. **A mulher na Idade Média**. Campinas: Unicamp, 1986.

BENOIT, Lelita Oliveira **Feminismo Gênero e Revolução** Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/05lelita.pdf> Acesso em 28/04/2012

BESSE, Marie Graciete. **Entre le silence et le cri : la voix des femmes dans la littérature portugaise Contemporaine** Disponível em: <http://www.crimic.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/besse.pdf> > Acesso em 21/05/2012

BLOCH, R. Howard, **A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental** Tradução: Claudia Moraes, Rio de Janeiro, Editora 34, 1995

BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BERTINI, F. **La mujer medieval**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

BOHLER, Danielle Régner **Vozes literárias, Vozes místicas** in: DUBY, Georges (org.) ; PERROT, Michelle (org.) ; KLAPISCH-ZUBER, Christiane (dir.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990 v. 2

BOYER, C. **Un témoin précoce de la réception du « Manipulus florum » au début du XIV^e siècle : le recueil de sermons du dominicain Guillaume de Sauqueville.** Christine Boyer Bibliothèque de l'école des chartes Année 2006 Volume 164 Numéro 164-1

BRONISLAW, Bazcko, “**Utopía**” in: **Enciclopédia ENAUDI.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985 V.5 p. 333-396

BROUARD-ARENDS, Isabelle. “**De l’auteur à l’auteure** ». In: RACINE,N, TEBITSCH, M. (dir.) **Intellectuelles : du genre en Histoire des intellectuels.** **Bruxelle** : Editions Complexes, 2004,1

BROWN, P. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BRUSCHINI , Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (org.) **Uma questão de Gênero.** Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992

BUTLER, J.**Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CALADO, Luciana. **Saboreando o saber; a aventura intelectual de Christine de Pisan no seu “caminho de longo estudo”** Disponível em: in: <www.uesc.br/seminariomulher/anais/luciana%20eleonora%20de%20freitas%20calado.pdf >Acesso em 19/09/2012

CAMACHO, Maria Fernanda Gomes. **Literatura Medieval y Humanismo.** Artigo Disponível em:. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos93/sobre-literatura-medieval-y-humanismo/sobre-literatura-medieval-y-humanismo.shtml#literatura#ixzz2H2H93Yhm>> Acesso em 04/01/2013

CAMPBELL, Jonh., MARGOLIS Angus J. Kennedy **Christine de Pizan 2000: studies on Christine de Pizan in honour of Angus J. Kennedy.** Amsterdam [u.a.] Rodopi 2000

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **O Leitor Modelo de Umberto Eco.** Disponível em: disponível em: <<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/01/arquivos/1/16%20Jauranice%20R%20C%20-%20O%20Leitor%20Modelo%20de%20Eco.pdf>> Acesso em 08/12/2012

CASAGRANDE, Carla. **A mulher sob custódia.** In: Duby, Georges. Org. História das mulheres. Volume 2. A Idade Média. Afrontamento. 1998

CHANETON, July Edith., “**LA ciudad de las damas teorías y prácticas feministas**” Nueva Sociedad, número 155. mayo – junio 1998.

CLANCHY, Michael. “**Lei e amor na Idade Média**”. In: Justiça e legalidade: história e perspectiva. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

COELHO, Maria Helena da Cruz. **Homens, espaços e poderes. Séculos XI ao XVI.** Lisboa: Horizonte, 1990.

COMPAGNON, Antoine. Leitor. In: **O demônio da teoria.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

COSMAN, M. P. **A medieval woman's mirror of honor: the treasury of the city of ladies** Christine de Pizan. New York: Bard Hall Press/Persea books, 1989.

COSTA, Ricardo. **A Educação na Idade Média. A busca da Sabedoria como caminho para a Felicidade: al-Farabi e Ramon Llul.** In: Dimensões - Revista de História da UFES 15.

CRISPIN, Maria de Lourdes, Introdução in: PIZAN, Christine de **O livro das três virtudes.** Lisboa: Editorial Caminho, 2002

DAMASIO, Celuy Roberta. **Uma leitura de Tristão e Isolda.** Artigo Disponível em: disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/078/78damasio.htm>> Acesso em 13/12/2012

DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento.** Vol. 2. Lisboa: Editorial Estampa, 1994

DIAS, Ivone Aparecida **Mulheres e Educação na Idade Média: Damas e Religiosas** Disponível em: [http://www.rotadoromanico.com/SiteCollection Documents/Romanico_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/A_Educacao_Femini na_na_Idade_Media.pdf](http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/A_Educacao_Femini na_na_Idade_Media.pdf) Acesso em 15/09/2012

Dicionário Básico de Filosofia , 4ª Edição Atualizada, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed.,2006

DRONKE, Peter. **Las Escritoras de la edad media.** Barcelona: Critica, 1994

DUARTE, Constância Lima. **O cânone literário e a autoria feminina.** In: AGUIAR, Neuma (Org.) *Gêneros e Ciências Humanas* – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos,1997

DUBY, Georges **O Roman de la Rose** in: Duby, Georges **Idade Média Idade dos Homens:do amor e outros ensaios.** São Paulo, Companhia das letras, 2001.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens. Do amor e outros ensaios,** SP, Companhia das Letras, 1989.

DUBY, “O modelo cortês”, in Georges Duby e Michelle Perrot, **História das Mulheres no Ocidente** (vol. 2 A Idade Média). Lisboa, Afrontamento, 1993. p. 332

DUBY, Georges (org.) ; PERROT, Michelle (org.) ; KLAPISCH-ZUBER, Christiane (dir.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média.** Coimbra: Afrontamento, 1990 v. 2

DURANT, Will. **The Reformation**. New York: Simon and Schuster. 1957. "Chapter I. **The Roman Catholic Church.**" 1300-1517

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ELIAS, Norbert **A Sociedade de Corte**. Lisboa: Difel, 1990.

E-Dicionário de termos literários. Disponível em. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=803&Itemid=2> Acesso em 08/12/2012

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia **A educação feminina. Entre as funções conjugais, o governo da casa e as práticas espirituais**. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo9671.PDF> >Acesso em 10/09/2012

FERNANDES, Fabiano. **Uma cidade em conflitos: ideologia política e religiosidades no "Journal d'un bourgeois de Paris". 1405-1449**. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Disponível em: disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Fabiano%20Fernandes.pdf>> Acesso em 05/09/2012

FIGUEIREDO, A. J. **Espelho de Cristina**. Revista Brasileira de Filologia. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, vol. 3 tomos I e II, pp.117-119, 1957.

FOUCAULT, M. **Historia da Sexualidade Volume 3 – O cuidado de Si**. Editora Graal. São Paulo.1988.

FRANCO JR., Hilário. **As Utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992

GIBBONS, Rachel. **"Isabeau of Bavaria, Queen of France" (1385-1422). The Creation of a Historical Villainess**. Transactions of the Royal Historical Society, 1996. Volume 6, 5173

GRUSEC, Joan E. **Parental Socialization and Children's Acquisition of Values**. Handbook of Parenting. *Second Edition* Volume 4 Social Conditions and Applied Parenting Edited by Marc H. Bornstein *National Institute of Child Health and Human Development. New Jersey.2002*.

HANSEN, J. A. **Educando príncipes no espelho**. In: FREITAS, M. C; KUHLMANN, M. Jr. Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2002.

HEER, F. **El mundo medieval**. Madrid: Guadarrama, 1963.

HEERS, J. **El clan familiar en la Edad Media**. Barcelona, 1978.

HENTSCH, A. A. **De la littérature didactique du Moyen Age s'adressant spécialement aux femmes**. Genève: Slatkine Reprints, 1975, Reimpressão da edição de 1903.

HOLLIER, D. et al. **De la littérature française**. Paris: Bordas.

HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média**. Lisboa: Ulisseia, s/d

KELLY, Joan. **Early feminist theory and Querelle des Femmes, 1400-1789** in: *Signs: Journal of Women in Culture and Society* (Chicago: University of Chicago Press, 1975-). 8:1 (1982): 3-28.

KELLY, Joan. **Early feminist theory and Querelle des Femmes, 1400-1789** in: *Signs: Journal of Women in Culture and Society* (Chicago: University of Chicago Press, 1975-). 8:1 (1982). Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/3173793?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21100809463301> (Acesso em 16/05/2012)

KLAPISCH-ZUBER, Christiane (dir.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990. v. 2

KOLLER, Silvia Helena, **"Metodologias feministas e estudos de gênero articulando pesquisa, clínica"** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf> Acesso em 15/09/2012

LAVRABRE, Marie Claire. **De la notion de mémoire à la production des mémoires collectives**. In: CEFAL, D. (dir.). *Cultures Politiques*. Paris: PUF, 2001

LEMARCHAND- Marie José **Introducción** in: PIZÁN, Cristina **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001

LE GOFF, Jaques **Os intelectuais da Idade Média**. Lisboa: Studio Cor, _____

L'ERMITE LECLERCQ, Paulete **A Ordem Feudal(séc. XI-XIII)** in: DUBY, George e PERROT, Michelle (dir.) **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990 v. 2

LÓPEZ, Beatriz (2004), **"Cristina de Pizán. La ciudad de las damas", Letra de Dona** in **Centre Dona i Literatura, Barcelona, Centre Dona i Literatura / Universitat de Barcelona**. Disponível em: http://www.ub.edu/cdona/lletra_de_dona/fitxautora/pizan.htm Acesso em 02/09/2012

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista**. Rio de Janeiro : Vozes, 1997

LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar.

MANACORDA, Mario A. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

MIGUEL, Vinícius Valentin Raduan. **Origem e evolução dos Tribunais de Contas da França**. Disponível em: [Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2010-jun-24/origem-evolucao-tribunais-contas-franca>](http://www.conjur.com.br/2010-jun-24/origem-evolucao-tribunais-contas-franca) Acesso em 10/01/2013

MOIL, Tori. **Teoria Literária Feminista** Fuenlabrada, Madrid, 2006.

NARVAZ, Martha Giudice, KOLLER, Silvia Helena, “**Metodologias feministas e estudos de gênero articulando pesquisa, clínica**” Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf> Acesso em 15/09/2012

OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa de. **O leitor entre modelos e horizontes**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/minicursos/marcalisboacostadeoliveira.pdf> Acesso em 16/05/2012

OS IMORTAIS da Literatura Universal, **Boccaccio**. São Paulo: Abril Cultural, 1971. 20 p. p. 5-2

PERNOUD, Regine, **Christine de Pisan**, Calmann-Lévy. 1995

PEREIRA, Isaias da Rosa. “**O papel da mulher na Idade Média**”. In: A mulher na sociedade portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais. Actas do Colóquio (3: 1985: Coimbra). Instituto de História Económica e Social, Faculdade de Letras.

PERNOUD, Régine. **Idade Média: o que não nos ensinaram**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

PIERO, GIORGI **Biografia de Mondino de Luzzi di Bologna** Disponível em: <http://137.204.24.205/cis13b/bsco3/mondino/notbyed/mondnotbyed.pdf> Acesso em 14/05/2012

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo. Editora 34. _____.

PRATAS, Glória Maria D. L. **O Feminino na Arte Medieval. Artigo: Revista Mandrágora Dossiê Gênero e Religião nas artes**. (Disponível em:). Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/view/688/689> (Acesso em 07/12/2012)

QUEIROZ, Tereza A. P. , **Indivíduo e corpo político no sonho medieval**. Revista USP. São Paulo, n.41, p. 154-167, março-maio 1999.

RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel.(dir.). **Intellectuelles : du genre en Histoire des intellectuels. Bruxelle** : Editions Complexes, 2004, 1

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007

SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini dos. **Humanismo, Direito e Gênero: Pontos de Intersecção num discurso do século XVI**. In: Anais do VII Seminário

Fazendo Gênero Disponível em : <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigos9671.pdf>> Acesso em 19/09/2012

SANTOS, Giovanna Aparecida Schittini dos. **Humanismo, Direito e Gênero: pontos de intersecção num discurso do século XVI.** Disponível em:<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigos9671.pdf>> Acesso em 10/10/2008

SARANYANA, Josep Ignasi. **“La discusión medieval sobre la condicion feminina (siglos VII a XIII)** Salamanca: publicaciones universidade Pontificia de Salamanca, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** (Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Avila.) Recife: SOS Corpo, 1991.

SCOTT, Joan W. **“La querelle des femmes” no final do século XX** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200004> Acesso em 11/04/2012

SCOTT, Joan Scott, J. W. **O enigma da igualdade. Estudos Feministas**, 13(1), 11-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf> Acesso em 04/10/2012

SILVA, Paulo Thiago S. Gonçalves **Idade média, Idade das “trevas”? Uma análise da historiografia das mulheres medievais** Disponível em: http://unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/paulo1.html Acesso em 15/09/2012

SCHMITT, J. C. **Dicionário temático do ocidente medieval.** V. I .São Paulo: Edusc. 2009.

SHOWALTER, Elaine. **A crítica feminista no território selvagem.** Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SONTAG, Susan **apud RAMOS, Maria Bernadete O Brasil dos meus sonhos** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11627.pdf> Acesso em 15/07/2012

TUCHMAN, Bárbara W. **Um Espelho Distante. O Terrível século XIV.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

VASQUEZ, Maria Gabriela **Algunas reflexiones sobre Cristina de Pizán y su obra ‘La Ciudad de las damas’** Disponível em: <http://agendadelasmujeres.com.ar/pdf/reflexiones_cristina_de_pizan.pdf> Acesso em 15/04/2012

VASQUEZ, Maria Gabriela **Algunas reflexiones sobre Cristina de Pizán y su obra ‘La Ciudad de las damas** Disponível em: <http://agendadelasmujeres.com.ar/pdf/reflexiones_cristina_de_pizan.pdf> Acesso em 30/01/2012.

YUNCK, John A., **“The Venal Tongue: Lwyers and the Medieval Satirists”** Disponível em: <http://heinonline.org/HOL/LandingPage?collection>

=journals&handle=hein.journals/abaj46&div=75&id=&page=
15/09/2012

Acesso em

ZIMMERMANN, Margareth. **Christine de Pizan et le féminismes autour de 1900.** In: RIBEMONT, Bernard. (org.) Sur le chemin de longue étude. Actes du colloque d'Orléans- juillet 1995; paris: Campion, 1998

WALLACE, David and DINSHAW, Carolyn (orgs) **The Cambridge Companion to Medieval women's writing.** Cambridge: University press,2003.

WILLARD, Charity Cannon. **The writings of Christine de Pizan.** New York: Persea Books,1993.

WILLARD, C. C. **Christine de Pizan her life and works.** New York: Persea books,1990.

WILLARD, C. C. **A Medieval Woman's Mirror of Honor.** New York: Persea books, 1989.

WOLF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WUENSCH, Ana Miriam **Mundos Reflexionados: Filósofas através da história** Disponível em: http://www.creamundos.net/primeros/Revista/Edicao01/Cuestiones/Cuest_Mulheres_Filo.htm Acesso em 15/11/2011

WUENSCH, Ana Miriam **Mundos Reflexionados: Filósofas através da história** Disponível em: http://www.creamundos.net/primeros/Revista/Edicao01/Cuestiones/Cuest_Mulheres_Filo.html Acesso em 30/01/2012.

TESES E DISSERTAÇÕES:

FREITAS, Luciana Eleonora de. **A construção da imagem feminina no imaginário utópico de Christine de Pisan.** Tese (Doutorado em Letras) Centro de Artes e Comunicação- Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006

LEITE, Lucimara. **Christine de Pisan: uma visão da mulher medieval.** 190f.Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) Setor de Ciências Humanas- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999

LEITE, Lucimara **Christine de Pizan : uma resistência na aprendizagem da moral de resignação.** 223f Tese (Doutorado - em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008

Miranda, Anadir dos Reis **Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento liberal e democrático a respeito dos direitos femininos (1759-1797)** . 155 f. Dissertação (Mestrado em História) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori **Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII: gênero e sociabilidades**. 229f. Tese (Doutorado em História)- Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

APÊNDICE:

I - CRONOLOGIA DAS OBRAS DE CRISTINA DE PIZÁN (1364-1430)²³⁸

1399-1402 – Coleção de Poemas

- *Cent Ballades.*
- *Virelays.*
- *Balades d' estrange façon.*
- *Ballades de divers propôs; I – XXIX*
- *Une Complainte amoureuse (I).*
- *Lays.*
- *Rondeaux.*
- *Jeux a vendre.*

1399

- *Epistre au Dieu d'amours.*
- *Le Debat de deux amants.*
- *Le Livre de Trois jegements amoureux.*
- *Le Livre du Dit de Poissy.*

1400-1401

- *L'Epistre Othea.*
- *Le Notables moraux.*
- *Proverbes moraux.*

1401-1402

- *Le Livre des Epistres sur le Roman de la Rose.*

Editado por Érick Hicks, Paris: Champion (Bibliothèque du XV Siècle, XLIII), 1977.²³⁹

²³⁸ Esta cronologia teve como base a cronologia presente na introdução do livro **Le Livre de la Cité des Dames**. Escrita por Érick Hicks et Thérèse Mareau. (PIZAN, Christine **Le Livre de la Cité des Dames**. Traduction, Introduction par Érick Hicks et Thérèse Mareau, Paris: Stock/Moyen Âge, 1986.) a ela foram acrescentados os dados que tivemos acesso durante nossa pesquisa.

²³⁹ Foi colocado nessa cronologia a primeira edição contemporânea dos textos na sequência dos mesmos, grande parte dos manuscritos encontram-se on-line em www.pizan.lib.ed.ac.uk.

1402

- *Le Dit de la Rose.*

1402-1403

- *Une Oroison Nostre Dame.*
- *Les Quinze Joyes de Nostre Dame.*
- *Une Oroison de la vie et passion Nostre Seigneur.*
- *Le Livre du Chemin de longe etude.*

Editado por Robert Püschel, Berlim 1981

1403

- *Une Epistre a Eustache Mourel.*
- *Le Dit de la Pastoure.*

1404

- *Le Livre de la Mutacion de Fortune.*

Editado por Suzanne Solente. Paris: Picard (S.A.T.F.) 4 vol., 1959-1966.

- *Le Livre des Fais et bonnes meurs du sage roy Charles V.*

Editado por Suzanne Solente. Paris: Champion (Société de l'Histoire de France) 2 vol., 1936-1941.

1404-1405

- *Le Livre du Duc des vrais amans.*
- *Le Livre de la Cité des Dames.*

Editado por M. Curnow, These Valderbilt University, 3 vol., 1975.

1405

- *Le Livre des Trois Vertus ou Le Tresor de la Cité des Dames.*

Extratos foram publicados por Mathilde Laigle em 1912 com o título *Le Livre des Trois Vertus de Christine de Pizan et son milieu historique e literaire.*
Editado por Charity Cannon Willard. New York: Persea Books. 1989.

- *Epistre a Isabelle de Baviere.*

Editado por M. Domenica Legge, in *Anglo Norman Letters and Petitions from all Souls Ms. 182*, Oxford: Anglo-Norman Text Society, III, 1941.

- *La Vision des Christine*.

Editado por Sister Mary L.Towner, Washington D.C., The Catolic University of America, 1932 e New York: AMS Press, 1969.

1405-1406

- *Le Livre de la Prod'homie de l'homme et/ ou Le Livre de Prudence*.

Extrato publicado por Suzanne Solente in: Christine de Pisan in *Histoire Littéraire de la France*. t. XL, 1969 p. 58-59.

1406-1407

/

- *Le Livre du Corps Policie*.

Editado por H. Lucas. Genebra: Droz(T.L.F.,45), 1967.

1407-1410

- *Autre Ballade, XLV*.
- *Une Complainte amoureuse*.
- *Cent Ballades d'Amant et de Dame*.

1409

- *Sept Psaumes Allegories*.

Editado por Ruth Ringland Rains, Washington, D.C., The Catolic University of America, 1965.

1410

- *Le Livre des Fais d'armes et de chevaleire*.

Editado por Charity Cannon Willard, Chapel Hill, the University of North Carolina Press, 1970.

1412-1413

- *Le Livre de la Paix*.

Editado por Charity Cannon Willard, Gravenhage, Mouton, 1958.

1413

- *La Vision du Coq*.
(Livre perdido)

1414-1418

- *Epistre de la Prison de vie humaine.*
Editado por J. Kennedy, Londres: Grant e Cutler, 1984.

1420

- *Les Heures de contemplacion sur la Passion de Nostre Seigneur.*

1429

- *Le Ditié de Jeanne d'Arc.*
Manuscrito descoberto apenas em 1838
Editado e traduzido por J. Kennedy e Kenneth Varty, Oxford, Society for the Study of Medieval Languages and Literatura, 1977

II - CRONOLOGIA DAS CITAÇÕES DAS OBRAS DE CRISTINA DE PIZÁN (século XV até 1969) ²⁴⁰

1402

- Thomas Hoccleve fez a primeira tradução de *Epistre au Dieu d'Amour* (1399) para o inglês

1442

- Martin Le Franc em sua obra *Champion des dames*, reclamou um posto de governante para as mulheres referindo-se a Cristina de Pizán.

1447-1455

- Primeira versão portuguesa de *Trois vertus* (1405) foi mandada fazer pela rainha Isabel a partir do manuscrito que foi levado provavelmente por seu pai, o infante Pedro, sendo o único texto conhecido dessa versão o manuscrito conservado na Biblioteca Nacional de Madrid, sob o nome: *Tratado de las virtudes de las señoras*.

1460

- J. Miélot revisou a obra *Epistre d'Othea* (1400-1401) colocando-a junto com um projeto iconográfico de um manuscrito.

1475

- Brugeois Jan de Baenst traduziu *Le Livre de Cité de Dames* (1405) para o flamenco

1476

- A obra de autoria anônima *Les enseignemens que une dame laisse à ses deux fils*, cita Cristina de Pizán elogiando-a.

²⁴⁰ Essa cronologia é resultado da compilação de citações dos livros sobre a Vida e Obra de Cristina de Pizán. Principalmente Christine de Pizan 2000 (CAMPBELL, Jonh., MARGOLIS Angus J. Kennedy **Christine de Pizan 2000: studies on Christine de Pizan in honour of Angus J. Kennedy**. Amsterdam [u.a.] Rodopi 2000) Christine Pisan (PERNOUD , Regine, **Christine de Pisan**, Calmann-Lévy.1995.) e Christine de Pizan her life and works (WILLARD, C. C. **Christine de Pizan her life and works**. New York: Persea books,1990.) Outra referência que tivemos foi a página http://www.arlima.net/ad/christine_de_pizan.html.

1478

- Woodville e Jean Castel traduziram para o inglês extratos de de *Enseignements de Christine a son filz (1400-1401)* e *Proverbes moraux (1400-1401)*

1488

- Antoine Vérard fez a edição de *Livre des fais d'armes et de chevalerie*(1410) até então inédito.

1489

- O Rei Henrique VII (1485-1509) de Inglaterra pediu a tradução para o inglês da obra *Le livre des fais d'armes et de chevalerie (1410)*
Essa tradução foi feita por W. Caxton e reeditada em 1937 por A. T. P. Byles.

1497

- Antoine Vérard, o livreiro, fez a primeira impressão de *Le trésor de la cité des dames*.(1405)

1499-1500

- Phillipe Pigouchet, importante tipógrafo do século XV, publicou *Epistre d'Othea(1400-1401)* com o título *Les cent histoires de troye*.

1501

- Na obra *Le Jardin de plaisance*, escrita por Antoine Verard foi feita menção ao seu nome.
- O Poeta Jean Marot exaltou a sabedoria de Cristina de Pizán e recomendou suas obras em *La vray disant advocate des dames*:
Lisez de Thamar, la paintresse
Qui fust souveraine maistresse
De vivifier ung image
De Christine la grant sagesse²⁴¹.
- Clément Marot, filho de Jean, se dizia espantado porque as mulheres não exerciam cargos eclesiásticos e em seu *rondeau* a Jeanne Gaillard escreveu:
D'avoir le prix en science et doctrine
Bien mérita de Pisan la Cristine
Durant ses jours²⁴².

1503

²⁴¹ MAROT, Jean **apud**. RIGAUD, R. Les Idées féminists de Christine de Pisan. Genève: Slatkine, 1973. p.20.

²⁴² Ibid.

- Michel Le Noir fez a impressão de *Le trésor de la cité des dames de degré en degré et tous estatz, selon dame Christine*.

1518

- A viúva do livreiro Jean Trepperel, reedita *Epistre d'Othe*.(1401)

1518

- Foi feita uma segunda versão em português da obra *Trois vertus* (1405), com o nome de *O espelho de Cristina*, ele foi impresso por Germão de Campos a pedido da rainha Leonor.

1521

- O catálogo do Museu Britânico registrou uma tradução inglesa do livro *Cité des dames*, com o nome "*Here begynneth the boke of the City of ladies*" editada por B. Anslay.

1521

- J. Skot traduziu *Livre du corps de policie*(1407) para o inglês.

1522

- O Livreiro Philippe Le Noir reedita *Epistre d'Othea*.(1401)

1523

- Pierre de Lesnauderie, em *La louenge de mariage et recueil des hystoires des bonnes, vertueuses et illustres femmes*, citou Cristina de Pizán três vezes e a declarou « *très experte en l'art de rhétorique* ».

1527

- P. Le Noir publicou a obra *Le livre des fais d'armes et de chevalerie* com o título *L'arbre des batailles et fleur de chevalerie*.

1530

- R. Wyer traduziu *Epistre d'Othea*(1401) para o inglês sob o título *The Christine hystories of Troye*.

1536

- O escritor Jean Bouchet, de Poitiers, em sua obra *Temple de bonne Renommée*, citou Cristina de Pizán e elogiou sua eloquência e conhecimento.
- Jehan André e Denis Janot fizeram a impressão de *Le tresor de la cité des dames selon dame Christine de la cité de Pise*(com uma ecomendação junto ao título) *livre très utile et prouffitable pour l'introduction des roynes, dames, princesses et autres femmes de tous estat.*

1549

- Jean Chaperon traduziu do românico para o francês *Le chemin de long estude*. Ele também reeditou a obra alterando-a.

1584

- La Croix du Maine citou Cristina de Pizán em sua *Bibliothèque française*: « *femme tres docte en grec, latin et françois* ».
- Du Verdier, citou *Le Trésor de la Cité des Dames*, *Le Chemin de long estude* e *Le Livre de Mutation de Fortune*, sem mencionar a autora.
- Os textos de La Croix e Du Verdier foram reeditados em 1772.

1592

- Cristoval de Acosta citou Cristina de Pizán em *Tratado en loor de las mujeres*:

1636

- Gabriel Naudé, bibliotecário francês, propôs publicar *Livre de paix* e *Livre des trois vertus*. Ele Fez um estudo mais cuidadoso da obra e escreveu acerca de Cristina que ela era: “*rectissima, doctissima que, puella, candida et erudita virgo*”.

1653

- O jurista Denys Godefroy quis tornar conhecido o *Livre des fais et bonnes meurs* (1404), de Cristina de Pizán porque o abade de Choisy faz menção a algumas passagens dessa obra em seu texto sobre Charles V.
- A autora também é citada em uma lista de autores, do *Glossarium* de Du Cange.

1704

- O escritor, historiador e filósofo Ludovico Muratori revelou a intenção de publicar *Livre des fais et bonnes meurs*. (1404)

1717

- Jean Boivin de Villeneuve, bibliotecário real, publicou *Vie de Christine de Pisan*, em *Mémoires de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres*. Segundo Rose Rigaud, trata-se do principal documento sobre a biografia de Christine até o texto de Maurice Roy.

1743

- O abade Lebeuf, em *Dissertations sur l'histoire ecclésiastique et civile de Paris*, citou passagens do *Livre des fais et bonnes meurs*, precedidas de um resumo da vida e das obras de Cristina, este texto foi reproduzido em 1785 na obra *Collection universelle des mémoires particuliers relatifs à l'histoire de France*.

1751

- O abade Sallier escreveu *Notice de deux ouvrages manuscrits de Christine de Pisan*, um estudo das obras *Chemin de long estude* (1403) e *Epistre d'Othea* (1401).

1758-1759

- Prosper Marchand dedicou à autora um artigo em seu *Dictionnaire historique*.

1776

- O barão Holbach mencionou uma passagem do *Livre des fais et bonnes meurs* em *Ethocratie ou le gouvernement fondé sur la morale*.

1780

- Horace Walpole mencionou Cristina de Pizán em várias de suas cartas. A ele é atribuída a autoria da falácia que Cristina e o conde de Salisbury teriam sido amantes

1787

- A escritora e tradutora francesa Louise-Félicité de Kéralio, em *Collection des meilleurs ouvrages français composés par des femmes*, publicou extratos da obra de Cristina de Pizán o que marcou o início da recepção de suas obras no século XIX.

1824

- M. Petitot editou a obra *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy (1404)* no *Panthéon littéraire*. In: *Colección complète des mémoires relatifs à l'histoire de France, depuis le règne de Philippe Auguste, jusqu'au commencement du XXe. siècle*.

1838

- Os historiadores franceses Michaut e Poujoulat reeditaram o texto integral de *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy (1404)*, e uma terceira edição foi feita em 1892 por Desclée e Brower.

1838

- O medievalista Achille Jubinal descobriu em Berna o manuscrito da última obra de Cristina *Ditié à la louange de Jehanne d'Arc* e o publicou em seu *Rapport* ao ministro de instrução pública.

1838

- O escritor Thomassy escreveu seu *Essai sur les écrits politiques de Christine de Pizan*.

1842

- O Estudioso e escritor Paulin Paris, em *Manuscripts de la Bibliothèque du roy*, fez a impressão de algumas baladas de Cristina de Pizán acompanhadas de notas sobre a autora.

1856

- O estudioso Pougin apresentou, na biblioteca da Escola de Chartres grande parte do *Le Livre du Dit de Poissy (1399)*, considerado documento da história dessa abadia.

1880

- Gaston Paris, um dos fundadores da revista *Romania*, no Tomo IX, publicou dois artigos sobre Cristina e propôs o seguinte tema para o concurso do *Prix Bordin: Etude critique sur la vie et les oeuvres de Christine de Pisan*. Por ocasião desse prêmio, dois estudos foram apresentados e, em 1882, foi proposto novamente um estudo sobre a escritora.

1881

- O escritor Püschel publicou *Le chemin de long estude*. (1402)

1882

- O estudioso Francês L. Robineau publicou a obra *Christine de Pizan, sa vie et ses oeuvres*

1886

- O compositor alemão Friedrich Koch escreve uma tese sobre Cristina de Pizán: *Leben und Werke der Christine de Pizan*.

1886

- Maurice Roy editou *Oeuvres poétiques de Christine de Pizan*, na *Société des Anciens textes français*, acompanhada de notas literárias e bibliográficas.

1887

- F. Beck editou *Lettres sur le Roman de la Rose*.

1888

- M. A. Piaget em sua obra *Martin Le Franc: l'histoire de la littérature pour et contre les femmes avant 1442*, citou Cristina de Pizán.

1889

- O escritor e estudioso Alfred Jeanroy, em sua obra *Les origines de la poésie lyrique en France au moyen âge*, comentou a forma dos poemas da autora

1890

- O *Bulletin de la Société des Anciens Textes*, cita Cristina e a destaca em um artigo falando sobre a graça e dos sentimentos presentes em suas baladas.

1891

- Henri Duchemin escreveu a tese: *Les sources du Livre des fais et bonnes meurs*.

1896

- O Erudito francês Louis Petit de Julleville escreveu a *Histoire de la langue et de la littérature française* e citou Cristina de Pizán.

1901

- O compositor e erudito alemão W. Stavenhagen citou Cristina de Pizán em seu texto *Eine Frau als Militärschirifstellerin*, de forma masculinizada, pois para o autor ela escrevia para os homens e tinha sido eternizada por eles.

1902

- O estudioso Gustave Gröber escreveu sobre Christine: «*La mémoire de cette noble dame, la première à défendre les droits de la femme en contribuant à améliorer l'éducation de celle-ci par ses oeuvres [...]*»²⁴³

1903

- A escritora Alice A. Hentsch em sua obra *De la littérature didactique du Moyen Age s'adressant spécialement aux femmes*, analisou *Livre des trois vertus* (1405).

1904

- Foi elaborada a segunda tradução para o inglês da obra *L'epistre d'Othea* (1400).

1908

- Traduzida para o inglês a obra *Le Livre du duc des vrais amans*.(1404)

1909

- O literato G. Lanson em *Histoire de la littérature française* referiu-se a Cristina de Pizán.

²⁴³GRÖBER, G. **apud.** ZIMMERMANN, Margareth. **Christine de Pizan et le féminismes autour de 1900.** In: RIBEMONT, Bernard. (org.) Sur le chemin de longue étude. Actes du colloque d'Orléans-juillet 1995; paris: Champion, 1998. p.192

1909

- A estudiosa Mathilde Kastenberk escreveu a tese *Die Stellung der Frau in den Dichtungen der Christine de Pisan*.

1910

- O escritor T. Joran, em seu texto *Les féministes avant le féminisme*, exaltou o 'patriotismo' presente nas obras de Cristina.

1911

- Charles-Frédéric Ward apresentou tese à universidade de Chicago: *Les epistres sur le Roman de la rose sont contenues dans: The epistles on the Romance of de rose and other documents in the debate*.

1911

- M. Joran, em *Les féministes avant le féminisme*, citou Crisitna de Pizán no primeiro artigo.

1911

- Rose Rigaud escreveu *Les idées féministes de Christine de Pisan*.

1912

- Mathilde Laigle escreveu *Le livre des trois vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire*.

1914

- O advogado belga Ernest Nyss publicou *Christine de Pisan et ses principales oeuvres*, um estudo que se atém a dois textos da autora, que Nyss considerava os mais importantes: *Livre de corps de pollicie (1406)* e *Livre des fais d'armes et de chevalerie(1410)*.

1920

- Suzanne Solente escreveu a tese *Introduction historique à l'édition du Livre de fais et bonnes meurs du sage roy Charles V* e um pouco depois, em 1924, editou extratos do *Epistre de la prision de vie humaine*.

1921

- O estudioso L. Abensour escreveu *Histoire générale du féminisme*, na qual comentou sobre Cristina de Pizán.

1921

- O alemão C. Baerwolff escreveu e publicou o artigo *Christine von Pisan, ihre Auflösung und Weiterbildung der Zeitkultur*

1922-4

- O poeta e tradutor escocês Georges Campbell publica sua tese *L'Epistre d'Othea à Hector, Essai sur les sources de Christine de Pisan*.

1927

- Escritora Marie-Joséphine Pinet publicou *Christine de Pisan: 1364-1430 étude biographique et littéraire*.

1929

- O historiador J. Larnac escreveu, em *Histoire de la littérature féministe en France*, que Cristina de Pizán iniciou a *Querelle des femmes*.

1932

- M. L. Tower editou em Washington *A vision de Christine*.

1932

- A alemã Veronika Erdmann, em seu texto *Eine weiblich Minnesängerin*, reportou-se ao aniversário de morte de Christine.

1934

- Martha Rohrbach, escreveu uma tese intitulada *Christine Von Pisan*.

1936-41

- S. Solente editou o *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V.*(1404)

1937

- Gröber e Hofer, publicaram *Geschichte der mittelfranzösischen Literatur*. Nessa obra, Gröber assumiu uma posição diferente da de 1902, quando se refere a Cristina, sem fazer comentários e julgamentos.

1955

- Astrik L. Gabriel escreveu *The educational ideas of Christine de Pizan no Journal of the history of ideas.*

1958

- C. C. Willard editou *Livre de la paix.* (1412)

1959-66

- S. Solente editou *Le Livre de la Mutation de Fortune.*(1404)

1962

- J. Moulin escreve o livro *Christine de Pizan.*

1963

- C. Willard publicou o ensaio *A portuguese translation of Christine de Pizan's Livre des trois vertus in PMLA* (the journal of the Modern Language Association of America.)

1965

- K. Varty editou *Christine de Pizan: Ballades, rondeaux and virelais. An Anthology.*

1965

- R. R. Rains editou em Washington *Sept psaumes allégorisés.*

1967

- R. H. Lucas editou em Genebra o *Le Livre du corps de policie.* (1406)

1969

- C. Reno editou *L'Avison de Christine.* (1405)

1969

- Suzanne Solente escreveu um estudo sobre Cristina de Pizán e sua obra no *Extrait de l'histoire littéraire de la France.*

